



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARIA GRAZIELE BERNARDI

**REDES SOCIAIS NA MIGRAÇÃO:  
ESPAÇOS DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO**

---

Londrina  
2016

MARIA GRAZIELE BERNARDI

**REDES SOCIAIS NA MIGRAÇÃO:  
ESPAÇOS DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudia Siqueira Baltar

Londrina  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Bernardi, Maria Graziele.

Redes sociais da migração : espaços da imigração boliviana em São Paulo / Maria Graziele Bernardi. - Londrina, 2016.  
96 f. : il.

Orientador: Claudia Siqueira Baltar.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2016.

Inclui bibliografia.

1. Imigração boliviana - Tese. 2. Espaços de socialização - Tese. 3. Espaços de migração - Tese. 4. Redes sociais - Tese. I. Baltar, Claudia Siqueira . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

MARIA GRAZIELE BERNARDI

**REDES SOCIAIS NA MIGRAÇÃO:  
ESPAÇOS DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudia Siqueira Baltar  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Roberta Guimarães Peres  
Universidade Estadual de Campinas –  
UNICAMP

---

Prof. Dr. Ronaldo Baltar  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Fernando Kulaitis  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Claudinei Spirandelli  
Universidade Estadual de Londrina – Uel

Londrina, 25 de novembro de 2016.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a minha orientadora, prof. <sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Siqueira Baltar, pela confiança, pelo incentivo e paciência. A sua orientação foi essencial para a realização deste trabalho.

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida durante doze meses, fato esse que possibilitou a minha dedicação exclusiva as atividades acadêmicas.

Agradeço a todos que me ajudaram diretamente ou indiretamente na realização desta pesquisa.

Agradeço ao apoio institucional do Programa de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, aos docentes, servidores e colegas.

Agradeço aos meus familiares, em especial ao meu amado filho Gabriel Bernardi, minha querida mãe Erly, a minha avó Iria, aos meus irmãos Fernando e Ricardo, a minha cunhada Tatiane e aos meus sobrinhos.

Agradeço ao meu parceiro e sempre amigo Marcos Rodrigues da Silva.

BERNARDI. M. G. **Redes Sociais na Migração**: espaços da imigração boliviana em São Paulo. 2016. 96 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as redes sociais na migração. Na perspectiva de que as redes sociais são elementos analíticos para compreender os espaços de socialização. Assim, pretende-se demonstrar o papel das redes sociais na construção de espaços de socialização dos imigrantes bolivianos, na cidade de São Paulo. A hipótese desta pesquisa é de que as redes sociais têm papel central na construção de espaços de socialização, sendo que os espaços de socialização se diferenciam dos espaços migratórios em suas potencialidades de práticas e ações de resistências as discriminações e preconceitos no contexto urbano paulistano. Constatou-se que a organização das redes sociais, apesar de ser percebida como positiva para os imigrantes bolivianos, apresenta alguns fatores que dificultam na construção de espaços de socialização, fazendo com que essas redes sociais estabeleçam relações de resistências, como são os casos das promoções de festas devocionais e as comemorações típicas. A partir desta investigação percebeu-se que a maioria dos debates acadêmicos focam na realidade dos imigrantes bolivianos nas oficinas de costura.

**Palavras-chave:** Imigração boliviana. Espaços de socialização. Espaços de migração. Redes sociais.

BERNARDI. M. G. **Social Networks in Migration**: spaces of Bolivian immigration in São Paulo. 2016. 96 p. Dissertation (Masters in Social Sciences) - State University of Londrina, Londrina, 2016.

### **ABSTRACT**

This thesis aims to analyze social networks in migration. The perspective that social networks are analytical elements to understand the socialization spaces. Thus, we intend to demonstrate the role of social networks in building spaces for socialization of Bolivian immigrants in the city of São Paulo. The hypothesis of this research is that social networks play a central role in the construction of spaces for socialization, and socialization spaces are different migratory spaces in their potential practices and resistance actions discrimination and prejudice in the São Paulo urban context. It was found that the organization of social networks, despite being perceived as positive for Bolivian immigrants, presents some factors that hinder the construction of socialization spaces, making these social networks to establish relations of resistance, as in the case of promotions devotional festivals and typical celebrations. From this research it was observed that most academic debates focus on the reality of Bolivian immigrants in sewing shops.

**Keywords:** Bolivian immigration. Socialization spaces. Spaces migration. Social networks.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 DIMENSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA</b> .....	11
1.1 APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS DOS ESTUDOS DAS REDES SOCIAIS .....	13
1.1.1 Elementos Conceituais e Estruturais das Redes Sociais .....	13
1.1.2 Aspectos Metodológicos da Análise de Redes Sociais .....	20
1.1.3 Estudos de Redes Sociais na Migração Internacional .....	25
1.2 SÍNTESE DOS ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO E METODOLÓGICOS DAS REDES SOCIAIS.....	27
<b>2 CONTEXTO HISTÓRICO DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO BOLIVIANA</b> .....	30
2.1 A CHEGADA DOS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO .....	30
2.1.1 Fase Inicial dos Fluxos Migratórios dos Bolivianos.....	32
2.1.2 O Desenvolvimento da Indústria Têxtil no Brasil .....	36
2.1.3 A Imigração Coreana e a Reorganização do Setor de Confecção .....	39
2.1.4 A Inserção dos Imigrantes Bolivianos no Circuito de Confecções .....	42
2.1.5 A Imigração Boliviana Intensificada na Cidade de São Paulo .....	43
2.2 INSERÇÃO DOS BOLIVIANOS NO SETOR DA CONFECÇÃO APÓS OS ANOS 1980.....	44
2.3 O CONTEXTO ATUAL DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA .....	49
2.4 ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO DOS BOLIVIANOS .....	51
<b>3 REDES SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO</b> .....	55
3.1 ASSOCIAÇÃO DE RESIDENTES BOLIVIANOS .....	57
3.2 PASTORAL DOS MIGRANTES .....	61
3.3 PRAÇA DA KANTUTA .....	68
3.4 OUTROS ESPAÇOS .....	76
3.4.1 Oficinas de Costura .....	76
3.4.2 Memorial da América Latina .....	83
3.5 OS DIVERSOS TIPOS DE REDES SOCIAIS.....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92



## INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é abordar as redes sociais na migração, na perspectiva de que essas redes sociais são elementos analíticos para se compreender os espaços de socialização. Assim, pretende-se demonstrar o papel das redes sociais na construção de espaços de socialização de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo.

Partindo da ideia de que o Brasil pode ser considerado um país formado por imigrantes, e que os processos migratórios provocam mudanças demográficas, econômicas e culturais, é nesse sentido que os estudos dos fenômenos migratórios e seus efeitos vêm ganhando cada vez mais relevância no campo das Ciências Sociais (PATARRA e BAENINGER, 1996, p. 78). Dentre os fluxos migratórios que ocorrem no Brasil, destaca-se o dos bolivianos, cujo movimento migratório tem crescido vertiginosamente.

Mesmo com todos os esforços de recenseamento demográfico, não é possível afirmar um número exato dos imigrantes bolivianos residentes na cidade de São Paulo, pois se de um lado os censos apresentam dados e as entidades e as organizações os consideram como estimativas, por outro os muitos desses imigrantes desembarcam diariamente na condição de indocumentados (SILVA, 1998; DORNELAS, 1998; BONASSI, 1998).

Ainda a esse respeito, Baeninger salienta que “traço característico da imigração estrangeira no cenário da globalização é a condição de indocumentados desses imigrantes (...)” (BAENINGER, 2012, p 9). Portanto, é um desafio para os estudos de migrações o dimensionamento populacional. Cabe esclarecer que esta pesquisa não se propõe a dimensionar a população de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo.

Os estudos de redes sociais podem ser considerados um “novo movimento teórico”, que ganhou prestígio por possibilitar a incorporação da dimensão analítica microestrutural sem desconsiderar as dimensões macroestruturais (ALMEIDA e BAENINGER, 2013, p. 29). Este trabalho se propõe a dialogar com os estudos já existentes sobre a temática, porém a partir do enfoque das redes sociais na construção de espaços de socialização, levando em conta as práticas culturais e cotidianas dos imigrantes bolivianos.

Sendo assim, esta pesquisa não pretende criar modelos analíticos da migração, de redes sociais, espaços ou de práticas cotidianas e culturais, mas sim entender como os imigrantes bolivianos são tratados e reagem quando inseridos em redes sociais no contexto urbano paulistano.

A imigração boliviana para a cidade de São Paulo iniciou-se em meados dos anos de 1950; passados mais de 65 anos, tem se percebido que o perfil é ligeiramente diferente daquela primeira geração. Muitos desses imigrantes provinham da classe média e eram estudantes que chegavam ao Brasil para concluir cursos de graduação e pós-graduação incentivados pelos acordos bilaterais de intercâmbios acadêmicos e cooperação científica (SILVA, 2008; 2012). Com a conclusão dos estudos e capacitados para se inserir no mercado de trabalho, muitos bolivianos optaram por aqui permanecer e realizar atividades profissionais, tais como as de médico, advogado, dentista e outras (SILVA, 2009; OLIVEIRA e BAENINGER, 2012; SILVA, 1998; 2008; 2012).

Já nos anos de 1960 e 1970, foi possível notar novas motivações para explicar o processo migratório dos bolivianos. Neste período, imigrantes não apenas a Bolívia, mas vários países da América Latina, que passavam por crises políticas e econômicas, perceberam uma das soluções mais razoáveis era a de migrar para o Brasil, ainda que o Brasil também vivenciasse uma ditadura (SILVA, 1995;1998; SILVA, 2009; XAVIER, 2012).

Por fim, nos últimos anos da década de 1980 e início de 1990, o fluxo migratório de bolivianos ganhou maior força no Brasil. A cidade de São Paulo passou por algumas modificações geográficas e demográficas para atender as demandas da indústria da confecção, tais como as modificações que possibilitaram a acomodação de muitos imigrantes bolivianos dotados do ofício da costura (SILVA, 2009; SILVA, 1998; 2012).

A vinda constante desses imigrantes para o Brasil fez com que os bolivianos ganhassem representatividade. Desse modo, a intensa dinâmica do fluxo migratório de bolivianos, iniciado a partir da década de 1950 e incrementado em meados dos anos de 1980, colaborou para o surgimento de vários espaços migratórios, associações, organizações e instituições, como são os casos das próprias oficinas, da Associação de Residentes Bolivianos – ADRB, Pastoral dos Migrantes e Praça da Kantuta (SILVA, 2012; SILVA, 2009).

Essas instituições são consideradas, pela literatura, como redes sociais na migração, as quais são objetos de estudos recentes sobre migração internacional, especialmente em função de sua importância analítica para a compreensão tanto das relações sociais desenvolvidas no processo migratório quanto dos efeitos demográficos provocados pelos fluxos migratórios (MASSEY *et ali*, 1987; TILLY, 1990; FUSCO, 2002; FAZITO, 2002; SOARES, 2004).

Neste trabalho, por redes sociais entende-se o conjunto de relações sociais que tem como base os laços familiares, de amizades e de compatriotismo. Os principais objetivos das redes são a circulação de informações e a assistência mútua (MASSEY *et ali*, 1987).

No que diz respeito aos espaços de socialização, existem estudos que buscaram dar tratamentos metodológicos e conceituais aos espaços migratórios, como o publicado por Almeida e Baeninger. Segundo essas autoras, os espaços são aqueles possíveis de visualizar as trajetórias migratórias, identificação dos lugares de passagens, de circulações e de permanências dos imigrantes (ALMEIDA e BAENINGER, 2013, p. 29).

O problema de pesquisa desta dissertação considerou que os fluxos de bolivianos para a cidade de São Paulo são um fenômeno social, e que esse fenômeno pode ser analisado através do referencial das redes sociais, no sentido de entender a relação entre as redes sociais na migração e a construção de espaços de socialização. Diante disso, a problemática desta pesquisa é: qual é o papel das redes sociais na construção de espaços de socialização dos imigrantes bolivianos no contexto urbano paulista.

A hipótese deste trabalho é de que as redes sociais têm papel central na construção de espaços de socialização, sendo que os espaços de socialização se diferenciam dos espaços migratórios em suas potencialidades de práticas e ações de resistências as discriminações e preconceitos no contexto urbano paulistano. Além disso, existem outros espaços que não cumprem os requisitos de caracterizações de redes sociais, mas são considerados espaços que colaboram para a formação e atuação das redes sociais, como as oficinas de costura e o Memorial da América Latina.

No primeiro capítulo deste trabalho, será apresentada uma revisão bibliográfica a partir de contribuições teórico-conceituais de Massey *et ali* (1987) e

Tilly (1990) situadas no campo da Sociologia convencional e dos estudos de redes sociais clássicos, bem como de contribuições metodológicas das pesquisas de Fazito (2002), Soares (2004) e Fusco (2002). Num segundo momento, será apresentada uma síntese das diversas noções de redes sociais a serem exploradas no terceiro capítulo.

No segundo capítulo será apresentado o contexto histórico do processo da imigração boliviana, com ênfase nos fluxos migratórios decorrentes das demandas da indústria têxtil. Para tanto, num primeiro momento, é analisada a inserção da imigração boliviana no contexto da indústria de confecção na cidade de São Paulo a partir de um olhar retrospectivo; nesta análise, será privilegiada a influência desempenhada pela imigração coreana em tal processo de inserção. Num segundo momento, é apresentado um panorama geral da situação atual da imigração boliviana na cidade de São Paulo.

Já no capítulo terceiro serão transportadas as caracterizações conceituais e as contribuições teórico-metodológicas que foram sistematizadas nos capítulos anteriores, na perspectiva de apresentar o enquadramento empírico-metodológico desta pesquisa, por meio de um levantamento e de revisão de literatura. Para isso, foram selecionadas três redes sociais institucionalizadas: a *Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana*, a *Associação de Residentes Bolivianos* e a *Pastoral do Migrante*, além de dois espaços não caracterizados como redes sociais, a saber: as oficinas de costuras e o Memorial da América Latina.

Vale mencionar que entre os anos de 2004 a 2010, semanalmente, realizei compras para comercialização nos bairros ligados ao setor de confecção e concentração de imigrantes coreanos e bolivianos, especialmente no Brás, Bom Retiro e Pari, na cidade de São Paulo. Nessa atividade, tive a oportunidade de presenciar a atuação de diversos grupos e redes sociais dos imigrantes bolivianos, bem como apreender alguns dos aspectos da realidade social desse grupo. Esse fato foi um dos motivos que me levaram a estudar esse tema de pesquisa.

## 1 DIMENSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Segundo Patarra e Baerninger, no final da década de 1980 e início dos anos de 1990, o mundo presenciou grandes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas, culturais e ideológicas. Tais transformações foram estruturais e marcadas tanto pelas mudanças nas regulamentações de produção quanto pelas alterações dos padrões culturais da modernidade (PATARRA e BAERNINGER,1996). As autoras notaram que diante desse contexto de transformações os estudos das migrações internacionais vêm se tornando cada vez mais importantes (PATARRA e BAERNINGER,1996, p. 78).

Ainda que os primeiros estudos migratórios internacionais fossem remotos, foi a partir dos anos de 1990, com os contextos das transformações e com a globalização, que surgiram novas metodologias para uma melhor mensuração e compreensão dos fluxos migratórios (PATARRA e BAENINGER, 1996, p. 78), como foi o caso dos estudos de migrações através das análises de redes sociais.

Pode-se dizer que o referencial das redes sociais na migração incluiu-se entre essas novas metodologias, as quais possibilitaram a incorporação de aspectos microestruturais, sem desconsiderar os aspectos macroestruturais dos estudos migratórios (ALMEIDA e BAERNINGER, 2013 p. 26). Desse mesmo modo, esta pesquisa não faz uma separação nítida entre as dimensões micro e macroestruturais nas análises apresentadas.

Os debates sobre o fenômeno da migração internacional estão cada vez mais especializados e consagrados pelas novas teorias e as disciplinas científicas, sendo assim, não se pode negar que o objeto de estudo das migrações internacionais é interdisciplinar. Nesse sentido, as abordagens teórico-metodológicas que tratam do fenômeno das migrações estão sendo elaboradas para atender as especificidades dessas disciplinas, tais como: as Ciências Sociais, Economia, Geografia, Demografia e outras (ALMEIDA e BAERNINGER, 2013, p. 26).

Portanto, as perspectivas teórico-metodológicas sobre as migrações internacionais são variadas<sup>1</sup>. É salutar esclarecer que aqui não se pretende

---

<sup>1</sup> Soares apresenta as perspectivas teóricas sobre migração neoclássica, estruturalista, institucionalista e dos sistemas mundiais em seu artigo "Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional" (SOARES, 2004).

apresentar um panorama geral das perspectivas teórico-metodológicas explicativas das migrações internacionais, haja vista que esta pesquisa é exploratória, por se tratar de um mapeamento da literatura sobre o tema 'redes sociais na migração'. Além disso, é descritiva, porque são realizadas algumas descrições acerca do tema e uma revisão bibliográfica dos estudos selecionados (RICHARDSON, 1999).

A respeito das teorias das redes sociais nos estudos das migrações internacionais, Peixoto expõe duas possíveis explicações analíticas: “primeiro lugar, podemos referir as que salientam o papel das instituições no desencadear ou acompanhamento dos fluxos migratórios (...). Em segundo lugar, encontramos as teorias que defendem o papel das redes migratórias” (PEIXOTO, 2004, p. 29).

Aparentemente, grande parte dos estudos migratórios de redes sociais está pautado no arcabouço conceitual apresentado por Massey *et ali* (1987) e Tilly (1990). Esses autores podem ser considerados pioneiros em demonstrar a importância das redes sociais para a compreensão dos processos migratórios e as múltiplas relações mantidas entre sociedades de origem e destino (SASAKI e ASSIS, 2000; FAZITO, 2002; SOARES, 2004). Vale mencionar que este trabalho não foca as relações entre as sociedades de origem e destino.

Além disso, esta pesquisa considerou que os estudos das redes sociais são mecanismos heurísticos, com métodos e técnicas pertinentes e relevantes aos objetivos deste trabalho. Não obstante, recentemente, surgiu uma nova metodologia, a Análise de Redes Sociais, a qual se diferenciou das investigações sociológicas convencionais ou clássicas (FAZITO, 2002; SOARES, 2004). Por isso, o estudo de redes sociais na migração de bolivianos no contexto urbano mostrou-se importante para a realização desta investigação.

Neste capítulo, será apresentada uma revisão bibliográfica a partir das contribuições teórico-conceituais de Massey *et ali* (1987) e Tilly (1990) situadas no campo da Sociologia convencional e dos estudos de redes sociais clássicos, bem como das pesquisas de Fazito (2002), Soares (2004) e Fusco (2002). Num segundo

---

Sasaki e Assis debateram acerca de alguns dos teóricos da migração e como eles se articulam com os estudos contemporâneos no artigo “Teorias das Migrações Internacionais” (SASAKI e ASSIS, 2000).

Peixoto aborda o enquadramento disciplinar e as possibilidades explicativas e os pressupostos teóricos das migrações em seu trabalho “As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro Sociológicas” (PEIXOTO, 2009).

momento, será apresentada uma síntese das diversas noções de redes sociais a serem exploradas no terceiro capítulo.

## 1.1 APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS DOS ESTUDOS DAS REDES SOCIAIS

### 1.1.1 Elementos Conceituais e Estruturais das Redes Sociais

Ao tratar de redes sociais, os trabalhos apresentados por Massey *et ali* (1987) e Tilly (1990) são considerados pioneiros. Esses estudos apresentam discussões sobre os aspectos conceituais e estruturais das redes sociais, contemplando os elementos constitutivos, tais como: os laços sociais, as organizações e o desenvolvimento das redes. Esta pesquisa se apropria de parte dessas discussões.

A respeito dos laços sociais, Massey *et ali* entendem que as bases das redes de migrantes são os laços sociais que unem as comunidades de origem e destino. Esses laços ligam de algum modo os migrantes e não migrantes a uma espécie de teia complexa que complementa os papéis sociais e as relações interpessoais que são capazes de preservar, ainda que informalmente, as expectativas mútuas e comportamentos determinados na circunstância da migração internacional (MASSEY *et ali*, 1987, p. 139)<sup>2</sup>.

Em geral, um dos elementos mais comum em qualquer grupo de imigrantes são os laços sociais estabelecidos entre as comunidades de origem e destino. A tendência dos grupos é a de criar instituições que proporcionem espaços de socialização, esses espaços são aqueles marcados pelas trajetórias migratórias, identificados pela passagem, circulação e permanência dos imigrantes (ALMEIDA e BAENINGER, 2013, p. 29).

Para Tilly, as redes sociais podem ser consideradas unidades que realizam a migração; essas unidades não se resumem apenas aos indivíduos isolados nem aos grupos familiares, mas sim aos conjuntos de pessoas afinadas por laços familiares, de parentescos e por experiências no local de trabalho. Tais pessoas estão, de algum modo, já inseridas no local de destino, e podem servir de

---

<sup>2</sup> Tradução livre da autora "The social relationships that constitute migrant networks are not unique to migrants but develop as a result of universal human bonds that are molded to the special circumstances of international migration" (MASSEY *et ali*, 1987, p.139).

mediação para outros deslocamentos. Portanto, essas unidades, além de influenciar na tomada de decisão, podem causar impactos nas vidas dos imigrantes no local de destino<sup>3</sup>.

Nesse ponto, é importante esclarecer que essa pesquisa considera que as relações de experiências no local de trabalho são um elemento frágil para identificar as redes sociais, pois as relações de trabalho entre imigrantes aproximam-se da caracterização de enclaves étnicos e não de redes sociais. Por enclaves étnicos entende-se a concentração espacial dos imigrantes que organizam uma variedade de empresas para servir o seu próprio mercado, bem como a população em geral<sup>4</sup> (PORTES, 2006, p. 4). Dessa forma, as oficinas de costura, neste trabalho, não são caracterizadas como redes sociais propriamente dita, pois elas se aproximam a enclaves étnicos.

As redes sociais estabelecem diferentes relações. A esse respeito, Massey *et ali* anotam que “as relações das redes mais importantes são as baseadas nos laços de parentesco, amizade, e paisanaje, que são reforçados através de interação regular das associações voluntárias”<sup>5</sup> (MASSEY *et ali*, 1987, p. 140).

Segundo Tilly, as redes sociais possuem as seguintes características: a) organizadas de forma consciente ou não; b) prestam ajuda mútua; e c) circulam informações e divulgam as possibilidades de oportunidades na sociedade de destino. Nesse sentido, o desenvolvimento das redes tende a influenciar na tomada de decisão de migrar ou não<sup>6</sup> (TILLY, 1990), bem como na expectativa de permanecer e interagir na sociedade de origem.

---

<sup>3</sup> Tradução livre da autora: “By and large, the effective units of migration were (and are) neither individuals nor households but sets of people linked by acquaintance, kinship, and work experience who somehow incorporated American destinations into the mobility alternatives they considered when they reached critical decision-points in their individual or collective lives. (...) By and large, the effective units of migration were (and are) neither individuals nor households but sets of people linked by acquaintance, kinship, and work experience who somehow incorporated American destinations into the mobility alternatives they considered when they reached critical decision-points in their individual or collective lives” (TILLY, 1990).

<sup>4</sup> Tradução livre do trecho: “These formations were characterized by the spatial concentration of immigrants who organize a variety of enterprises to serve their own market as well as the general population” (PORTES, 2006, p. 4).

<sup>5</sup> Tradução livre do trecho: “The most important network relationships are based on kinship, friendship, and *paisanaje*” (MASSEY *et ali*, 1987, p.140).

<sup>6</sup> Tradução livre da autora: “What is more, such networks typically organized, however consciously or unconsciously, systems of information-gathering, mutual aid, and allocation of opportunities that made interdependent the decisions of individuals and households to migrate or not” (TILLY, 1990).



Para o autor, as influências das redes são estendidas para além do imigrante isolado; ou seja, mesmo que uma pessoa decida migrar sozinha, ela geralmente se baseia nas informações acionadas pelos membros das redes sociais já estabelecidas na sociedade de destino”<sup>7</sup> (TILLY, 1990).

Desse modo, as redes sociais são institucionalizadas quando estão organizadas de forma regular em associações de modo voluntário de caráter social, religioso, filantrópico e outros. Sendo assim, a Associação de Residentes Bolivianos, Pastoral dos Migrantes e Praça da Kantuta são consideradas redes sociais.

Cabe mencionar que, para Massey *et ali*, as redes podem ser ou não institucionalizadas, isto é, as redes sociais são compostas por relações sociais, que podem ser organizadas institucionalmente ou não, no entanto elas são mecanismos de manutenção dos laços sociais<sup>8</sup> (MASSEY *et ali*, 1987, p. 145). Entretanto, os autores não deixam explícitas as diferenças entre redes institucionalizadas e não institucionalizadas. Contudo, como já dito, este trabalho considera que as redes institucionalizadas são aquelas associações formadas voluntariamente e de caráter social, religioso, filantrópico entre outros.

As relações nas redes sociais são positivas não apenas para os migrantes, mas também para aqueles que permanecem no local de destino. De um lado, os migrantes que recorrem às redes sociais para compartilharem os estranhamentos, as dificuldades e os perigos encontrados no local de destino, por outro, aqueles que ficam podem contar com os laços sociais no local de origem para amenizar as saudades e a ansiedade causadas pela ausência de um ente querido<sup>9</sup> (MASSEY *et ali*, 1987, p. 140).

Sobre os laços sociais e a dinâmica migratória, Massey *et ali* apresentam uma tendência entre as conexões sociais e os laços sociais. Ou seja, “adquirirem novos significados e funções, transformando-se num conjunto de

<sup>7</sup> Tradução livre da autora: “even when migration occurred one person at a time, the migrants commonly drew on information from network members had already gone to America, and often received help as well. The frequency of remittances from emigrants to home folks and of steamship tickets prepaid at the American destination tells us as much” (TILLY, 1990).

<sup>8</sup> Tradução livre da autora: “Thus far we have considered various social relationships that make up the migrant networks, but no less important are certain institutional mechanisms that facilitate the formation and maintenance of social ties” (MASSEY *et ali*, 1987 p. 145).

<sup>9</sup> Tradução livre da autora: “(...) which are reinforced through regular interaction in voluntary associations. In moving to a strange and often hostile land, migrants naturally draw upon these familiar bonds to share the hazards and hardships of life in exile, and those left behind rely on the same ties to mitigate the loneliness and anxiety of having a loved one far away” (MASSEY *et ali*, 1987, p. 140).

relações sociais, no qual os conteúdos e sentidos são redefinidos de acordo com o contexto do migrante” (MASSEY *et ali*, 1987, p. 140)<sup>10</sup>.

Ainda a respeito dos novos significados e a sua socialização nos espaços de atuações das redes sociais, Massey *et ali* mencionam que “eventualmente, esses conhecimentos são capazes de se cristalizar num conjunto de inter-relações mútuas que define a rede de migrante”<sup>11</sup> (MASSEY *et ali*, 1987, p. 140).

Portanto, a partir das perspectivas de Massey *et ali* no que tange aos laços sociais, é possível concluir que os laços sociais são as bases que estruturam as redes. Tais laços são compostos pelos vínculos de parentescos, amizades ou compatriotismos. As relações sociais formadas a partir desses laços sociais podem reafirmar valores e/ou adquirir novos significados.

De acordo com as contribuições de Massey *et ali*, pode-se deduzir que os laços sociais são fundamentais tanto para a criação das redes sociais quanto para a sua manutenção. Os laços são reforçados ou ganham novos significados, na medida em que surgem as necessidades específicas na sociedade de destino.

A respeito das identidades culturais e as redes sociais, Tilly menciona que certamente ocorrem esforços individuais no sentido de criarem novas identidades culturais na sociedade de destino, no entanto esses esforços não dão conta de todas as mudanças necessárias, portanto, o indivíduo pode perder o controle de suas conexões interpessoais, sejam elas estabelecidas entre o grupo étnico de origem ou de destino. As grandes mudanças são descritas através dos processos em que as pessoas modificam as suas relações sociais. Tais modificações, muitas vezes, resultam na criação de novas identidades no grupo todo<sup>12</sup> (TILLY, 1990).

---

<sup>10</sup> Tradução livre do trecho: “(...) acquire new meanings and functions. They are transformed into a set of social relationships whose content and meaning are defined within the migrant context” (MASSEY *et ali*, 1987, p. 140).

<sup>11</sup> Tradução livre do trecho: “Eventually these understandings crystallize into a set of interrelationships that define the migrant network” (MASSEY *et ali*, 1987, p. 140).

<sup>12</sup> The connections among people at a given point of origin constitute the sending networks, those among people at the destination the receiving networks. The knitting together of the two creates new networks that span origin and destination. The distinction can only be rough, since many people make multiple moves, and since once a migration system, starts operating the line between “origin” and “destination” begins to blur. Nevertheless, the distinction makes sense because the characteristics of the new networks depend on the pairings that occur at the junction of origin and destination; those migrants end in very different relations to the populations at their destinations.

Além disso, o autor destaca que as transformações individuais não ocorrem em direção à cultura dominante (a cultura americana), porque essas transformações envolvem negociações de novos relacionamentos tanto dentro como entre as redes<sup>13</sup>. Então, o imigrante, ao invés de lutar por seu *status* individual lida com as pressões coletivas pela padronização.

Outro aspecto apresentado por Massey *et alii* diz respeito à coesão e à integração do imigrante na comunidade de destino. Ou seja, “as diferentes organizações de voluntariado podem servir as funções de coesão e integração dos migrantes em outras comunidades”<sup>14</sup> (MASSEY *et alii*, 1987, p. 147). Como, por exemplo, a Pastoral dos Migrantes que busca estabelecer um diálogo entre diferentes grupos de imigrantes e brasileiros.

Para Massey *et alii*, as redes sociais não se constituem de forma imediata. Elas são incrementadas gradualmente à medida que os fluxos migratórios se tornam visíveis nos locais de origens e destinos<sup>15</sup> (MASSEY *et alii*, 1987 p. 148). Como foram os casos da Associação de Residentes Bolivianos e da Praça da Kantuta que não se formaram imediatamente e vêm se incrementando de acordo com o tamanho e a dinâmica da comunidade boliviana. Assim sendo, o desenvolvimento das redes sociais está relacionado com a intensidade e consolidação dos fluxos migratórios.

A partir das análises apresentadas por Massey *et alii* e Tilly são possíveis apreender alguns aspectos semelhantes às redes sociais na migração de bolivianos na cidade de São Paulo, ainda que se tratem de contextos e períodos diferentes. Esses aspectos são descritos no decorrer deste capítulo.

Vale mencionar que Tilly complementa a discussão dos estudos das redes sociais, apontando tipos de migração. Sendo assim, o autor menciona que:

---

<sup>13</sup> Tradução livre da autora: “Wholesale transplantation badly describes a process in which people greatly transform their social relations, and often create new group identities. Instead of a series of individual transformations in the direction of a dominant American culture, migration involves negotiation of direction of new relationships both within and across networks. Instead of individual status striving, collective efforts to cope. Instead of wholesale transplantation, selective re-creation of social ties” (TILLY, 1990).

<sup>14</sup> Tradução livre do trecho: “Different voluntary organizations may serve the functions of migrant cohesion and integration in other communities” (MASSEY *et alii*, 1987 p. 147).

<sup>15</sup> Tradução livre da autora: “They emerge gradually as migration moves beyond a few adventurous individuals to involve a wider cross section of the community. The first few migrants return and on subsequent trips initiate others into the migrant process. (MASSEY *et alii*, 1987 p. 148).

A importância das redes sociais torna-se mais clara quando paramos de pensar na migração como uma única experiência homogênea, e passamos a reconhecer as suas formas contrastantes. A tipologia é grosseira, mas útil para distinguir os tipos de migração, os quais são: coagida, circular, corrente e de carreira. As distinções não desconsideram o caráter das redes sociais ligadas ao local de origem e destino.<sup>16</sup> (TILLY, 1990)

Diante disso, são quatro os tipos de migração: coagida, circular, corrente e de carreira. Para Tilly, essas distinções não impactam no caráter das redes sociais, pois elas estão interligadas<sup>17</sup> (TILLY, 1990). Essa tipologia é relevante nos estudos de migrações, mas, neste trabalho, não foi dada ênfase nesses tipos de migração por conta dos objetivos específicos da pesquisa.

De acordo com Tilly, a “migração coagida implica na separação forçada do migrante e de parte dos laços do local de origem. O seu deslocamento é forçado e se mantém pouca conexão pessoal entre outros migrantes e/ou pessoas no destino”<sup>18</sup> (TILLY, 1990). Esse tipo está relacionado ao tráfico de pessoas e/ou refugiados. Em relação à migração circular, Tilly expõe que:

A migração circular consiste na criação de um circuito regular em que os migrantes mantêm as suas reivindicações, contatos com as bases no local de origem e frequentemente retornam às suas instalações originais após um período de atividade em outras partes do circuito<sup>19</sup> (TILLY, 1990).

Tal tipo de migração é comum quando o migrante tem certeza do seu retorno, como é o caso dos migrantes temporários<sup>20</sup>. Outro tipo é a migração corrente que pode ser definida como:

---

<sup>16</sup> Tradução livre do trecho: “The importance of social networks becomes clearer when we stop thinking about migration as a single homogeneous experience, and start recognizing its sharply contrasting forms. A rough but useful typology distinguishes coerced, circular, chain, and career migration. The distinctions rest on the character of the social networks linking origin and destination”<sup>16</sup> (TILLY, 1990).

<sup>17</sup> Tradução livre da autora: “A rough but useful typology distinguishes coerced, circular, chain, and career migration. The distinctions rest on the character of the social networks linking origin and destination” (TILLY, 1990).

<sup>18</sup> Tradução livre do trecho: Coerced migration entails forced severing of most or all ties at the origin, forced departure, and little or no personal connection between the migrants and people at the destination (TILLY, 1990).

<sup>19</sup> Tradução livre do trecho: Circular migration consists of the creation of a regular circuit in which migrants retain their claims and contacts with a home base and routinely return to that base after a period of activity elsewhere in the circuit (TILLY, 1990).

A migração corrente envolve grupos de indivíduos aparentados ou familiar que se deslocam de um lugar para outro por meio de um conjunto de arranjos sociais em que as pessoas no destino prestam ajuda, informação e encorajamento para os recém-chegados;<sup>21</sup> (TILLY, 1990)

Esse tipo de migração pode ser exemplificado nos fluxos migratórios de bolivianos, dos anos 1980 e 1990, para a cidade de São Paulo. No entanto, a partir dos anos de 1990, os fluxos bolivianos passaram a ser motivados pelas oportunidades de trabalho (esse assunto será apresentado no segundo capítulo). O tipo de migração motivado pelas oportunidades de trabalho, Tilly vai denominar de migração de carreira. A essa respeito o autor expõe:

A migração de carreira, finalmente, se caracteriza pelos indivíduos e as famílias que se movem em busca de melhores oportunidades de mudar de posição, dentro ou entre as grandes estruturas, tais como: as corporações, estados e mercados de trabalho profissionais;<sup>22</sup> (TILLY, 1990)

Embora esta pesquisa considere que os laços sociais com base nas experiências de trabalho sejam um elemento frágil para identificar as redes sociais, como é o caso das oficinas de costura, porque se aproximam da definição de enclaves étnicos apresentada por Portes (2006), é relevante apresentar o debate proposto por Tilly a respeito das desigualdades sociais nas redes sociais.

Sobre esse assunto, Tilly tem uma posição radical a respeito da perpetuação da desigualdade via redes sociais. Para o autor, as redes criam e perpetuam as desigualdades sociais em relação às experiências de trabalho. Não é negado por Tilly que as redes cumpram papéis na solidariedade e na ajuda mútua dos seus membros, mas isso é uma das faces dos resultados das redes. Na análise dos efeitos das redes, nos locais de trabalho, Tilly menciona que é necessário reconhecer duas coisas: “1) os membros dos grupos de imigrantes muitas vezes exploram os outros, de um modo que não teriam coragem de explorar o nativo, e 2) a cada inclusão ocorre também uma exclusão”<sup>23</sup> (TILLY, 1990).

<sup>21</sup> Tradução livre do trecho: Chain migration involves sets of related individuals or households who move from one place to another through a set of social arrangements in which people at the destination provide aid, information, and encouragement to the newcomers (TILLY, 1990).

<sup>22</sup> Tradução livre do trecho: Career migration, finally characterizes individuals and households that move in response to opportunities to change position within or among large structures such as corporations, states, and professional labor markets (TILLY, 1990).

<sup>23</sup> Tradução livre da autora e do trecho; Networks brought into being by immigration serve to create and perpetuate inequality. Lest anyone think that solidarity and mutual aid have nothing but

Foram apresentadas brevemente as contribuições teóricas e conceituais de Massey *et ali* (1987) e Tilly (1990), as quais se resumem em: a) caracterizações de redes sociais na migração; b) identificação das bases das redes sociais; c) relação e articulação das redes sociais nos locais de origem e destino (esse item não será enfatizado neste trabalho); d) a tipologia das migrações; e) os efeitos das redes sociais. A seguir, serão tratados de forma descritiva os trabalhos de Fazito (2002), Soares (2004) e Fusco (2002) no sentido de complementar os aspectos metodológicos dos estudos de redes sociais.

### 1.1.2 Aspectos Metodológicos da Análise de Redes Sociais

Em perspectivas metodológicas, no trabalho “A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade”, Fazito (2002) apresenta algumas limitações nos estudos de redes sociais clássicos (Massey,1987; Boyd, 1989; Tilly,1990, Portes, 1995 e outros) e sugere uma nova metodologia para os estudos de redes sociais, a Análise de Redes Sociais (ARS). Dessa forma, o autor anota que “A Análise de Redes Sociais, pode ser considerada uma metodologia que se aplica ao estudo das relações entre entidade e objetos de qualquer natureza” (FAZITO, 2002).

Do mesmo modo, Soares (2004) - no artigo “Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional” - apresenta dois argumentos explicativos para lidar com o fenômeno migratório. O primeiro argumento diz respeito aos princípios teóricos e metodológicos da Análise de Redes Sociais, enquanto o segundo enfatiza as condições estruturais que permitem levar em conta os efeitos da migração internacional (SOARES, 2004).

Fazito destaca que por um lado o método da ARS é relativamente recente nas Ciências Sociais; tal método ganhou notoriedade após a consolidação de um conjunto de conceitos operacionais de análise relacional com os modelos estatísticos das redes sociais e ajustado para o problema da não independência e não linearidade das relações sociais. Por outro lado, a ARS carece de debates

---

gratifying results. We should recognize two things: 1) members of immigrant groups often exploited each other as they would not have dared to exploit the native-born, and 2) every inclusion also constitutes an exclusion. American immigration produced a remarkable specialization of work by origin, although the precise specializations varied from one locality and migrant stream to another (TILLY, 1990).

acalorados a respeito das abordagens teóricas e metodológicas dos estudos das redes sociais (FAZITO, 2002).

Ainda, para Fazito, a ARS nas Ciências Sociais, principalmente no campo dos estudos de migrações, pode ser considerada uma nova metodologia com diferentes técnicas que colaboram para a construção de uma teoria social geral, além de inter-relacional nas perspectivas analíticas micro e macroestruturais dos estudos migratórios (FAZITO, 2002). Neste ponto, observa-se que a metodologia da ARS não se limitou apenas aos aspectos microestruturais e também considerou as análises macroestruturais, tornando-se uma metodologia diferenciada do referencial clássico.

Cabe frisar que os suportes teóricos da ARS se distinguem da Sociologia convencional nos estudos das migrações (SOARES, 2004). Neste ponto, vale esclarecer que esta pesquisa privilegia as perspectivas da Sociologia convencional, mas se incorporam algumas das contribuições metodológicas da Análise de Redes Sociais.

A respeito da consolidação da Análise de Redes Sociais, Fazito expõe que “originalmente, as análises de redes eram aplicadas aos sistemas de telecomunicações e computação, circuitos elétrico-magnéticos, sistemas de engenharia (transportes) e sistemas geográficos (estudos de bacias hidrográficas, por exemplo)” (FAZITO, 2002). No entanto, o autor entende que tal método de análise foi adaptado para a ARS, focando nas análises das relações sociais no sentido de compreender os problemas mais complexos tanto na perspectiva da estrutura social quanto na ação individual (FAZITO, 2002). Cabe ressaltar que é por isso que a Análise de Redes Sociais não se limita às análises micro ou macro e busca uma integração analítica das duas perspectivas metodológicas. Essa integração é a tentativa metodológica desta pesquisa.

Ainda para Fazito, a Análise de Redes Sociais pode ser comparada a um circuito elétrico existente em diversos pontos de um sistema e que se conectam através dos fluxos de pessoas e informações. Com isso, o foco da análise de rede social migratória é o de identificar os padrões estruturais das distribuições (de pessoas, informações, bens, etc) e das localizações dos fluxos (FAZITO, 2002). A respeito dos padrões estruturais, Soares expõe que “esse tipo de análise estaria voltado, então, para o padrão regular de relação entre a estrutura social - e para os

fluxos relacionais que determinam a posição estrutural de cada um dos autores dentro da rede” (SOARES, 2004, p. 109).

Para Fazito, “o que a ARS procura fazer é estabelecer um meio objetivo de identificar conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) dentro de um sistema determinado (...)” (FAZITO, 2002). Além disso, “a característica fundamental da ARS é lidar com dados relacionais (...), ou seja, dados que expressam relações (conexões ou laços) entre objetos (nós, indivíduos, grupos) diversos” (FAZITO, 2002). Vale mencionar que o foco desta pesquisa não é traçar os pontos de origem e destino percorridos pelos fluxos de bolivianos, mas sim identificar o papel das redes sociais na construção de espaços de sociabilização; dessa forma, as relações sociais estabelecidas entre os grupos são elementos importantes.

Ainda sobre as conexões e relações, Soares expõe que na tradição da Análise de Redes Sociais, as redes sociais podem ser definidas como o “conjunto de atores ou nós (pessoas, objetos ou eventos) ligados por um tipo específico de relação. Os diferentes tipos de relações correspondem às redes diferentes, ainda que o conjunto de atores seja o mesmo” (SOARES, 2004, p. 108). Nesse ponto, o arcabouço conceitual da Análise de Redes Sociais diverge da abordagem clássica apresentada por Massey *et ali* (1987) e Tilly (1990). No entanto, não se pode negar que a caracterização apresentada pela Análise de Redes Sociais é aplicável, em especial nas análises que contemplam os aspectos micro e macrosociológicos.

Segundo Fazito, dentre as possibilidades de aplicação da Análise de Redes Sociais, nos casos de estudos migratórios, existem as seguintes possibilidades metodológicas: “1) considerar os fluxos migratórios entre duas ou mais regiões como relações (laços) e tais regiões como pontos (nós) em interação; 2) considerar as interações (laços) entre migrantes, não-migrantes e ‘instituições’ (nós) (...)”. (FAZITO, 2002).

No que tange às relações sociais na Análise de Redes Sociais, Soares menciona que “uma relação não é uma característica intrínseca ao autor considerado isoladamente; corresponde a uma propriedade que emerge dos laços entre dois ou mais atores” (SOARES, 2004, p. 109). Portanto, as relações pressupõem a interação social entre os agentes. Além disso, “as relações entre os atores de uma rede apresentam forma e conteúdo” (SOARES, 2004, p. 109).



Portanto, as relações pessoais não podem ser consideradas como parte do conjunto das relações das redes sociais.

Desse modo, Soares alerta sobre a possibilidade de análises a partir das relações entre autores e levando em conta tanto o conteúdo quanto a forma. Segundo o autor, o conteúdo é dado pela natureza dos laços sociais; enquanto a forma possui dois aspectos: (a) a intensidade ou forma dos laços entre dois atores e (b) a frequência e o grau de reciprocidade da manifestação desses laços (SOARES, 2004, p. 109). Nos estudos clássicos de redes sociais não há essa divisão explícita entre as relações e os atores.

Na Análise de Redes Sociais, as relações entre os atores são estabelecidas num contexto social específico. Essas relações sociais formam blocos que compõem as estruturas das redes sociais. Com isso, a Análise de Redes Sociais tende a focar nas relações sociais em vez dos atributos. Desse modo, as estruturas são construídas a partir das relações desenvolvidas em dado ambiente social, no qual serão expressas pelos padrões e pelas regularidades sociais (SOARES, 2004).

Assim, perceber-se que o papel das redes sociais na construção de espaços de socialização pode depender das relações entre os membros das redes e do espaço de atuação dessas redes. Portanto, tal exposição colabora para compreender o papel das redes sociais na construção de espaços de socialização, uma vez que os espaços de socialização, nesta pesquisa, são aqueles espaços capazes de perceber as trajetórias, passagem e permanência dos imigrantes. Esse assunto será melhor abordado no decorrer deste trabalho.

Outra característica metodológica da Análise de Redes Sociais exposta por Soares é a de que as redes não devem ser compreendidas como consequências apenas das relações entre os atores, pois as redes também podem constituir-se a partir das ausências de relação e da falta de laços diretos entre os autores (SOARES, 2004).

Esta questão aponta para a possibilidade das análises da construção de espaços de socialização, que de algum modo envolvem os atores ligados pelos laços sociais de parentesco, amizade e de compatriotismo, conforme apresentados por Massey *et ali* (1987).

Outra questão apresentada por Soares diz respeito às organizações sociais que têm como base as relações sociais e são diferentes daquelas que se constituem a partir dos atributos. A respeito dos atributos, o autor anota que “atributos são as qualidades inerentes à unidade que não se consideram as relações dessa mesma unidade com outras unidades ou do contexto social específico dentro do qual as qualidades são observadas” (SOARES, 2004, p. 109). Com isso, os atributos são características dos autores enquanto unidades individuais.

Na perspectiva da Análise de Redes Sociais existe uma diferença metodológica entre “rede social na migração” e “rede social migratória”. A respeito da análise de rede social migratória, Fazito anota que “especifica-se um *tipo* de rede que tem como elementos fundamentais os fluxos populacionais trocados por regiões ou territórios que compõem um sistema social” (FAZITO, 2002). Em relação à rede social na migração, o autor expõe que “no caso das redes sociais na migração, salienta-se o conteúdo e diversas dimensões das relações sociais que participam no processo social da migração” (FAZITO, 2002).

Este trabalho adotou a perspectiva do estudo das redes sociais na migração, pois não é o objetivo da pesquisa abordar os aspectos estruturais das distribuições (populacionais, de informação e de bens) nem das localizações dos fluxos, mas sim responder qual é o papel das redes sociais na construção de espaços de socialização dos bolivianos no contexto urbano paulistano, assim considerando o conteúdo e as diferentes dimensões das relações sociais desenvolvidas a partir das redes sociais.

Em suma, dentre as contribuições apresentadas por Fazito, é possível destacar dois argumentos da Análise de Redes Sociais: a) o emprego de métodos estatísticos para os estudos das redes sociais. Tais métodos, ainda que importantes nos estudos de redes sociais, não serão incorporados nesta pesquisa; b) a diferenciação entre redes sociais na migração e redes sociais migratórias. Nesta pesquisa, é incorporada essa diferenciação metodológica.

Para Soares, nos estudos de migração no âmbito dos fluxos internacionais, as contribuições da Análise de Redes Sociais podem ser divididas em três eixos: “ (a) as causas de fluxos populacionais dessa natureza [migratória]; (b) os determinantes que a eles, fluxos, conferem estabilidade/continuidade; (c) a adaptação dos migrantes à sociedade de destino” (SOARES, 2004, p. 101). A

seguir, serão apresentadas algumas das contribuições de Fusco (2002), as quais focam as redes sociais e a migração internacional.

### 1.1.3 Estudos de Redes Sociais na Migração Internacional

Ao analisar os fluxos migratórios de Governador Valadares – Minas Gerais, Wilson Fusco focou na existência, no uso e nos efeitos das redes sociais na migração internacional<sup>24</sup>. O autor, numa pesquisa realizada em julho/agosto de 1997, em Governador Valadares (MG), chamou a atenção para o fato de que os migrantes brasileiros nos Estados Unidos estavam se concentrando em destinos específicos, o que indicaria que eles eram atraídos pelas oportunidades proporcionadas pelos laços sociais (FUSCO, 2002). Com isso, Fusco privilegiou a perspectiva dos estudos das redes sociais migratórias.

Além disso, Fusco destacou algumas das especificidades no movimento de brasileiros que emigram para os Estados Unidos, a saber: a) o aumento desse fluxo migratório desenvolveu-se paralelamente com as redes sociais no local de destino; b) as regiões de origem desenvolveram estruturas de apoio e incentivo aos migrantes; c) nos locais de extensão das redes, as principais relações sociais tinham como base os laços de parentesco e amizade (FUSCO, 2002). Sendo assim, o autor utilizou-se também de parte da perspectiva clássica dos estudos de redes.

Vale ressaltar que, como já apontado, esta pesquisa utiliza-se de parte da perspectiva clássica dos estudos de migrações, dando ênfase às redes sociais na migração, a partir dos conteúdos e dimensões das relações sociais entre aqueles que participam do processo de construção dos espaços de socialização.

Fusco analisou a troca de informação entre os indivíduos que migram e aqueles que permanecem. Nesse sentido, expõe “com algumas viagens e retornos a vida no exterior começam a contagiar um número cada vez maior da população” (FUSCO, 2002). É de se notar que os fluxos migratórios de bolivianos têm a mesma lógica. Desse modo, para Silva, alguns donos de oficina em período de baixa demanda aproveitam para visitar a terra natal e retornam para São Paulo

---

<sup>24</sup> Embora Fusco utilize o termo “redes sociais na migração” e considere a metodologia da ARS, o autor não lançou mão da perspectiva da rede social na migração, mas sim a da rede social migratória.

com mais pessoas para trabalhar no setor de confecção quando necessitam de mão de obra (SILVA, 2009). No entanto, as trocas de informações não são os únicos elementos constitutivos das redes sociais.

Outro aspecto abordado por Silva e muito semelhante ao observado por Fusco são os papéis dos parentes e amigos no local de destino. Ou seja, “parentes e amigos são atraídos pela facilidade da conexão já estabelecida, ao ponto de qualquer habitante da cidade ter pelo menos um conhecido nos Estados Unidos” (FUSCO, 2002). No caso dos bolivianos, na cidade de São Paulo, “aqueles que já estão na cidade servem de ponto de apoio para que outros bolivianos venham” (SILVA, 2009, p.7).

A respeito das redes sociais e o seu funcionamento, Fusco menciona que “a formação e a utilização de redes sociais, ligando origem e destino com os fortes laços das relações familiares e de amizade, é o ingrediente que faltava para impulsionar um movimento internacional de pessoas (...)” (FUSCO, 2002). Essa discussão também é aplicável no caso das redes sociais de bolivianos.

Segundo Fusco, é preciso definir a diferença entre a estratégia de migração individual e a decisão individual de migrar. O autor esclarece que “o primeiro caso diz respeito à opção de migrar sem acompanhante (...). Já a segunda situação diz respeito à ideia de que o indivíduo decide sozinho pela migração, sem o consentimento de seus familiares” (FUSCO, 2002, p. 13).

Como já mencionado, um dos aspectos marcantes da imigração boliviana é o fato de que o fluxo se fortalece através do recrutamento de parentes e de amigos organizado em redes; sendo assim, mesmo que ocorra a migração individual, dela não se pode concluir que o imigrante (boliviano) decidiu migrar sozinho e sem o consentimento de seus familiares.

Neste capítulo, foram apresentadas duas abordagens teórico-metodológicas das redes sociais: os estudos de redes sociais clássicos, pautados nos trabalhos de Massey *et ali* (1987) e Tilly (1990), e a Análise de Redes Sociais, apresentada por Fazito (2002) e Soares (2004). Aqui não se propôs a esgotar o assunto e as especificidades das abordagens; contudo, certamente, cada uma das questões destacadas apontou vantagens e desvantagens teórico-metodológicas para esta pesquisa.

## 1.2 SÍNTESE DOS ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO E METODOLÓGICOS DAS REDES SOCIAIS

Neste tópico, serão abordadas as caracterizações das redes sociais na migração. Como mencionado anteriormente, as análises desta pesquisa são a partir da perspectiva da Sociologia convencional (MASSEY *et ali*, 1987; TILLY, 1990) e de parte das abordagens metodológicas da Análise de Redes Sociais (FAZITO, 2002; SOARES, 2004), como por exemplo as abordagens em redes sociais na migração. Nossa posição é diferenciada em parte da posição metodológica adotada de Fusco (2002), a qual focou nas redes sociais migratórias da migração internacional considerando as distribuições e localizações dos fluxos de origem e destino.

Partindo dos estudos apresentados, ressaltando que cada um deles têm objetivos específicos e problemas de pesquisas diferentes, mas que todos pertencem ao campo dos estudos de migrações, neste trabalho serão analisadas as caracterizações e as contribuições metodológicas através recortes estratégicos, na tentativa de demonstrar que redes sociais têm papel central na construção de espaços de socialização, ainda que os espaços de socialização não se confundem com espaços de migração, conforme já diferenciados este trabalho e caracterizados por ALMEIDA e BAENINGER (2013). No entanto, as práticas e as ações promovidas pelas redes sociais demonstram as relações de resistências, discriminações e preconceitos, no contexto urbano paulistano, sendo assim, as redes tendem a reforçar os laços sociais.

Em geral, as práticas e ações desenvolvidas pelas redes sociais têm a intenção de transmitir alguns aspectos das crenças e tradições da cultura boliviana para seus compatriotas e outros grupos, inclusive para brasileiros. Essa intenção é percebida como repostas as resistências de adoção das crenças e tradições da cultura local, bem como o enfrentamento das discriminações e preconceitos manifestados pela sociedade paulistana. Dessa forma, os bolivianos fortalecem as relações sociais, na medida em que eles se organizam cada vez mais em redes sociais e participam dessas práticas e ações, de modo a se tornam visíveis na cidade de São Paulo.

Nos estudos de Massey *et ali* (1987) e Tilly (1990) foram encontradas duas caracterizações de redes sociais. A primeira caracterização foi apresentada no estudo de Massey *et ali* em que as redes sociais são os conjuntos de relações sociais, tendo como base os laços familiares, de amizade e/ou compatriotismo. Além disso, as redes podem ser ou não institucionalizadas, além disso, elas são mecanismos de manutenção dos laços sociais. Essa é a caracterização adotada nesta pesquisa.

A segunda é parecida com a caracterização de Massey *et ali* (1987) e é apresentada por Tilly, a qual as redes sociais podem ser consideradas unidades que realizam a migração; essas unidades não se resumem apenas aos indivíduos isolados nem aos grupos familiares, mas sim ao conjunto de pessoas afinadas por laços familiares, parentescos e de experiências no local de trabalho (TILLY, 1990).

Para Soares, o significado de redes sociais não é o mesmo das redes pessoais. Assim, as redes sociais não se confundem com redes pessoais, pois as redes sociais formam-se e se desenvolvem para atender diferentes relações sociais e as situações específicas (SOARES, 2004), como é o caso das particularidades dos fluxos migratórios dos bolivianos.

Metodologicamente, Fazito aponta que existe uma diferenciação entre rede social migratória e rede social na migração (FAZITO, 2002). Nesta pesquisa, adotou-se a perspectiva da rede social na migração por não contemplar os elementos fundamentais dos fluxos que padronizam as distribuições populacionais de modo estrutural. Como, por exemplo, a perspectiva do estudo da migração internacional apresentado por Fusco (2002).

Por conta dos objetivos específicos da pergunta desta pesquisa é interessante mencionar três conceitos fundamentais, a saber: espaços migratórios, espaços de socialização e enclaves étnicos.

Os espaços migratórios são aqueles que "permitem ao pesquisador recompor os espaços percorridos e estruturados pelo conjunto dos fluxos relativamente estáveis e regulares dos migrantes, independentemente da origem ou do destino" (ALMEIDA e BAENINGER, 2013, p. 29).

Os espaços de socialização são os lugares pelos quais são possíveis visualizar as trajetórias migratórias, a passagem, a circulação e a permanência dos imigrantes bolivianos (ALMEIDA e BAENINGER, 2013, p. 29).

O enclave étnico é a concentração espacial dos imigrantes que organizam uma variedade de empresas para servir o seu próprio mercado, bem como a população em geral (PORTES, 2006, p. 4).

A seguir, será apresentada, no Quadro 1, a sistematização das caracterizações das redes sociais abordadas neste capítulo e adotadas nesta pesquisa.

**Quadro 1 – Caracterizações das Redes Sociais na migração**

	Caracterizações
Redes sociais	As redes sociais são os conjuntos de relações sociais tendo como base os laços familiares, de amizade e/ou compatriotismo. Além disso, elas são mecanismos de manutenção dos laços sociais.
Laços sociais	Os laços sociais que unem as comunidades de origem e destino. Esses laços ligam de algum modo os migrantes e não migrantes, que complementam os papéis sociais e as relações interpessoais que são capazes de preservar as expectativas mútuas e comportamentos pré-determinados.
Organização das redes sociais	As redes sociais não se constituem de forma imediata e consciente ou não. Elas são incrementadas gradualmente à medida que os fluxos migratórios se tornam visíveis nos locais de origens e destinos. Elas podem ser institucionalizadas ou não.
Efeitos positivos	Os efeitos são positivos para os migrantes e não migrantes. Os migrantes podem recorrer às redes sociais para compartilharem os estranhamentos, as dificuldades e os perigosos encontrados no local de destino. Aqueles que ficam podem contar com os laços sociais no local de origem para amenizar as saudades e a ansiedade causadas pelas ausências.
Efeitos negativos	Os membros das redes podem muitas vezes explorar os outros, de tal modo que não teriam coragem de explorar outro indivíduo. A cada inclusão ocorre também uma exclusão.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO BOLIVIANA

### 2.1 A CHEGADA DOS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO

A imigração boliviana no Brasil é tradicional e histórica, existindo um expressivo fluxo direcionado para a cidade de São Paulo (BAENINGER, 2012 p. 8). A respeito dessa historicidade, Peres anota que “é claro que os vínculos históricos entre os dois lados da fronteira Brasil – Bolívia existem. Dados censitários brasileiros já apontam a presença de bolivianos na região desde o fim do Século 19” (PERES, 2009, p.70). Vale destacar que Baeninger tem como recorte a imigração boliviana para São Paulo, enquanto que Peres se refere ao estudo da migração boliviana em Corumbá.

No entanto, a chegada desses imigrantes bolivianos ganhou visibilidade a partir da década de 1950. As causas emigratórias podem ser justificadas por duas vertentes: a) a busca por melhores oportunidades de ascensão econômica e social na capital paulista, o que não estava ocorrendo na Bolívia por conta dos efeitos políticos, econômicos e sociais causados pela Revolução Boliviana de 1952-1964<sup>25</sup>; b) os incentivos e facilidades proporcionados pelos acordos bilaterais aos bolivianos que se enquadravam nos perfis dos convênios bilaterais firmados (SILVA, 1995, 1997, 2006, 2012; SILVA, 2009; XAVIER, 2010, 2012; BAENINGER e FREITAS, 2011; XAVIER, 2010; GUIRADO, 2014).

Um aspecto peculiar dos primeiros imigrantes é que eles se deslocaram para o Brasil com os objetivos gerais de concluir os estudos superiores e da ascensão profissional. Desse modo, a gradativa inserção desses imigrantes, no contexto urbano paulista, ocorreu principalmente pela educação superior e pela possibilidade de permanecerem aqui após a conclusão dos estudos e exercerem as suas atividades profissionais (SILVA, 1997, 2005, 2006, 2012).

Saindo desse primeiro momento e analisando os anos de 1970-1980, a presença de bolivianos na cidade de São Paulo passou a ser notável, em especial nos bairros do centro velho ligados ao circuito têxtil da capital. Um

---

<sup>25</sup> Segundo Sidney Antônio da Silva, “o processo de concentração da terra e a dilapidação dos recursos naturais propiciaram a revolução camponesa de 1952, articulada pelo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), a qual ampliou o direito ao voto e promoveu o processo de nacionalização das minas, num momento que o negócio da mineração já estava em declínio” (2005:5-6).



importante fator que influenciou o modo de vida e o fluxo imigratório dos bolivianos foi a inserção na indústria têxtil, que inicialmente aconteceu via imigração coreana. Os coreanos, ao empreender o seu capital financeiro na abertura de comércios e fábricas de confecção e na expectativa de expandir os seus negócios, passaram a contratar a mão de obra dos imigrantes bolivianos para atender as demandas do setor de confecção (FREITAS, 2009, 2012; SOUCHAUD, 2012; TRUZZI, 2001; GALETTI, 1996; SILVA, 2009).

Após a década de 1980, foi possível identificar o fluxo intenso da imigração boliviana em direção ao setor de confecção e a sua dinâmica própria. Já em décadas recentes, a imigração boliviana ganhou volume e contornos e com notória existência de redes de recrutamentos e aliciamento de mão de obra para atender esse setor (SILVA, 2009, p.6). Além dessas redes, também existem instituições que constroem espaços de convivência e socialização, tais como: a Associação de Residentes Bolivianos – ADRB, com a missão de divulgar a cultura e prestar assistência aos bolivianos (SILVA, 2012; NÓBREGA, 2009), a Pastoral dos Migrantes - que promove atividades culturais, assistência espiritual e acolhimento aos necessitados (DORNELAS, 2008) e a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana, com a missão de organizar os grupos devocionais e festas pátrias (SILVA, 2012, p.22).

Vale mencionar que existem outras organizações que são espaços não institucionalizados, como as oficinas de costura e o Memorial da América Latina. Este trabalho pretende abordar essas redes e espaços por meio do mapeamento da literatura, na tentativa de analisar o papel das redes sociais na construção dos espaços de socialização dos imigrantes bolivianos no contexto urbano paulista.

O intuito deste capítulo é apresentar brevemente os aspectos históricos deste processo de imigração boliviana, com ênfase no estabelecimento desses imigrantes no contexto urbano, focando a indústria têxtil e as suas formas de inserção nas redes sociais e espaços de socialização. No entanto, para compreender tais aspectos, é necessário dividir o processo migratório dos bolivianos em três momentos: a) marco inicial, a partir dos anos de 1950; b) após os anos de 1980; e c) as décadas recentes, até 2014.

### 2.1.1 Fase Inicial dos Fluxos Migratórios dos Bolivianos

Embora o deslocamento dos bolivianos não tenha ocorrido apenas a partir da década de 1950<sup>26</sup>, a parte majoritária da literatura aponta que o marco inicial da imigração boliviana para a cidade de São Paulo ocorreu na década de 1950, em decorrência da Revolução Boliviana (1952-1964) e da facilitação da entrada de imigrantes bolivianos via acordos bilaterais entre Brasil-Bolívia (SILVA, 1995, 1997, 2006, 2012; SILVA, 2009; XAVIER, 2010, 2012; BAENINGER e FREITAS, 2011; MAZER 2014; GUIRADO, 2014). Ainda que exista pouca produção literária sobre essa primeira fase, é possível apresentar duas tendências explicativas para a razão da existência desse fluxo inicial.

A primeira tendência versa sobre as conjunturas política, econômica e social da Bolívia, diante do quadro recessivo de crise socioeconômica que perpassou o país após a Revolução Nacional, em que o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) governou por intermédio da figura do líder Victor Paz Estenssoro, nos anos de 1952 a 1964. Parte da literatura aponta que essa revolução modificou o cenário social, econômico e político da Bolívia. A principal proposta do MNR foi de modernizar a Bolívia por meio de uma política nacionalista e distributiva. Dentre as ações, destaca-se a reforma agrária (SILVA, 1995, 1997, 2006, 2008, 2012; FREITAS, 2009, BAENINGER e FREITAS, 2011; XAVIER, 2010; GUIRADO, 2014).

As consequências da Revolução Boliviana de 1952 foram os efeitos econômicos negativos por conta das pressões externas nas importações gerando o enfraquecimento industrial em todo país (GUIRADO, 2014) e a aceleração de processos emigratórios em direção ao Brasil (BAENINGER e FREITAS 2011).

A segunda explicação incide na questão dos incentivos migratórios relacionados aos acordos bilaterais de intercâmbios culturais e cooperação científica

---

<sup>26</sup> Segundo Iara Rolnik Xavier, “embora saibamos que existem bolivianos residindo em lugares diversos no Brasil desde o final do século XIX, sobretudo na zona fronteiriça entre os dois países (Manetta, 2009), nos arquivos históricos censitários de população fornecidos pelo IBGE (2004) observamos o primeiro registro de entrada de nacionais da Bolívia em 1938, quando foram contabilizadas 38 entradas, seguidas de quarenta no ano seguinte. Trata-se de um número bastante restrito, principalmente se comparado a outros grupos no mesmo período, como algumas nacionalidades europeias (alemães, italianos, portugueses), ou mesmo de outros países latino-americanos, como a Argentina, que tem, na mesma fonte de dados, o registro de entrada de 5674 nacionais no Brasil nesse mesmo ano, 1938” (XAVIER, 2010 p.41-42).

entre Brasil e Bolívia, firmados em meados das décadas de 1950, que estimularam a chegada da primeira geração de imigrantes bolivianos<sup>27</sup>. A respeito dos acordos bilaterais de intercâmbio, Silva menciona que, nos anos de 1950, os fluxos migratórios estavam estreitamente relacionados aos convênios de intercâmbios culturais. Muitos estudantes chegaram ao Brasil na expectativa de concluírem os seus estudos (SILVA, 1995, 2005, 2006, 2008, 2012).

Em relação aos convênios de cooperação científica Brasil-Bolívia, Xavier expõe que os convênios firmados tinham vários objetivos, tais como: resolução de questões relativas à exploração de petróleo, a solução da demarcação de terra entre Brasil e Bolívia, o desenvolvimento do transporte ferroviário e das relações comerciais, a promoção de intercâmbios culturais, entre outros (XAVIER, 2010, p.44).

Na tentativa de fundamentar esta segunda explicação, Xavier, através de dados históricos do Censo compilados pelo IBGE, observou que no ano de 1950 houve aumento no volume da entrada de bolivianos tanto em relação ao período de 1938 até 1949, quanto em relação ao período de 1952 a 1969, sendo que entre 1950 e 1951 entraram 855 bolivianos, enquanto no período de 1947 a 1949 foram registradas 69 entradas. Portanto, os dados confirmam um aumento no fluxo migratório dos bolivianos para o Brasil no primeiro ano da década de 1950. No entanto, após o período de 1950 e 1951, os números voltaram a cair, chegando a serem registradas apenas 45 entradas de bolivianos em 1969 no território brasileiro (XAVIER, 2010, p.57).

Vale destacar que, embora os dados censitários sejam as principais fontes de informação para os estudos migratórios, eles não cobrem todas as dimensões da imigração. A esse respeito, Bassanezi anota que “as estatísticas nem sempre refletem a realidade”, e ainda “adicione-se, a isto, o fato de que a migração ilegal e a reemigração ou migração de retorno, que em alguns momentos assumiram

---

<sup>27</sup> De acordo Gabriela Camargo de Oliveira e Rosana Baeninger, baseando-se em diversos autores, “os imigrantes de primeira geração seriam flutuantes, ora no país de origem, estariam na sociedade, mas não fariam parte dela (...)” (XAVIER e BAENINGER, 2012, p. 180) enquanto “a segunda geração pode ser definida como a geração filhos dos imigrantes, que nasceram ou chegaram ainda novos ao país receptor” (XAVIER e BAENINGER, 2012, p. 180). Considerando que os imigrantes bolivianos chegaram ao Brasil adultos, eles se enquadram na definição de primeira geração de bolivianos na cidade de São Paulo.

proporções razoáveis, tiveram nenhum, pouco ou falhos registros” (BASSANEZI, 1995, p. 5).

De qualquer modo, a partir dos dados apresentados e analisados por Xavier, é possível considerar que houve um relativo aumento no volume de bolivianos em relação aos períodos posteriores aos acordos bilaterais. Segundo a autora, no ano de 1947 foram registradas 256 entradas, em 1948 foram 306 e 129 em 1949, e, ainda, entre 1950 e 1951 registrou-se a vinda de 855 bolivianos (XAVIER, 2010, p.45). Isso comprova o aumento de entradas nos períodos em que os acordos foram firmados.

No entanto, a Revolução Boliviana de 1952-1964 também foi um importante fator na fase inicial da migração boliviana para a cidade de São Paulo. Não se pode negar que as experiências desses anos de instabilidade política, econômica e social somaram-se às possibilidades de melhores oportunidades de vida (por meio dos convênios) para muitos bolivianos que decidiram emigrar para o Brasil. Além disso, o cenário das relações exteriores entre o Brasil e a Bolívia potencializou e beneficiou esse processo imigratório.

Desse modo, entende-se preliminarmente que as duas tendências explicativas podem talvez se complementar no sentido de apontar um caminho para compreender tanto as possíveis motivações desse marco inicial migratório dos bolivianos quanto os fatores que incentivaram esses imigrantes a permanecerem na cidade de São Paulo.

Essas duas tendências articuladas geram a posição assumida por Silva, que argumentou que, nos anos de 1950, muitos bolivianos escolheram ir para o Brasil, estimulados pelos acordos de intercâmbio científico e cultural. Mas há diversos casos em que outros bolivianos emigraram motivados pelas crises econômicas e políticas percebidas na Bolívia, pois tais crises não lhes propiciavam oportunidades de emprego nem o pleno exercício das liberdades individuais e civis (SILVA, 2012, p.20).

Considerando o fato de que os imigrantes bolivianos se concentraram no local de destino<sup>28</sup> e se organizaram de modo a criar associações específicas, como foi o caso da criação da primeira associação boliviana em São

---

<sup>28</sup> Segundo Park, “onde indivíduos da mesma raça (a literatura contemporânea utiliza-se do termo “etnia” invés “raça”) ou da mesma vocação vivem juntos em grupos segregados, o sentimento de vizinhança tende a se fundir com antagonismos de raça e interesses” (1973, p. 34).

Paulo, a Associação dos Residentes Bolivianos do Brasil (ADRB), fundada em 1969 (SILVA, 2012; MAZER, 2014; NOBRÉGA, 2009).

Sobre isso, Ricardo Nóbrega menciona que essa associação promove atividades culturais e desportivas, além de publicar o periódico *La Puerta del Sol*, que é distribuído gratuitamente. Atualmente, a ADRB possui aproximadamente 20.000 filiados, sendo 40% profissionais liberais, 25% micro e pequenos empresários e 35% equivalem a trabalhadores e estudantes (NOBRÉGA, 2009). No terceiro capítulo, será discutido mais detalhadamente sobre a ADRB. Cabe ressaltar que, no caso dos bolivianos que chegaram ao Brasil nas décadas de 1950, não ficou evidenciado se eles se direcionaram num primeiro momento para a indústria de confecção.

Souchaud, em 2012, publicou o artigo “A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo?”, em que as referências bibliográficas utilizadas no trabalho, em sua maioria, são publicações de outros países; ou seja, a maioria não são referências brasileiras e pouco citadas em pesquisas sobre a imigração boliviana no Brasil. O autor menciona que “desde os anos 1950, a produção de roupas depende quase exclusivamente da mão de obra nacional, principalmente feminina e nativa dos outros Estados (de Estados do Nordeste, de Minas Gerais e Paraná, principalmente)” (SOUCHAUD, 2012, p. 81). A mão de obra estrangeira, na indústria de confecção, só ocorreu a partir dos anos de 1970, reafirmando, assim, a ideia de que os primeiros imigrantes bolivianos não foram atraídos pela reestruturação do setor têxtil.

Para Souchaud, “a formação de um nicho na indústria do vestuário para os imigrantes internacionais, com as características que descrevemos, tem sua origem nos anos 1970, e foi iniciada pelos coreanos” (SOUCHAUD, 2012, p. 83). Para desenvolver a discussão do desenvolvimento do setor têxtil e a inserção dos imigrantes bolivianos, o tema é dividido em partes, a saber: a) considerações sobre o desenvolvimento da indústria têxtil; b) a reestruturação da indústria têxtil a partir da imigração coreana; e c) a inserção dos bolivianos no circuito de confecções.

### 2.1.2 O Desenvolvimento da Indústria Têxtil no Brasil

Se por um lado os imigrantes coreanos colaboraram para reestruturar e desenvolver o setor têxtil da cidade de São Paulo, por outro os bolivianos impulsionaram a reestruturação do setor de confecção. Cabe, porém, adicionar que a trajetória do setor têxtil sofreu importantes mudanças. A historiografia aponta que foi no início do século XIX que surgiram as primeiras fábricas têxteis no Brasil; elas eram de pequeno porte e tinham como atividade principal a produção de tecidos de algodão.

Em um trabalho realizado por Stein acerca das origens e evolução da indústria têxtil no Brasil, chegou-se à conclusão de que o desenvolvimento da indústria têxtil pode ser dividido em três momentos: a) a formação das indústrias têxteis algodoceiras (1840-1892), b) o desenvolvimento lucrativo dessas indústrias (1892-1930), e c) a intervenção indispensável do Estado para a manutenção do desenvolvimento da indústria têxtil (1930-1950). (STEIN, 1979 p. 185).

Na fase inicial do desenvolvimento industrial têxtil, as fábricas concentravam-se, principalmente, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. A maioria dos empresários era ligada às firmas atacadistas de origem portuguesa. Nessa fase, a principal demanda era a proteção alfandegária para a preservação e expansão da indústria têxtil (STEIN, 1979, p. 185).

Num segundo momento, no período de 1892-1930, as altas taxas de lucros no setor eram atrativas para muitos empresários e investidores. De acordo com o autor, “o novo impulso dado à cultura do algodão em São Paulo, desta vez em larga escala, contribuiu, sem dúvida, para a expansão da indústria têxtil após 1918” (STEIN, 1979, p. 185); ou seja, a partir dos anos de 1918, pós-Primeira Guerra Mundial, a cidade de São Paulo passou a ser um importante polo industrial do setor têxtil. No entanto, no final dos anos de 1920, com o término da Primeira Guerra, o cenário econômico e industrial apresentou uma acentuada recessão; a crise no setor têxtil passou a ser visível em todas as regiões, sendo assim os empresários se viram pressionados a forçar uma intervenção estatal no sentido de garantir a manutenção do desenvolvimento têxtil.

Já o terceiro estágio evolutivo da indústria têxtil (1930-1950) ficou marcado pela dependência da intervenção do Estado para que esse setor

sobrevivesse e continuasse a se desenvolver (STEIN, 1979, p. 185). Em resumo: “transcorrido aproximadamente um século desde a fundação das primeiras fábricas de tecidos, a indústria têxtil de algodão transformara-se, sob alguns aspectos, em segmentos desenvolvidos de uma economia subdesenvolvida” (STEIN, 1979, p. 186).

Após os anos de 1950, o processo de desenvolvimento da indústria têxtil sofreu importantes mudanças em São Paulo. A esse respeito Kontic menciona que “a matriz do primeiro empresariado de confecções foi o imigrante do entre guerras e pós 45. Veio de encontro a circunstâncias socioeconômicas favoráveis a um rápido desenvolvimento da indústria têxtil e do vestuário” (KONTIC, 2007, p. 43). E, ainda, o autor menciona que a urbanização da cidade de São Paulo criou condições para que o mercado do comércio popular se desenvolvesse no sentido de ampliar a inserção de produtos básicos, baratos e de baixas exigências de qualidade (KONTIC, 2007, p. 43).

No Brasil, a partir dos anos de 1960 e 1970, a indústria têxtil reestrutura-se e passa a impactar na produção da moda. Cabe mencionar que os primeiros responsáveis pela reestruturação da indústria têxtil não foram os grandes investidores nem os poderosos empresários, mas sim os investidores de empresas médias, produtores de moda feminina e de mercadorias com preços acessíveis (KONTIC, 2007). A respeito dessa produção da moda, Kontic expõe que “seu produto incorporava os elementos de inovação a partir da imitação e adaptação das tendências internacionais da moda, sem que esta evolução se relacionasse com políticas de governo ou tivesse influência de alguma instituição pública de apoio técnico à produção” (KONTIC, 2007, p. 15).

Com isso, nos períodos iniciais do desenvolvimento da indústria têxtil brasileira havia uma dependência dos incentivos estatais; no entanto, num outro momento, a indústria têxtil desenvolveu-se sem a necessidade de apoios exclusivamente governamentais; porém, dependente de inovações tecnológicas e incorporações de novas técnicas trazidas por imigrantes. Nesse sentido, Kontic entende que essa fase industrial pode ser caracterizada como “indústria da moda”. No que diz respeito à indústria da moda, o autor esclarece que:

Caracteriza-se por dois aspectos pouco considerados nos estudos setoriais sobre inovação: a criação do produto se desenvolve com base na incorporação de design e tecnologia e a renovação dos produtos se dá em ciclos curtos, num sistema permanente de desenvolvimento de novos padrões (KONTIC, 2007, p. 04).

A respeito da relação tecnologias e inovações entre os empresariados imigrantes, nessa fase da indústria têxtil, Kontic expõe que os coreanos foram um dos principais responsáveis pela reestruturação do setor industrial de confecção em São Paulo (KONTIC, 2007, p. 46). Vale mencionar que nem os coreanos nem os bolivianos foram os primeiros grupos étnicos a exercerem atividades ligadas ao setor de confecção. Nesse sentido, Truzzi expõe que:

No comércio, é notória a complementariedade dos negócios entre as duas etnias [italianos e judeus]. A análise de levantamentos das firmas existentes no bairro [Bom Retiro] em 1933 e 1945 mostra que enquanto os judeus concentravam cada vez mais seus negócios no ramo de confecção, os italianos distribuíam-se entre as fábricas e lojas de alimentos (sobretudo macarrão, pão, biscoitos, doces e bebidas) e as oficinas (de móveis, serralherias, fundições, marcenarias, sapatarias, tipografias etc.). Assim sendo, cada colônia, ao mesmo tempo em que consumia produtos fabricados pela outra, também a tinha como cliente (TRUZZI, 2001, p. 28).

Retomando a discussão dos imigrantes coreanos, que se estabeleceram aqui no Brasil, em meados dos anos de 1970, e investiram na atividade têxtil e atacadista, focando em produtos populares denominados por Kontic de *carregação*<sup>29</sup>.

Para Souchaud, os produtos estrangeiros, principalmente os asiáticos, impuseram uma imensa pressão no setor industrial, o que fez com que o setor reduzisse, cada vez mais, os seus custos de produção. Essa pressão desenvolveu diferentes modalidades de transformações nos subsectores industriais (nesse caso, no setor de confecção).

Desse modo, o autor destacou as seguintes modalidades: a deslocalização, a modernização e a reestruturação. Assim, a inserção de produtos

---

<sup>29</sup> Por produtos de carregação Kontic entende que “carregação significa baixa qualidade, venda em banca no varejo popular para a grande massa trabalhadora que se instalava nas periferias da cidade e da RMSP. Em termos de produto, se traduz em fazer barato com matérias primas de segunda em esquemas de informalidade selvagem: trabalho sem carteira em oficinas próprias ou subcontratadas, com produtos os mais básicos e simples possíveis e com imitações desqualificadas dos produtos de massa, como a calça jeans, a camiseta e a camisaria de tecidos convencionais” (KONTIC, 2007, p. 41).



de confecções estrangeiros fez com que muitos polos de produções nacionais se deslocassem para diversas regiões, como é o caso do nordeste do país; tais deslocamentos justificaram-se por serem estratégias eficazes de competição no sentido de redução nos custos de mão de obra, tributários e fundiários (SOUCHAUD, 2012, p. 78).

Em relação à modernização, Souchaud anota que as novas gestões modernas trouxeram mudanças nesse setor, com isso muitos empresários imigrantes aumentaram os seus ganhos econômicos e a produtividade das mercadorias de qualidade e inovadoras. Tais mudanças no setor industrial somente foram possíveis porque houve investimentos de imigrantes na robotização e na circulação de informação (SOUCHAUD, 2012, p. 78).

No tocante à reestruturação, ela pode ser entendida como o resultado da aparição, difusão e consolidação das oficinas de costura tanto de pequeno quanto de médio porte que foram organizadas por imigrantes (SOUCHAUD, 2012, p. 78-79), como foi o caso das oficinas dos imigrantes coreanos num primeiro momento e, posteriormente, as organizadas pelos bolivianos.

### 2.1.3 A Imigração Coreana e a Reorganização do Setor de Confecção

Conforme já mencionado, a discussão sobre imigração boliviana no setor têxtil está intrinsicamente ligada à imigração coreana. Desse modo, faz-se necessária uma abordagem a respeito da imigração coreana, contemplando a sua importância para o desenvolvimento têxtil e as possíveis relações entre os dois fluxos. A imigração coreana para a cidade de São Paulo se insere no contexto migratório que se estabeleceu a partir do Plano Nacional de Desenvolvimento da Coreia do Sul. Assim, Freitas anota que “o principal objetivo do primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento da Coreia do Sul, no âmbito do qual foram estabelecidos os acordos de emigração, era dar início ao processo de industrialização e urbanização do país” (FREITAS, 2009, p. 94).

Esse primeiro projeto governamental, dos anos de 1962, era inspirado nos incentivos emigratórios do governo japonês, os quais facilitavam a migração familiar, a inserção no trabalho agrícola e a possibilidade de aquisição de terras pelos imigrantes. Do mesmo modo, o governo da Coreia do Sul elaborou sua

política emigratória; além das características citadas, o governo forneceu um subsídio de 200 dólares para cada imigrante, entregues no momento do embarque (FREITAS, 2009, p. 95). No entanto, Choi menciona que a maioria desses imigrantes coreanos favorecidos por esse projeto era de ex-militares, protestantes, de classe média, procedentes de centros urbanos e portadores de alguma experiência comercial, conseqüentemente, tentaram residir na zona rural, mas sem êxito (CHOI, 1996).

Após três anos do grande fluxo imigratório subsidiado, cerca de 90% dos coreanos residiam na cidade de São Paulo (CHOI, 1996). Grande parte deles concentrou-se na Vila Coreana<sup>30</sup> e exerceu atividades no setor da confecção ou de vendedores ambulantes (TRUZZI, 2001). Nesse sentido, Choi expõe que:

A 'Vila Coreana' era a fonte a que recorriam para se informar sobre a situação do país, sobre as possibilidades de trabalho que lhes eram oferecidas, sobretudo no ramo da confecção, a qual os coreanos se dedicaram desde o início de sua presença na cidade, dando continuidade aqui ao que faziam na Coréia (CHOI, 1996 p. 237).

Em 1972, o governo brasileiro impôs medidas restritivas à emigração asiática, porém elas não frustraram a emigração de coreanos para a cidade de São Paulo (CHOI, 1996). Assim, surgiram as rotas clandestinas de coreanos que passavam pela Bolívia e entravam no Brasil com vistos de turista emitidos via consulado boliviano (FREITAS, 2009), fortalecendo as relações sociais com base nos laços familiares e de compatriotismos como estratégias de superar as dificuldades do novo destino de ascensão social e econômica<sup>31</sup>.

Em geral, os relatos da literatura apontam que muitos imigrantes coreanos, ainda que se beneficiassem da política emigratória, chegaram empobrecidos e com pouquíssimo conhecimento da língua portuguesa (FREITAS,

---

<sup>30</sup> Segundo Freitas, os coreanos se aglomeraram num primeiro momento "na Rua Conde de Sarzedas, no bairro da Liberdade, reduto de imigrantes japoneses, em um local que passou a chamar-se "Vila Coreana" - caracterizado pelos aluguéis baratos e proximidades das áreas centrais da cidade" (FREITAS, 2009, p. 101).

<sup>31</sup> Truzzi expõe que "Há indicações de que os judeus, implantados há mais tempo no Bom Retiro em atividades ligadas aos ramos de confecções e à indústria têxtil, passaram também a se interessar pelo emprego de coreanos como costureiros, seja em oficinas, seja em trabalhos domiciliares realizados sob encomenda, ou ainda como vendedores de roupas. Aos poucos, à medida que alguns coreanos prosperavam, acabavam transitando para um negócio próprio. As peripécias e os dramas envolvendo essa fase inicial de acumulação, os quais resultaram na gradativa conquista do setor pelos coreanos, seguiram basicamente as mesmas estratégias anteriormente utilizadas pelos judeus" (TRUZZI, 2001, p. 151).

2009). A respeito da inserção dos coreanos no ramo de confecção, Truzzi expõe que “(...) as atividades de costura eram abraçadas pelos recém-chegados graças a pouca necessidade de capital (muitas fabricas de tecidos concediam prazos dilatados para pagamento das mercadorias retiradas), ao risco pequeno e à possibilidade de empregar toda a família” (TRUZZI, 2001, p. 151).

Neste ponto, destaca-se a formação de redes sociais para construir tanto nos espaços de socialização como de convivência entre os imigrantes. Essas redes sociais são organizadas com bases nos laços familiares, de amizade e de compatriotismo. Têm como principal função a prestação assistencial, circulação de informações e oportunidades econômicas; essas variáveis foram apontadas nos estudos de Massey *et ali* (1987) e Tilly (1990), mencionadas no capítulo anterior.

De acordo com Choi, a partir dos anos de 1980, a imigração coreana entrou na quinta fase de sua história<sup>32</sup>, a da “imigração em cadeia”; ainda que a autora não descreva explicitamente a definição de imigração em cadeia, como já apresentado aqui, Tilly (1990) apresenta uma definição de imigração em cadeia, que aparentemente é compatível com a ideia da autora. Assim, pode ser caracterizada pela vinda de imigrantes incentivados por familiares e entes íntimos já estabelecidos no local de destino, nesse caso, em São Paulo (GALETTI, 1996, p. 235).

A esse respeito, Truzzi anota que a prática de empregar familiares é uma estratégia similar à adotada anteriormente pelos judeus<sup>33</sup>. Tal prática visou potencializar o capital inicial investido no negócio empreendido (TRUZZI, 2001, p. 151). Do mesmo modo, Truzzi destaca que o espírito competitivo nas colônias de coreanos marcou a primeira fase de sacrifícios de todos os integrantes da família, pois tanto os mais jovens quanto os mais velhos não mediram esforços para custear as despesas, acumular capital e ascender economicamente em São Paulo (TRUZZI, 2001, p. 157).

De acordo com Galetti, “a grande cooperação mútua entre os membros da comunidade aumenta ainda mais a competitividade dos coreanos” (GALETTI, 1996, p. 140). Ou seja, a cooperação nas comunidades de imigrantes

<sup>32</sup> Segundo Choi, a história de imigração coreana pode ser dividida em cinco fases, ou seja: i) fase pré-imigratória nos períodos de 1910-1956; ii) a fase de imigração semioficial no ano de 1962; iii) fase de imigração oficial de 1963 a 1971; iv) a fase clandestina nos períodos de 1972 até 1980; e v) a imigração em cadeia iniciada a partir dos anos de 1980 (CHOI, 1996, p. 235-236).

<sup>33</sup> Roseli Galetti menciona que “ao contrário dos judeus, que mantêm empregados fixos nas fábricas, o sistema de produção dos coreanos é descentralizado” (GALETTI, 1996, p. 140).

coreanos é uma via de mão dupla: de um lado a cooperação mútua e de outro a competição entre eles.

#### 2.1.4 A Inserção dos Imigrantes Bolivianos no Circuito de Confeções

Os negócios ligados ao setor de confecção difundiram-se de tal maneira que forneceram condições atrativas para muitos imigrantes bolivianos. Num primeiro momento, eles eram empregados diretamente nas oficinas de imigrantes coreanos e, posteriormente, os serviços de mão de obra boliviana foram terceirizados pelos coreanos donos de grandes lojas do “alto mercado da moda”<sup>34</sup>. Isto é, os imigrantes bolivianos começaram a se concentrar na cidade de São Paulo por conta do aumento da demanda de mão de obra no setor têxtil.

De acordo com a pesquisa de Freitas, os imigrantes bolivianos se inseriram no ramo de confecção em dois momentos: a) com a contratação direta de mão de obra pelos donos de oficinas de costuras coreanos; b) as contratações terceirizadas dos coreanos via donos de oficinas de costuras bolivianos, que por sua vez contratavam diretamente os seus compatriotas (FREITAS, 2008).

No tocante aos imigrantes coreanos, pode-se afirmar que, em sua maioria, emigraram motivados a se estabelecer e enriquecer no setor têxtil da cidade de São Paulo. Diante das dificuldades nas atividades comerciais legalizadas, os obstáculos do domínio da língua portuguesa e problemas relativos ao cumprimento de exigências jurídicas impostas pela legislação trabalhista (encargo que aumentaria os custos de um trabalhador cerca de 160%), os coreanos passaram a investir em pequenas fabriquetas, muitas vezes informais, com em média duas ou três máquinas que eram operadas pelos seus próprios familiares, quando não por imigrantes contratados informalmente (GALETTI, 1996, p.139).

Atualmente, a atividade por excelência da comunidade coreana está voltada ao setor de confecção. De acordo com estimativas da Associação Brasileira

---

<sup>34</sup> O termo “alto mercado da moda” é utilizado por Patrícia Freitas (2008). Segunda a autora, “A partir da metade da década de 1990, os empreendimentos coreanos começam a explorar o alto mercado da moda com investimento em *design* e inovação, estabelecendo íntima conexão com os desenvolvimentos desta indústria na Coréia do Sul – com marcas e circuitos de visibilidade próprios, em competição cada vez mais direta com os setores consolidados da moda paulistana, organizados em torno dos shoppings, ruas dos jardins e eventos como o São Paulo Fashion Week” (FREITAS, 2008).

dos Coreanos<sup>35</sup>, 50% dos coreanos são atacadistas de roupas, 15% estão alojados no varejo, 20% são proprietários de fábricas de confecção, 5% exercem a função de vendedores e 1% é de profissionais liberais. Além disso, na cidade de São Paulo, há cerca de 2.500 estabelecimentos comerciais de coreanos, e 90% deles são ligados ao setor de confecções (GALETTI, 1996, p. 139-140). A seguir, será tratado do fluxo intenso da imigração boliviana.

### 2.1.5 A Imigração Boliviana Intensificada na Cidade de São Paulo

Conforme já mencionado, os imigrantes bolivianos notoriamente começaram a desembarcar no Brasil nos anos de 1950; no entanto, com a recessão econômica da Bolívia, a partir da década de 1980, eles passaram a emigrar com intensidade, sendo que muitos deles entraram no Brasil na situação de indocumentados e se estabeleceram em oficinas de costura de coreanos (GALETTI, 1996, p.141). O fato de eles entrarem e permanecerem, pelo menos num primeiro momento, na condição de indocumentados e sem autorização para trabalhar, favoreceu o trabalho informal, altos lucros e aumento nas produções nas oficinas de confecção dos coreanos.

Vale ressaltar que a comunidade de imigrantes bolivianos não forma um corpo homogêneo, sendo que o processo de imigração e a sua inserção é mais complexo do que os apontamentos relacionados ao setor de confecção.

Se por um lado é possível considerar que os coreanos demonstraram capacidades e estratégias de organização e empreendedorismo no setor de confecção, por outro, os bolivianos, na tentativa de sobreviverem na cidade de São Paulo, forneceram mão de obra barata para as oficinas de costuras chefiadas por coreanos (vale destacar que os coreanos se organizaram em comunidades com vínculos familiares para se estabelecerem e prosperarem em São Paulo. Há indícios de dificuldades de sociabilidade no local de destino, assim eles criaram várias estratégias para manter as suas identidades de origem, como foi o

---

<sup>35</sup> Dados extraídos da pesquisa realizada por Roseli Galetti, publicada em 1996. Desse modo, é possível que os dados tenham sofrido algumas alterações.

caso *Kyes*<sup>36</sup>). Diante disso, fica nítido que existem diferenças sociais, culturais e econômicas entre as comunidades de coreanos e bolivianos.

Como já foi dito, de modo geral, a socialização pode ocorrer quando grupos ou indivíduos de diferentes etnias entram em contato com outros e são capazes de compartilhar costumes, tradições, histórias, hábitos e espaços de convivências.

Nesse sentido, ficou claro que tanto o fluxo migratório dos coreanos quanto o de bolivianos para a cidade de São Paulo tornou-se indiscutivelmente fundido e circunscrito na organização do setor industrial de confecções. Esses fatos colaboraram para estabelecer um circuito migratório que exerce um papel tanto no incremento do processo migratório dos bolivianos via redes sociais consolidadas quanto na consolidação da industrialização do setor têxtil da capital paulista (SILVA, 2009, p.10).

## 2.2 A INSERÇÃO DOS BOLIVIANOS NO SETOR DA CONFECÇÃO APÓS OS ANOS 1980

A partir da década de 1980, o setor de confecção passou a se desenvolver e a se modernizar; a indústria têxtil, em São Paulo, tornou-se cada vez mais atraente para os imigrantes latino-americanos. Os bolivianos foram fortemente atraídos pelas novas oportunidades de trabalho no setor têxtil (GALETTI, 1996; SILVA, 2009).

Não resta dúvida de que a imigração coreana influenciou a inserção de milhares de bolivianos no ramo da costura<sup>37</sup>. Um dos aspectos culturais que envolvem tanto os coreanos quanto os bolivianos é a forma de recrutamento da mão

---

<sup>36</sup> Segundo Galetti, “outro fator do sucesso dos coreanos no setor de confecções é a forma de assistência mútua existente entre os membros da comunidade, denominada *Kyes*. Funciona como uma espécie de consórcio financeiro entre amigos. Esse sistema de autofinanciamento através da cooperação, impregnado há séculos na cultura coreana, ajudou principalmente os migrantes clandestinos, que não podiam pedir empréstimos bancários. As pessoas com capital, ao invés de investirem no mercado financeiro, participavam de diferentes *Kyes*, que acabaram alavancando muitos projetos individuais de conterrâneos. O organizador de cada *Kyes* determina o valor da contribuição e sua duração – de 12 a 36 meses, dependendo do número de integrantes. O descumprimento do pagamento do *Kyes* é punido com a expulsão da comunidade” (GALETTI, 1996, p. 140).

<sup>37</sup> Destaca-se que, segundo Freitas e Baeninger, para compreender a concentração de imigrantes bolivianos nas oficinas de costuras e a vinculação de empreendimentos comerciais dos coreanos na cidade de São Paulo, faz-se necessária a análise das determinantes histórico-estruturais a fim de encontrar as respostas adequadas ao aumento da produtividade e competitividade nos mercados locais e internacionais (FREITAS e BAENINGER, 2010, p. 280-281).

de obra nas oficinas de costuras, mesmo que os contextos e as conjunturas sócio-políticas sejam diferentes: os dois grupos étnicos recrutam e empregam outros imigrantes.

Desse modo, Silva anota que “o circuito que, a princípio, serviu para a migração dos coreanos passou a ser acionado também para a migração dos próprios bolivianos, cada qual ocupando lugares distintos nesta cadeia produtiva” (SILVA, 2009, p. 7). Nota-se, ainda, que a relação entre coreanos e bolivianos era de dependência. Num primeiro momento, os bolivianos empregavam mão de obra de baixos custos para as oficinas de coreanos e, num segundo, prestavam serviços terceirizados com renumerações por peças (GALETTI, 1996, p. 141).

Em meados dos anos 1990, a indústria de confecção passou a se desenvolver em grande escala, influenciando cada vez mais a dinâmica econômica da cidade de São Paulo. Os imigrantes bolivianos passaram a ter mais notoriedade e autonomia relativa no ramo de costuras (FREITAS, 2012; SILVA, 1998). Alguns passaram a montar as suas próprias oficinas, recrutar e empregar a mão de obra dos seus compatriotas, a fim de suprir as encomendas dos empresários coreanos. Como já mencionado, a estratégia de contratar imigrantes já vinha sendo empregada pelos judeus e coreanos no setor têxtil.

Nesse sentido, foi possível constatar um novo elemento no setor de confecção: a ruptura dos laços de dependência direta dos bolivianos em relação aos coreanos (SILVA, 2008). Anteriormente, os coreanos eram os detentores da matéria prima, enquanto os bolivianos apenas empregavam mão de obra nas oficinas de imigrantes coreanos. Assim sendo, o produto final era de propriedade dos imigrantes coreanos e comercializados exclusivamente nos estabelecimentos de coreanos.

Com o aumento de contingente e a concentração dos bolivianos nas oficinas em São Paulo, muitos deles organizaram as suas produções de forma autônoma, ainda que muito precariamente; além disso, alguns deles passaram a comercializar suas mercadorias em regiões de comércio e *shoppings* populares, como é o caso das feiras e estabelecimentos localizados no bairro do Brás.

Contudo, o mercado do setor de confecção em São Paulo é muito competitivo, em especial por conta da concorrência dos produtos de coreanos. Nesse sentido, os bolivianos têm o desafio de vender as suas mercadorias com preços cada vez menores; uma das formas de barateamento das mercadorias é a

redução do valor pago na mão de obra. Conseqüentemente, ocorre o fortalecimento de redes sociais no interior das oficinas de costura no sentido de precarização de trabalho e barateamento de custos das mercadorias (SILVA, 2008, p.28-29). Neste trabalho, entende-se que as oficinas de costuras são espaços e não redes sociais, pois elas por si só não formam redes sociais. Essa discussão será aprofundada no próximo capítulo.

Portanto, de certa maneira, houve uma autonomia aparente e relativa da imigração boliviana em relação à imigração coreana. A partir dos anos de 1990, as oficinas de costuras, antes predominantemente chefiadas por imigrantes coreanos, bem como famosas por serem responsáveis pela distribuição de oportunidades de trabalho (ainda que precárias), passaram a ser chefiadas também por imigrantes bolivianos. No entanto, as formas de exploração e perpetuação das desigualdades continuam as mesmas.

O padrão de inserção dos bolivianos desde os anos de 1980 está fortemente marcado pela lógica do setor de confecção, ainda que haja outras formas e especificidades. Os primeiros dias dos imigrantes bolivianos após a sua chegada em São Paulo são difíceis, pois ainda que a maioria desses imigrantes venha da Bolívia com moradia, emprego nas oficinas e com as despesas de viagem garantidas pelo próprio empregador e/ou compatriota (DORNELAS, 1998; SILVA 2009; SILVA, 1998), eles precisam lidar com uma nova realidade social, principalmente, no que diz respeito aos novos modos de vida, tais como: as condições de moradia, as longas jornadas de trabalho, os desconhecimentos das regras do local de destino e as limitações de comércio (SOUCHAUD, 2012, p.85).

Um dos pontos a ser destacado é o fato de que muitos dos bolivianos se inserem no “circuito da costura” com a expectativa de se tornarem donos das suas próprias oficinas (SILVA, 2009). Dessa forma, as condições precárias e indignas de trabalho justificam-se, num primeiro momento, pois existe um ideário da possibilidade de montar as suas oficinas e reproduzir a mesma lógica.

Através de um trabalho realizado por Silva (1995) com alguns bolivianos, foi possível concluir que os imigrantes bolivianos têm três grandes desafios no contexto urbano paulista: a) o fato de que alguns bolivianos precisam aprender o ofício da costura e aceitar “as regras do jogo” que são impostas aos trabalhadores, pois esses contratos de trabalho não estão pautados nas legislações



trabalhistas brasileiras; b) a adaptação no contexto urbano da cidade de São Paulo; e c) as dificuldades de obtenção da documentação de permanência no país (SILVA, 1995, p. 16).

Para Silva, a aceitação das “regras do jogo” dos contratos e das condições de trabalho nas oficinas justifica-se pelo princípio da fidelidade étnica (compatriotismo), pelo financiamento das despesas com a viagem da Bolívia e pelo apoio e assistência no Brasil. O autor explica que “nos casos em que a vinda do trabalhador é financiada, este assume uma dívida real e ao mesmo tempo moral com o seu empregador, em geral o compatriota, o qual passará a exigir do mesmo a fidelidade, pelo menos por um ano” (SILVA, 1995, p. 16). Ou seja, os bolivianos se submetem a tais regras ou são excluídos do circuito das oficinas de confecção em São Paulo.

Desse modo, fica claro que as relações empregatícias entre compatriotas são fundadas por princípios de valores morais e sociais, em que as formas de recompensar o apoio e a oportunidade acontecem pelo trabalho. Tal situação é compatível com os elementos intrínsecos das redes sociais organizadas em torno das oficinas. Conforme já anotado, o objetivo deste trabalho é analisar as redes sociais a partir dos elementos que respondem à construção de espaços de socialização e de convivência dos imigrantes no contexto urbano paulista.

O segundo desafio apontado por Silva diz respeito à adaptação em geral dos bolivianos à metrópole paulistana. Nesse ponto, é importante mencionar que a cultura boliviana é bem distinta da brasileira, a começar pelo fato de que os colonizadores da Bolívia e do Brasil são diferentes. Além disso, a cultura boliviana possui fortes raízes Incas e de outros povos indígenas (SILVA, 1995, p. 16). Essas raízes vão desde os aspectos culturais até os traços físicos.

Os imigrantes bolivianos tendem a criar espaços de socialização e de convivência para resgatar seus costumes. Para tanto, realizam diversas atividades esportivas, de lazer, festas e outras. O principal objetivo da construção de espaços é o de criar oportunidades de aproximação e de socialização com outras pessoas.

Nos espaços de socialização criados pelos bolivianos, é possível constatar uma vasta rede de bares, restaurantes, praças, campos de futebol, associações etc., situados em geral no centro de São Paulo. Vale mencionar que

esses espaços não são frequentados exclusivamente pelos bolivianos, mas também por outros grupos latino-americanos que compartilham alguns desses lugares (SILVA, 1995, p. 17).

O terceiro e último desafio colocado aos bolivianos, mencionado por Silva, diz respeito às dificuldades de regularização dos documentos de permanência no Brasil (SILVA, 1995, p. 17). Segundo Silva, existe um número significativo de bolivianos na condição de indocumentados. Neste trabalho, há o reconhecimento da grande dificuldade do campo de estudos de migrações em apontar o volume de entrada e saída. Retomando o assunto da condição de indocumentados, as redes sociais podem colaborar no sentido do acesso à informação, de assistências nos trâmites de regularização da documentação e de apoio moral.

Com isso, o autor deixa claro que as redes sociais podem ligar as comunidades de origem e destino (MASSEY *et ali*, 1987; TILLY 1990; FUSCO, 2002; FAZITO, 2002; SOARES, 2002). Sendo assim, o fluxo imigratório dos bolivianos pode ser incrementado e incentivado, mesmo que na condição de indocumentados (SILVA, 1995, p. 25). Esse ponto das redes sociais será discutido no próximo capítulo.

As entradas desses imigrantes na condição de indocumentados tendem a limitar diversos direitos básicos dos imigrantes. Dentre as limitações estão: a restrição de liberdades individuais e enormes dificuldades de acessos à saúde, à alimentação, à moradia, ao lazer, à cultura, aos direitos trabalhistas etc. A situação agrava-se quando muitos deles decidem entrar clandestinamente e optam por viver como “invisíveis” no Brasil.

Ainda a esse respeito, Silva menciona que a falta de regularização de documentação traz grandes empecilhos para o imigrante, tais como: a dificuldade de alugar um imóvel, a impossibilidade de abrir uma conta bancária e de reclamar o cumprimento de direitos básicos. Em suma, os imigrantes ficam expostos e sujeitos a arbitrariedades e a diversas formas de exploração (SILVA, 1995, p.16). A seguir, serão abordados alguns aspectos atuais da realidade social e da vida cotidiana dos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo.

### 2.3 O Contexto Atual da Imigração Boliviana

Nesse capítulo já foi apresentada a fase inicial dos fluxos imigratórios dos bolivianos (nos anos de 1950), focando na existência de vínculos com a imigração coreana, a sua importância na consolidação da estruturação do setor têxtil e a inserção dos imigrantes bolivianos no setor da confecção. Agora, neste momento, pretende-se abordar algumas questões que compõem a realidade social e a vida cotidiana dos bolivianos. Assim, destaca-se que o contexto atual, aqui apresentado, será tratado como pano de fundo e variável dependente para analisar o papel das redes sociais na construção de espaços de socialização.

Inicialmente, chama-se a atenção para o fato de que a maioria dos imigrantes bolivianos está (conforme já justificado) inserida no setor de confecção, em que a realidade social e a vida cotidiana se constituem por uma ambiguidade entre a relação de trabalho com a esperança de “vencer na vida”. Dessa forma, tanto a realidade social quanto o cotidiano dos bolivianos nos dias atuais não devem ser compreendidos a partir da visão de que esses imigrantes são autores passivos, desorganizados e estáticos. Aqui, cabe reafirmar que a comunidade boliviana forma um corpo não homogêneo e que a complexidade do processo de inserção não pode ser reduzida ao setor têxtil, todavia esta pesquisa optou por considerar os imigrantes inseridos no setor de confecções como recorte metodológico.

Os bolivianos - enquanto comunidade - possuem uma historicidade que está relacionada a outros fluxos imigratórios, a reestruturação industrial do setor têxtil na cidade de São Paulo, as redes sociais formadas pelos bolivianos podem ser compreendidas como organizações institucionalizadas ou não que criam possibilidades de ascensão econômica e social.

Como já apontado, a principal atividade dos bolivianos é o trabalho nas oficinas de costura de seus compatriotas; tal atividade vai além da simples prestação de mão de obra. Esse trabalho fortalece as relações sociais entre os bolivianos, que são carregadas de deveres morais, tais como: de retribuir acolhimento, o apoio assistencial, a oportunidade de trabalho e fidelidade étnica.

A maioria dessas oficinas é alocada em casas que servem de residências tanto para os costureiros quanto para a família dos proprietários (NOBREGA, 2009, p. 18). Tais espaços são condicionados pelas exigências do

trabalho a ser executado nas máquinas de costura (DORNELAS, 2009, p. 23), em que todos estão envolvidos diretamente e/ou indiretamente na lógica da dinâmica do setor de confecção. O fato de morarem no local (nas oficinas) impossibilita limitar o tempo de trabalho, podendo ser calculado pela resistência física do imigrante (SILVA, 2009, p. 9). Com isso, mal sobra tempo para realizar as refeições, que muitas vezes são fornecidas e descontadas pelos próprios patrões, nem para cuidar dos filhos nem para descansar (DORNELAS, 2009, p. 23).

Ainda que morar no mesmo local de trabalho seja uma estratégia para não pagar aluguel, espera-se que o hóspede, no caso o costureiro boliviano, produza de modo a compensar a hospedagem (SILVA, 2009, p. 9). As oficinas de costuras são realidades, um mundo próprio dos imigrantes - incompreensíveis ao entendimento de muitos brasileiros. São ambientes organizados em torno das famílias dos donos das oficinas e que vão agregando as famílias dos costureiros (DORNELAS, 2009, p. 23).

É importante enfatizar que as condições de trabalho dos bolivianos nas oficinas de costuras em São Paulo eram análogas às de trabalho escravo, essas discussões quase sempre sinalizam para uma mesma direção: confinamento, exploração laboral e preconceito (DORNELAS, 2009; SILVA, 2009, SILVA, 1995; 1998).

Para Nóbrega, a situação de trabalho dos bolivianos é ambivalente. De um lado as jornadas são exaltantes e as condições de trabalho precárias, os acessos aos direitos sociais são restritos e os rendimentos mensais são menores dos que são pagos para trabalhadores internos, ao passo que esses rendimentos são superiores aqueles que ganhariam se trabalhassem nos seus locais de origem. Além disso, como já mencionado, muitos bolivianos recebem moradia e alimentação no local de trabalho, o que possibilita que vários desses bolivianos realizem remessas financeiras para parentes e/ou economizem para montar a sua própria oficina (NÓBREGA, 2009, p.19).

Em geral, a renumeração de um imigrante boliviano depende da sua capacidade de produção. Os costureiros recebem por peça produzida e quantas horas serão dedicadas para a confecção dessas peças são determinadas pela demanda de serviços e a urgência das comandas, portanto, o rendimento salarial é projetado pelo próprio costureiro (SOUCHAUD, 2012, p. 85). No entanto, existem

indícios de diferenças salariais e de contratação entre os homens e as mulheres imigrantes.

De acordo com Nóbrega, “(...) enquanto os homens ganhariam por peça produzida, as mulheres receberiam um salário fixo mensal (em torno de um salário-mínimo brasileiro) por um número fixo de horas de trabalho, com intenso controle do tempo e ritmo de produção” (NÓBREGA, 2009, p. 18-19). Sobre isso, Silva expõe que “as mulheres se organizam entre si e mobilizam as suas redes para conseguir cumprir as encomendas de costura e para tentar garantir as encomendas futuras, o que define um perímetro urbano onde circulam as encomendas” (SILVA, 2009, p. 8

Este trabalho restringiu-se a apresentar algumas questões da realidade social e do cotidiano dos bolivianos sobre o viés das relações de trabalho nas oficinas de costura; esse recorte justifica-se pelo fato de que a maioria dos imigrantes bolivianos está inserida nas redes sociais ligadas ao setor de confecção. Sendo assim, é possível constatar que a dinâmica e o crescente número de oficinas de costuras na cidade de São Paulo fazem da capital paulista um ponto de referência e de apoio desses imigrantes. Além disso, eles têm facilidade de organização e de mobilização através de redes sociais na migração, fortalecendo assim os motivos para familiares, amigos e compatriotas emigrarem (DORNELAS 2001; 2009; SILVA, 2009; KONTIC, 2007; SILVA, 1998). As discussões do papel das redes sociais na construção de espaços de socialização serão retornadas no terceiro capítulo. Cabe frisar que, neste trabalho, as oficinas de costuras são consideradas espaços e não redes sociais propriamente ditas.

#### 2.4 ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO DOS BOLIVIANOS

Contextualizar e textualizar algumas formas de construção de espaços culturais, de convivência e de lazer dos imigrantes bolivianos no contexto urbano paulista são desafios. Existem espaços e lugares que os imigrantes bolivianos conquistam para a realização de atividades culturais e de lazer, como a

Associação de Residentes Bolivianos, a Praça da Kantuta<sup>38</sup>, a Pastoral dos Migrantes, oficinas de costuras e o Memorial da América Latina<sup>39</sup>.

A Associação dos Residentes Bolivianos é uma das redes sociais mais antigas da cidade de São Paulo; ela foi institucionalizada nos anos de 1969 por um grupo de imigrantes bolivianos que residiam e realizavam a atividade de profissionais liberais na cidade. Dentre os objetivos estão: as divulgações culturais, atividades recreativas e assistenciais aos bolivianos (MAZER, 2014, p.15). Essa rede social privilegia os laços sociais étnicos, os costumes e a tradição da comunidade boliviana.

A Pastoral dos Migrantes<sup>40</sup> é uma rede social institucionalizada de cunho religioso. O objetivo principal é promover a assistência social, espiritual e cultural. Nesse sentido, ela promove e incentiva encontros de diversos grupos de imigrantes, não perdendo de vista a valorização étnica e cultural das comunidades latino-americanas, como é o caso dos bolivianos. A esse respeito, Nasser, ao refletir sobre as possibilidades e os limites da atuação da Pastoral, percebe que essa rede social busca articular elementos de mediação entre os imigrantes e o contexto urbano paulista, no sentido de fortalecer as relações sociais com bases familiares, de amizades e de compatriotismo. Um dos focos é a promoção de atividades desenvolvidas no tempo livre do trabalho (NASSER, 2008, p. 25-26).

A Praça da Kantuta é uma das redes sociais institucionalizadas e um dos espaços ocupados pelos imigrantes bolivianos. Todos os domingos, é organizada uma feira com barracas gastronômicas, produtos típicos andinos, pequenos salões de embelezamentos e de atividades culturais. Sem dúvida, é um local de oportunidades não apenas para os bolivianos como para membros de

---

<sup>38</sup> A Praça Kantuta está localizada na rua Pedro Vicente, nº 600, próximo à estação de metrô Armênia em São Paulo. Kantuta é o nome de uma flor típica do altiplano andino. O Decreto Municipal 45.326 de 24 de setembro de 2004 oficializou esse nome. Dentre as atividades realizadas aos domingos estão a promoção e divulgação da cultura andina, oferecimento de orientação educacional aos filhos dos imigrantes e assistência para regulamentação da documentação de permanência no país. Vale ressaltar que maioria dos frequentadores da praça é trabalhador da indústria têxtil. Para mais informações, pode-se acessar [http://www.brasilbolivia.com.br/praca\\_kantuta\\_br.htm](http://www.brasilbolivia.com.br/praca_kantuta_br.htm).

<sup>39</sup> O Memorial da América Latina está localizado próximo ao metrô da Barra Fundo. Ele é reconhecido como um centro cultural, político e de lazer em São Paulo. Destaca-se que o espaço foi projetado por Oscar Niemeyer e idealizado para ser um monumento de integração cultural, política, econômica e social dos países da América Latina. Para mais informações, pode-se acessar <http://www.memorial.org.br/>

<sup>40</sup> Para mais informações pode-se acessar <http://www.missaonspaz.org/>

outras comunidades de ocuparem o seu tempo nos dias de folga, desfrutarem de entretenimentos e vivenciarem os costumes e manifestações culturais.

Outro espaço conquistado pelos latino-americanos é o Memorial da América Latina. Este é considerado um amplo complexo que abriga acervos, exposições, centro de pesquisa e outros espaços físicos com infraestrutura destinada à integração cultural, política, econômica e social dos países da América Latina.

Tanto a Praça da Kantuta quanto o Memorial da América Latina são considerados espaços culturais, de socialização e de lazer capazes de fortalecer as redes sociais que têm como base os laços sociais familiares, de amizade e de compatriotismo. Esse espaço pode ser considerado como *pedaço*<sup>41</sup> de São Paulo que propiciam integrações e desenvolvem relações sociais. A própria Praça Kantuta é o lugar em que muitos bolivianos vão aos finais de semana para conversar, cantar, dançar e reviver as suas histórias e tradições. É nos dias de lazer que se tem a oportunidade de estabelecer seus espaços (SILVA, 2006, p.167).

O uso do espaço do Memorial da América Latina permite celebrar comemorações e festas de imigrantes latinos. A respeito da Praça da Kantuta e do Memorial da América Latina, Silva escreve que “esses dois lugares passaram a ser espaços que buscam criar um canal de diálogo com o contexto local, em geral, adverso a tudo o que vem de imigrantes pobres e com fenótipos indígenas” (SILVA, 2012, p. 22). Em relação ao Memorial da América Latina, o autor menciona que:

“Já o Memorial da América Latina, palco das festas pátrias e devocionais, a partir de 2006, tem sido um espaço negociado, quando as festas em devoção às Virgens de Copacabana e de *Urkupiña* deixaram de ser realizadas na Igreja N. Sra. da Paz, sede da Pastoral do Migrante em São Paulo” (SILVA, 2012, p. 24).

É possível afirmar que esses três espaços (a Associação de Residentes Bolivianos, Praça da Kantuta e Pastoral dos Migrantes) são também considerados redes sociais institucionalizadas e colaboram positivamente para a construção de espaços de socialização. Assim, pode-se conjecturar que essas redes

---

<sup>41</sup> Termo apresentado por José Guilherme Cantor Magnani (1984) para designar os espaços construídos a partir da relação entre cotidiano e lazer na cidade.

sociais então organizadas e conquistam espaços para a realização de suas atividades e para a manutenção de relações sociais.

A respeito das oficinas de costuras e o Memorial, ainda que ocupem um importante papel na construção de espaços de socialização, não se pode afirmar que são redes sociais, mas sim espaços de organizações de redes sociais. Essa é uma posição estratégica desta pesquisa, desse modo, não são destacadas considerações diferentes sobre esse assunto.

No próximo capítulo, será apresentado o enquadramento empírico metodológico deste trabalho, no qual se abordam as redes sociais: Associação de Residentes Bolivianos, Pastoral dos Migrantes, Praça da Kantuta, oficinas de costura e Memorial da América Latina.



### 3 REDES SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO

Os estudos de redes sociais apontam para novas perspectivas analíticas. Segundo Almeida e Baeninger, o referencial das redes sociais se insere no bojo dos “novos movimentos teóricos” dos estudos migratórios com possibilidades de análises micro, valorizando o papel das microestruturas dos fluxos sem desconsiderar as dimensões macroestruturais (ALMEIDA e BAENINGER, 2013, p. 26). Sendo assim, as redes sociais são importantes para compreender os fenômenos sociais e a construção de espaços que envolvem a migração boliviana na cidade de São Paulo.

Sobre a construção de campo e espaço migratório, Almeida e Baeninger expõem que “as noções de campo e espaços migratórios permitem ao pesquisador recompor os espaços percorridos e estruturados pelo conjunto dos fluxos relativamente estáveis e regulares dos migrantes, independentemente da origem ou do destino” (ALMEIDA e BAENINGER, 2013, p. 29). Dessa forma, a construção de espaços revela o percurso e a estrutura não apenas dos imigrantes bolivianos. De acordo com Almeida e Baeninger, a noção de espaço possui a seguinte caracterização:

“Em relação ao espaço, a noção de espaço de vida ajuda a pensar a relação do indivíduo com os lugares de forma dinâmica, inclusive permitindo a visualização da trajetória migratória, ao permitir a identificação dos lugares de passagem, de circulação, de permanência relativa, etc.” (ALMEIDA e BAENINGER, 2013, p. 29).

Com isso, valendo-se da noção de espaço apresentada por Almeida e Baeninger, esta pesquisa entende que os espaços de socialização são os lugares pelos quais são possíveis visualizar as trajetórias migratórias, a passagem, a circulação e a permanência dos imigrantes bolivianos.

Conforme já mencionado, algumas publicações trataram da Associação de Residentes Bolivianos como o marco inicial das organizações dos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, como é o caso dos trabalhos de Mazer (2014), Nóbrega (2009) e Silva (2009; 2012); ainda que sejam escassas as publicações que analisaram essa rede social, aqui se propõe mencioná-la, mesmo que de modo superficial, dada a sua importância e caráter pioneiro.

Os trabalhos selecionados que tratam da Pastoral do Migrante mencionam que essa entidade incentiva as expressões religiosas, o folclore e as músicas bolivianas manifestadas em diversos espaços na cidade de São Paulo, visando à diminuição do estigma social e das múltiplas formas de preconceitos e discriminações (SILVA, 1995; 1998; 2008; 2009; 2012, SIMAI e BAENINGER, 2012), além de promover ações no sentido de ajudar no combate ao trabalho análogo à escravidão (DORNELAS, 1998; 2001; 2009, SILVA, 2009, SILVA, 1995; 1998; 2008; 2012), bem como buscar a mediação do acesso dos imigrantes bolivianos aos serviços públicos, em especial a saúde (SILVA, 2009, DORNELAS, 1998; 2001; 2009).

Em algumas publicações, constata-se que as Associações Gastronômica Cultural e Folclórica Bolivianas são administradoras do espaço da Praça da Kantuta. São entidades militantes no sentido de construir espaços de lazer, alimentação, oportunidades de emprego e manifestações culturais (ALVES, 2012; MAZER, 2014 SILVA, 2006, 2012; SILVA 2009; SIMAI e BAENINGER, 2012). Nesta pesquisa, as Associações Gastronômica Cultural e Folclórica Bolivianas são mencionadas como Feira da Kantuta.

Existem trabalhos que abordam os espaços onde se organizam as redes sociais que, nesta pesquisa, não são consideradas redes institucionalizadas. Aqui, são caracterizados como outros espaços, por exemplo, as oficinas de costura e o Memorial da América Latina. Por institucionalização, entende-se uma associação organizada a partir dos interesses de caráter social, religioso, filantrópico entre outros.

Muitos estudos apresentam debates interessantes sobre as condições de trabalhos dos bolivianos, do recrutamento de mão de obra, de segregação e outros temas. Foram selecionados alguns autores que tratam das oficinas de costura (ALVES, 2012; BAENINGER, 2012; CACCIAMALI e AZEVEDO, 2015; CÔRTEZ e SILVA, 2014; DORNELAS, 1998; 2009; FREITAS, 2012; 2014; NÓBREGA, 2009; SILVA, 2009; SILVA, 1995; 1998; 2006; PERES, 2009; SOUCHAUD, 2012; VIDAL, 2012), bem como o Memorial da América Latina (LEÇA, 2008; SILVA, 2012).

As discussões deste capítulo estão subdivididas em: a) análises das redes sociais Associação de Residentes Bolivianos, Pastoral dos Migrantes e Praça

da Kantuta como institucionalizadas, demonstrando os limites e as possibilidades de socialização dos imigrantes bolivianos; b) redes sociais em outros espaços, ainda que essas redes não sejam institucionalizadas, como são os casos das oficinas de costuras e o Memorial da América Latina<sup>42</sup>; e c) uma síntese das discussões apresentadas nos item a e b.

Ressalta-se que a literatura é vasta, sendo assim, aqui não se pretende, de modo algum, esgotar os debates acerca do tema nem analisar pormenores das redes sociais apontadas.

### 3.1 ASSOCIAÇÃO DE RESIDENTES BOLIVIANOS

As redes sociais são importantes para os estabelecimentos dos imigrantes nos locais de destino, facilitando a moradia, o trabalho, a saúde, a mobilidade nos espaços públicos, a circulação de informações e outras necessidades básicas; no entanto, as redes sociais têm como bases a solidariedade e os compromissos morais sedimentados pela proximidade dos laços afetivos e/ou étnicos (MASSEY *et al*, 1987, TILLY, 1990, SOARES, 2002, FUSCO, 2002).

As redes sociais são capazes de ampliar a solidariedade no interior das comunidades, devido aos aspectos organizativos de seus membros imigrantes (MAZER, 2014, p.15). Desse modo, para muitos imigrantes, a inserção em redes sociais pode justificar-se pela necessidade de sobrevivência numa cidade, como é o caso de São Paulo. Isso pode resultar no fortalecimento dos laços sociais, sejam eles de amizade, parentesco e/ou compatriotismo, não apenas para superar os desafios impostos pela nova realidade, mas também para a construção de espaços onde os imigrantes se sintam acolhidos e seguros.

A transição dessa nova realidade pode fazer com que os grupos de imigrantes construam espaços de segregação e isolamento, por serem hostilizados e não adaptados no contexto urbano específico. A esse respeito, Silva expõe que:

“Alguns destes espaços são coordenados pela Associação de Residentes Bolivianos (ADRB), a mais antiga na cidade, fundada em 1969, a qual congrega profissionais liberais, comerciantes, donos de confecções e costureiros” (SILVA, 1995, p. 17).

---

<sup>42</sup> O Memorial da América Latina é um local de manifestações culturais dos países da América Latina na cidade de São Paulo, visando a atender os interesses gerais e universais de várias culturas e países.

Conforme já dito, os fluxos migratórios de bolivianos para São Paulo, nos períodos de 1950 a 1970, possuem variáveis diferentes bem como perfis de imigrantes deferentes. Parte da literatura aponta que os primeiros imigrantes vieram para São Paulo com o objetivo de concluir os seus estudos e exercerem as atividades de profissionais liberais. De acordo com Silva, a ADRB foi fundada em 1969 por profissionais liberais; aqui cabe chamar a atenção para o contexto histórico da imigração boliviana (SILVA, 1995, 1997, 2005, 2006, 2012). Foi nesse contexto histórico que foi fundada a Associação de Residentes Bolivianos, a qual teve como fundadores os profissionais liberais residentes em São Paulo.

Assim sendo, o aumento dos fluxos imigratórios de bolivianos para a cidade de São Paulo, principalmente em meados do final dos anos de 1960, impulsionou a organização de alguns imigrantes (a maioria dos profissionais liberais) em torno dos objetivos de reivindicar algumas demandas sociais e as construções de espaços no local de destino.

A respeito dos espaços de socialização construídos pelos bolivianos por meio da Associação de Residentes Bolivianos (ADRB), Silva observa que:

Incomodados com a imagem negativa que lhes é atribuída pela mídia local e, ao mesmo tempo, pressionada pela fiscalização do Ministério do Trabalho, algumas organizações sociais e culturais foram criadas pela comunidade com o objetivo de mudar esta realidade desfavorável para o grupo. Entre elas, destacam-se a Associação de Residentes Bolivianos - ADRB, a mais antiga, a qual foi fundada em 1969 por profissionais liberais residentes em São Paulo, com o objetivo de divulgar a cultura boliviana na cidade (SILVA, 2012, p. 21-22).

Atualmente, a ADRB tem papel central de promover a cultura boliviana e difundir o folclore boliviano através de atividades assistenciais aos compatriotas carentes. Ela é uma rede social restrita aos imigrantes bolivianos. Desde sua fundação buscou formar uma sociedade sem discriminação social, econômica e cultural<sup>43</sup>. Vale frisar que os espaços de socialização são os lugares de trajetórias migratórias, de passagens, de circulações e de permanências dos imigrantes bolivianos.

É importante mencionar que por redes sociais entende-se o conjunto de relações sociais que tem como base os laços familiares, de amigos e de

---

<sup>43</sup> Informações extraídas do *site* <http://adrbbrasil.org/>

compatriotismo (MASSEY *et ali*, 1987). Portanto, é possível considerar que a ADRB é uma rede social muito significativa pelas atividades promovidas e pelos ajustes empreendidos na realidade dos espaços no novo contexto urbano.

Na ADRB, a maioria dos afiliados é boliviana que mantém suas relações sociais através dos laços familiares e/ou de amizade. Segundo Nóbrega, essa associação promove atividades culturais e desportivas (campeonatos de futebol) e publica o periódico *La Puerta Del Sol*, com uma tiragem de 5.000 exemplares distribuída para população boliviana. Essa agremiação tem 20.000 filiados, sendo 40% profissionais liberais, 25% micro e pequenos empresários e 35% são trabalhadores e estudantes com residência temporária no Brasil (NÓBREGA, 2009).

Diante disso, percebe-se que a Associação de Residentes Bolivianos é uma rede social restrita aos imigrantes bolivianos. Neste ponto, destaca-se que os espaços da ADRB não são favoráveis à socialização dos bolivianos com o contexto urbano paulistano, haja vista que as relações no interior dessa rede social são fortemente marcadas pelas relações étnicas e sem muito interesse de promover o contato entre as pessoas ou grupos de outras etnias.

Sobre os aspectos funcionais dessa rede, percebe-se que, de um lado, existe uma mobilização no sentido de garantir os direitos básicos aos bolivianos, ou seja, a ADRB faz diversas companhias de assistência médica, odontológica, atividade de lazer (em especial, campeonatos de futebol e atividades para crianças) e mediação de oportunidades de emprego; de outro, a realização de seus interesses em que muitos profissionais criam nichos étnicos em torno dos seus estabelecimentos comerciais e/ou consultórios. Um dos exemplos são os descontos para bolivianos tanto em consultas quanto em lojas dos seus compatriotas<sup>44</sup>. Sobre esse assunto, numa pesquisa sobre capital social, Portes menciona que:

[...] a participação em comunidades ou em grupos cria necessariamente exigências de conformidade. Numa cidade ou numa vila, onde todos são vizinhos e se conhecem, podem-se comprar provisões a crédito na loja da esquina e as crianças brincam livremente nas ruas sob o olhar atento de outros adultos. O nível de controle social nestes contextos é forte e altamente restritivo quanto às liberdades dos indivíduos, razão pela qual os jovens e os indivíduos mais independentes acabam sempre por partir (PORTES, 2000, p. 147-148).

---

<sup>44</sup> Texto baseado em informações extraídas do site <http://adrbbrasil.org/>

É, justamente, este contorno de laços de solidariedade étnica que explica o sucesso da rede social, além de representar para o grupo uma sensação de segurança emocional e sentimentos positivos, no entanto, espera-se que os imigrantes mantenham os costumes e tradição boliviana. Isto é, uma forma de controle social através da fidelidade étnica.

Assim, a consolidação de espaços da ADRB reflete o crescimento e amadurecimento da comunidade boliviana no contexto urbano da cidade de São Paulo, desde 1969. A promoção de atividades e a oferta de serviços assistenciais apontam a necessidade que tem uma rede social de se adequar às necessidades dos imigrantes.

À medida que a comunidade de bolivianos cresce, aumenta a demanda para prestação de serviços na língua nativa desse grupo, na colocação no mercado e aos apelos assistenciais. Essas prestações de serviços provocam uma demanda de mão de obra boliviana, como são os casos dos profissionais liberais e dos costureiros, que muitas vezes são especializadas para atender trabalhos específicos; assim, a ADRB é um veículo de transmissão de informação, assistencialismo e prestação de serviço.

Outra característica da ADRB é que ela tem organização de base étnica; as suas ações de divulgação cultural, recreativa e social são destinadas aos bolivianos e como tal tendem a reforçar os traços étnicos e culturais desse grupo, ao invés de facilitar a construção de espaços de socialização. Neste caso particular, essa característica recai sob a rede social, porque é uma associação de base étnica que trabalha a partir do fortalecimento da comunidade como um todo.

Aparentemente, os trabalhos ofertados e realizados pela ADRB ajudam a diminuir os conflitos étnicos e proporcionam uma melhor assistência e informação à comunidade boliviana. Ainda que possa ocorrer a possibilidade de desigualdades e aliciamentos de mão de obra indocumentada no interior dessa rede social, aspectos que não se constituem o foco desta pesquisa, ela apresenta um posicionamento favorável à formação de uma consciência coletiva organizada.

Entre as várias questões postas aqui, é possível auferir que essa rede social tem uma tendência de valorização étnica e com poucas possibilidades de interação com outros grupos étnicos, dado que em geral as atividades são exclusivamente voltadas aos bolivianos. Sendo assim, ela demonstra uma maior

preocupação em relação à resistência de interação com outros grupos; tal fato pode ser compreendido como formas de respostas às discriminações e preconceitos vivenciados pelos bolivianos dentro do contexto urbano paulistano. Outra rede social relevante para esta pesquisa é a Pastoral dos Migrantes.

### 3.2 PASTORAL DOS MIGRANTES

Para tratar da rede social Pastoral dos Migrantes é importante apresentar o contexto histórico e sua institucionalização. A Pastoral dos Migrantes foi um projeto idealizado por João Batista Scalabrini e iniciado pela Congregação dos Missionários, em 28 de novembro de 1887. Atualmente (2016), é uma comunidade internacional de caráter predominantemente religioso e está presente em 34 países, incluindo o Brasil (MISSÃO PAZ).

Segundo Costa, os Scalabrinianos chegaram à cidade de São Paulo em 1895 e se direcionaram ao bairro do Ipiranga, a sua primeira obra foi inaugurar o Orfanato de Cristóvão Colombo para atender as crianças órfãs filhas de imigrantes (COSTA, 2005, p.34).

Em 1940, foi construída a Igreja Nossa Senhora da Paz com o objetivo de fortalecer os traços culturais dos italianos residentes em São Paulo; além de renovar a missão Scalabrinianos em favor dos italianos, no sentido de intermediar a religião e a cultura desses imigrantes no contexto urbano paulistano (MISSÃO PAZ).

Já nos anos de 1969, foi fundado o Centro de Estudos Migratórios (CEM), que se integrou à Federação dos Centros de Estudos Migratórios Scalabrianos. Neste ponto, é importante destacar que esta pesquisa usufruiu de muitos materiais bibliográficos do CEM.

Finalmente, em 1977, é criado o Centro Pastoral dos Migrantes com o apoio da Igreja Nossa Senhora da Paz; o principal objetivo foi atender os imigrantes latino-americanos, em especial aqueles exilados pelas ditaduras militares da América Latina (MISSÃO PAZ). A esse respeito, Costa expõe que:

A partir da década de 80 começaram a chegar os imigrantes vindos de outros países da América do Sul, como paraguaios, bolivianos, chilenos, peruanos como também da África. Todos eles encontraram no Centro Paz<sup>45</sup> um lugar de acolhida, de orientação, de encaminhamento da documentação e de defesa dos direitos. Lá eles se encontram e celebram suas festas religiosas e pátrias (COSTA, 2005, p. 38).

Em 1978, foi inaugurada a casa do migrante visando à prestação de serviços de acolhimento aos migrantes. Em 1994, essa rede social organizou os seus trabalhos de assistência social, além de realizar entrevistas, orientações e registros dos atendimentos. No ano de 2011, foi implementado o Programa Mediação<sup>46</sup> com diferentes eixos de atuação (MISSÃO PAZ).

Já em 2012, o Centro Pastoral dos Migrantes (fundado em 1977) e o Programa de Mediação (criado em 2011) transformaram-se em Centro Pastoral e Mediação dos Migrantes (CPMM - MISSÃO PAZ). Com isso, a rede social Pastoral dos Migrantes é também conhecida como Centro Pastoral e Mediação dos Migrantes. Esta pesquisa privilegia a terminologia Pastoral dos Migrantes.

Diante da exposição do contexto histórico e da institucionalização da Pastoral dos Migrantes é possível perceber que as redes sociais na migração não são necessariamente formadas apenas por imigrantes, assim as relações sociais que as compõem podem se constituir de imigrantes e não imigrantes (TILLY, 1990).

Do mesmo modo, no caso do estudo da Pastoral dos Migrantes, pode-se seguir o caminho metodológico apresentado por Fazito, no que diz respeito aos fluxos migratórios e as relações sociais estabelecidas entre duas ou mais localidades (existe uma variedade de grupos de imigrantes que a Pastoral presta assistências) e a socialização entre migrantes, não migrantes e instituições de apoio (FAZITO, 2002).

Outro aspecto importante destacado por Massey, que está presente na história e na institucionalização da Pastoral dos Migrantes, é o fato de que essa rede social não se constituiu de forma imediata e foi se incrementando de acordo com a dinâmica dos fluxos migratórios (MASSEY, 1987, p. 148). Ou seja, o processo

---

<sup>45</sup> Segundo Costa, “O Centro Paz inclui também um Centro de Estudos Migratórios e Casa do Migrante [...]” (COSTAS, 2005, p. 39). Atualmente (2016), o Centro Paz atua mediante o Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes – CPMM.

<sup>46</sup> O Programa Mediação é “composto por uma equipe multidisciplinar de mediadores preparados para viabilizar soluções a problemas em diferentes âmbitos através dos eixos trabalho, saúde, educação, atenção à mulher e vida em comunidade” (MISSÃO PAZ).



de mobilização da sua institucionalização iniciou-se em meados de 1887 e ela está em constante renovação.

Conforme já dito, a Pastoral dos Migrantes colabora na atuação dos diferentes serviços, no entanto o ponto a ser destacado aqui são as festas devocionais como construção de espaços de socialização. Nesse sentido, Silva anota que:

O desafio que hoje se apresenta à Pastoral do Migrante é o de ser um espaço aberto ao diálogo intercultural, o que nem sempre é possível, uma vez que os regionalismos e questões históricas ainda não resolvidas acabam dificultando tal diálogo como também o de ser uma mediação entre o imigrante e a sociedade local, uma vez que este por sua situação peculiar não tem acesso a algumas instituições, sobretudo as de caráter jurídico (SILVA, 1995, p. 17).

Diante disso, uma das características mais marcantes na exposição de Silva é o desafio da Pastoral do Migrante em estabelecer um espaço de diálogo intercultural. Por isso, a Pastoral do Migrante busca incentivar as festas devocionais no sentido de proporcionar a mediação entre o imigrante e a sociedade local. Assim, pelos menos dois apontamentos podem ser feitos a partir desse desafio.

O primeiro é a possibilidade dos imigrantes se sentirem influenciados pelas crenças, costumes e padrão cultural da sociedade local, uma vez que existe uma organização já estruturada com experiências de diferentes períodos históricos e sociais. O segundo ponto é o caráter jurídico da maioria desses imigrantes, conforme já dito, a maioria dos bolivianos vivem na condição de indocumentados (ALVES, 2012; BAERNINGER, 2012; CACCIAMALI e AZEVEDO, 2006; CÔRTEZ, 2014; SILVA, 2009; SILVA, 1995, 1998, 2006, 2012; FREITAS, 2010, 2012; DORNELAS, 2009; SOUCHAUD, 2012; VIDAL, 2012; GALETTI 1996).

A respeito da condição de indocumentados é importante ressaltar que para o imigrante concretizar os seus objetivos no local de destino, ele precisa regularizar a sua situação jurídica. Dessa forma, a participação em redes sociais, como a Pastoral dos Migrantes, pode ser uma das estratégias de obter a documentação de permanência.

Cabe ressaltar que ainda que os objetivos possam ser individuais, a participação em redes sociais institucionalizadas no local de destino pode indicar maiores chances de enfrentar as dificuldades de inserção no contexto urbano

coletivamente (TILLY, 1990). Ou seja, enfrentar a ideia de que o imigrante não está sozinho em terra desconhecida. Sobre isso, Dornelas expõe que:

A Pastoral dos Migrantes Latino-americanos sempre se alinhou com as Pastorais Sociais da Igreja, que possuem muita força na cidade de São Paulo. Nesse sentido, ela luta pela cidadania e pela defesa dos direitos dos migrantes latino-americanos. Trabalha para que eles possam formar comunidade, manter vivas sua cultura e sua religiosidade, combater as condições de superexploração nas oficinas de costura, bem como lutar para que eles tenham uma vida digna através do gozo pleno dos seus direitos. Por isso, a sua principal bandeira é a documentação e a legalização da situação em que se encontram esses imigrantes clandestinos (DORNELAS, 1998, p. 33).

De maneira geral, parte da literatura que trata da Pastoral dos Migrantes aponta que as atividades promovidas permitem uma aproximação entre diferentes grupos de imigrantes e brasileiros. Assim, é possível que ocorram mudanças de hábitos e costumes. Isto é, muitas vezes a necessidade de sobrevivência faz com que o imigrante modifique os seus hábitos, crenças e costumes.

A realização de festas é uma das formas de manifestação de sentimentos e revivescimento étnico-cultural dos imigrantes bolivianos no contexto urbano paulista. Nesse sentido, a Pastoral dos Migrantes incentiva algumas das festas da tradição boliviana.

Cabe chamar a atenção que não é apenas a Pastoral dos Migrantes que incentiva as festas; a Praça da Kantuta e o Memorial da América Latina também o fazem. O Memorial é um espaço de migração e socialização, desse modo o Memorial não é uma rede social, mas sim um espaço de formação de redes sociais.

A respeito da atuação da Pastoral dos Migrantes nas festas devocionais, Silva menciona que “as festas devocionais também têm o seu início nas famílias, através dos novenários que são realizados mensalmente, e têm o seu ponto alto na grande festa pública, realizada no espaço da igreja” (SILVA, 2005, p. 47). Ou seja, em geral, as festas começam nos berços das famílias e se expandem para a sociedade local. Ainda, desse modo, Silva expõe que:

O ciclo de festas devocionais entre os bolivianos em São Paulo é amplo e variado. Entre as devoções mais comuns estão as de San Martin de Porres, festejado no dia 3 de novembro, e as marianas, cujos festejos oficiais acontecem no mês de agosto, na igreja N. Sa. Da Paz, situada no Glicério, região central de São Paulo. Além dessas festas, são realizadas outras em locais da cidade onde a interferência da Pastoral dos Migrantes é mínima (SILVA, 2005, p. 50).

Com isso, é possível perceber que nas festas bolivianas os papéis são vividos intensamente, sejam como participantes, espectadores ou organizadores. No entanto, existem elementos organizativos, que muitas vezes não são manifestados implicitamente, como as posições hierárquicas ocupadas por determinados bolivianos dentro dos espaços de socialização; essas hierarquias podem ser observadas através da figura do *presterío*. Sobre isso, Silva escreve que:

Nas festas marianas, com exceção da Virgem de Cotoca, é recriada uma tradição cultural-religiosa denominada por eles de *presterío*, ou seja, a cada ano é escolhido um novo *preste*, um festeiro que se encarrega de organizar a próxima festa (SILVA, 2005, p. 51).

No caso particular das festas marianas, são travados alguns conhecimentos específicos, e são recrutados novos adeptos; assim, os diferentes grupos visitam esses espaços de celebração, reforçando ou afrouxando (a depender dos papéis vividos durante as festas) os laços e vínculos sociais nelas recriados. Esses laços e vínculos são fundamentais para os diálogos e convivências entre diferentes pessoas e grupos.

Além de construir espaços de socialização através de festas devocionais, existem relações de manifestações de resistência e lutas no interior desses espaços; portanto, não se pode afirmar que esses espaços são apenas de socialização e de diálogo intercultural, tais espaços podem reproduzir as desigualdades sociais e econômicas.

Desse modo, as produções das festas mobilizam uma série de recursos culturais, sociais e econômicos. A comunidade boliviana, seja no âmbito das famílias ou nos espaços da Pastoral dos Migrantes, necessita de recursos financeiros para celebrar tais festas. Neste caso, é escolhido o *preste*. Assim, Silva anota que:

Para os festeiros (*prestes*), essa festa é o espaço do reconhecimento do seu prestígio dentro do grupo, pois para realizar uma é preciso, em primeiro lugar, acreditar em particular do intercâmbio de bens, ou seja, da lógica da distribuição de bens inerente às instituições do *Presterío*. É através dela que se amplia o compadrio ritual, uma vez que um festeiro quando passa os encargos da festa a outro se torna automaticamente compadre dele. Nessa perspectiva, se por um lado a festa aproxima pessoas de vários segmentos sociais, por outro, remarca as diferenças entre aqueles que dela participam, sejam elas sociais, étnicas ou culturais. Em segundo lugar, os festeiros precisam estar dispostos a aceitar as regras do jogo estipuladas pela instituição organizadora, a Pastoral dos Migrantes (SILVA, 2005, p.57).

Como já tratado no primeiro capítulo, as redes sociais não devem ser compreendidas como relações entre autores, pois elas podem ser constituídas para suprir as ausências de relações e de laços sociais nos grupos étnicos (SOARES, 2004). Assim, a promoção de festas devocionais é justificada na construção de espaços de diálogos interculturais, na diminuição de resistências e ausências e no fortalecimento dos laços sociais e das lutas contra o preconceito. Sobre isso, Silva menciona que:

Para muitos imigrantes, as festas são oportunidades de ressocialização na própria cultura, ou seja, de um reencontro com práticas culturais que lhes eram familiares no país de origem, mas que no país de destino ficaram de certa forma, “adormecidas”, em razão do distanciamento estratégico do grupo, para não serem contaminados pelos estereótipos atribuídos a eles pela sociedade local (SILVA, 2005, p.56).

Outra característica dessa rede social é o patrocínio dos projetos assistenciais, como por exemplo o projeto *Somos Hermanos*. Sobre isso, Dornelas expõe que esse projeto funcionou basicamente nos anos 2004 e 2005, visando sensibilizar e aproximar os agentes públicos da Unidade Básica de Saúde do Brás à situação dos imigrantes bolivianos de São Paulo (DORNELAS, 2009). Ainda a esse respeito, Dornelas escreve que:

Partindo da constatação das condições de vida insalubre e de trabalho degradantes dos imigrantes latino-americanos em algumas áreas centrais da cidade, da segregação em que eles se encontram no interior do espaço urbano, bem como os sinais de xenofobia e preconceito entre agentes de serviços públicos e sua aproximação da população imigrantes, em sua maior parte em situação de clandestinidade (DORNELAS, 2009, p. 20).

De acordo com Dornelas, o projeto *Somos Hermanos* foi concentrado na subprefeitura da Mooca (São Paulo), mas com a substituição da administração municipal o poder público diminuiu os apoios a esse projeto, assim o espaço da Pastoral dos Migrantes nas iniciativas em torno do projeto aumentou. Dessa forma, as principais iniciativas foram a contratação de imigrantes bolivianos na equipe de agentes do Programa de Saúde da Família e a prática de visitas às oficinas de costura juntamente com os agentes da Pastoral (DORNELAS, 2009).

A partir dos apontamentos de Dornelas, percebe-se a atuação da Pastoral dos Migrantes conjuntamente com o poder público, ainda que o apoio do poder público nas questões imigratórias oscile, refletindo diretamente na vida dos bolivianos e nas ações da Pastoral dos Migrantes. Cabe observar que as mudanças feitas pelo Poder Público, em especial na política dos atendimentos do Programa de Saúde, revelam a necessidade de adequação da realidade social tanto dos brasileiros quanto dos bolivianos. Assim, Dornelas expõe que:

Sob os cuidados da Pastoral, eles integraram-se com outros brasileiros nas equipes PSF, enfrentando por vezes preconceitos da parte de colegas de trabalho no posto de saúde, além da xenofobia que marcava o meio em que se concentravam os imigrantes. Existem casos de agentes bolivianos que visitam basicamente brasileiros, e agentes brasileiros que atuam em áreas predominantemente habitadas por imigrantes (DORNELAS, 2009, p.21).

Com isso, embora exista uma tendência de preconceitos da sociedade local em relação aos bolivianos, constata-se a importância de considerar o espaço que a Pastoral dos Migrantes tem construído em torno da comunidade boliviana para contribuir para que esses imigrantes e suas famílias se relacionem com os acontecimentos sociais e com os serviços públicos do local de destino.

A atividade assistencial é fundamental para caracterizar as redes sociais. Segundo Massey, as redes podem complementar os papéis sociais e as relações interpessoais no sentido de preservar as expectativas mútuas e de comportamentos em torno das circunstâncias da imigração (MASSEY *et ali.*, 1987, p. 139). Assim sendo, o projeto *Somos Hermanos* demonstra a característica assistencial e a complementação nos papéis sociais e nas relações interpessoais, fato que comprova o diálogo intercultural na construção de espaços de socialização.

No que tange às festas, sejam sagradas ou profanas, tradicionalmente brasileiras ou bolivianas, elas produzem conhecimentos para analisar a construção de espaços e as realidades sociais e culturais na inserção da comunidade boliviana no contexto urbano paulistano. A participação e a organização dessas festas podem ser vistas por dois aspectos.

De um lado, elas são capazes de promover o diálogo intercultural nos espaços de socialização; de outro, elas manifestam, ainda que implicitamente, relações hierárquicas, as quais são negativas para a construção de espaços de socialização. A Praça da Kantuta é uma rede social que também promove festas e constrói diferentes espaços de socialização dos bolivianos.

### 3.3 PRAÇA DA KANTUTA

Para compreender as questões relativas à Praça da Kantuta no sentido de apontar o seu papel na construção de espaços de socialização, é necessário que sejam analisados alguns fatos importantes que antecederam a institucionalização dessa rede social.

A economia boliviana tem como base a extração de minerais, de madeira, de borracha, de petróleo, de gás natural e líquido, além da agricultura e da agropecuária. Sendo assim, a Bolívia tem um desenvolvimento industrial modesto (SILVA, 2005a, p.8); além disso, boa parte da população boliviana dedica-se à atividade rural ou extrativista.

Como já mencionado, a maioria dos bolivianos que desembarcam no Brasil não se fixaram na zona rural nem nos setores de extrativismos. A partir dos anos de 1980, os bolivianos se concentraram no setor de confecção, sendo assim, formaram espaços físicos segregados.

Esses espaços são bairros do centro urbano de São Paulo, tais como: Bom Retiro e Brás, que passaram a ser um grande polo de atração de imigrantes ligados ao setor de confecção (TRUZZI, 2001, p. 157-158). A respeito desses espaços, Silva expõe que:

Situada entre o cruzamento de duas ruas movimentadas de um bairro tradicional da capital paulista, encontra-se a Praça Padre Bento, conhecida, popularmente, como Praça do Pari. Cercada por algumas casas comerciais, bares e pela imponente Igreja de Santo Antônio, esta praça passou a ser lugar de encontro para muitos imigrantes bolivianos, últimos a chegarem neste bairro, atraídos pelos empregos oferecidos por outros imigrantes, entre eles judeus e coreanos, que antecederam nas pequenas confecções da cidade (SILVA, 2005, p. 39).

Com isso, os imigrantes de diferentes etnias organizaram-se num mesmo espaço urbano e em torno da atividade de confecção, no entanto o compartilhamento desse espaço não foi pacífico. A respeito dos bolivianos, que passaram a ser discriminados e limitados a participarem da Praça Pari, Silva anota que:

No início a convivência parecia ser pacífica, já que a ocupação da praça ocorria somente nos domingos à tarde. Entretanto, na medida em que a presença boliviana e de outros imigrantes hispânicos começou a crescer, alguns problemas vieram à tona e os moradores locais, por sua vez, sentiram-se incomodados com estes “invasores” temporários (SILVA, 2005, p. 39).

A partir da exposição de Silva, é possível perceber que, de um lado, os imigrantes bolivianos foram discriminados e repreendidos pelos moradores locais (cabe reforçar que a Praça Pari está situada num bairro predominantemente de imigrantes); de outro, os imigrantes bolivianos demonstraram que têm facilidades de associação e organização étnica. Retomando os conflitos na Praça Pari, inevitavelmente, os bolivianos foram expulsos daquele espaço em 2002. Sobre isso, Silva menciona que:

Todos os domingos à tarde e parte da noite, os bolivianos enchiam essa praça em busca de um momento de lazer, de alguma informação sobre o país de origem, de uma nova proposta de trabalho, para reencontrar-se com algum compatriota, paquerar, comprar produtos típicos, degustar comidas regionais ou ainda ouvir músicas bolivianas e latinas. Com o aumento do número de frequentadores começaram a surgir alguns problemas, entre eles, a violência, em razão do excesso de bebidas, limpeza insuficiente do local, música em alto volume, entre outros. Incomodados com esta presença, moradores do bairro organizaram um abaixo assinado, objetivando a expulsão dos bolivianos daquela praça, isto com a anuência de um líder político local, Adilson Amadeu, e do pároco da Igreja de Santo Antônio (SILVA, 2005, p.40).

Neste ponto, chama a atenção essa relação entre segregação e as regras impostas pelos moradores locais, que pode indicar uma tendência à privatização do espaço público. Sobre isso, Caldeira explica que:

A segregação – tanto social quanto espacial – é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essa regra varia, cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade (CALDEIRA, 2000, p. 211).

Foi neste contexto de segregações e proibições dos bolivianos em usufruir a Praça do Pari, por conta de imposições de regras culturais e padrões sociais, que surgiu um grande movimento de construção de espaços de socialização dos bolivianos.

Em meados do mês de junho de 2002, a prefeitura concedeu um novo espaço, situado na confluência das ruas Pedro Vicente, das Olarias e Carnot, ainda que mais isolado e sem muita infraestrutura, em que os bolivianos pudessem se reunir aos domingos das 11h00 às 19h00. Contudo, foi apenas em 2003 que a concessão foi oficializada e, em 2004, a “Feira de Artes, Cultura de Lazer Boliviana Padre Bento” passou a ser chamada de Praça da Kantuta, nome de uma flor típica do altiplano andino (ALVES, 2012a, p.236-237). A respeito disso, Silva escreve que:

“Para os bolivianos, a transferência foi vista como um ato generoso da Prefeitura Paulistana, a qual prometeu oferecer uma infra-estrutura básica para o seu funcionamento”. Entretanto, até a sua regulamentação, efetuada no dia 24 de setembro de 2004, a praça funcionava de forma precária, situação está que ainda persiste (SILVA, 2005b, p. 40).

Como já mencionado, é a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana “Padre Bento” que administra a feira desde 2002 e as despesas dessa rede social são custeadas pelos próprios feirantes. A feira é composta de barracas com comidas típicas da Bolívia, além daquelas de artesanato, fotos, vídeos, cabeleireiros e atividades recreativas com brinquedos para as crianças. Em dias comemorativos, são realizadas apresentações do folclore boliviano e manifestações culturais (ALVES, 2012a, p.237). Neste ponto, vale destacar que a ADRB realiza várias atividades esportivas, recreativas e assistenciais nos dias de feira dominical.



Diante do exposto, é possível perceber que o grupo de bolivianos se organiza em torno de atividades e de objetivos comuns, às vezes como forma de resistência às discriminações e aos preconceitos, e outras para ter momentos lúdicos, que proporcionam não apenas a interação dentro do contexto urbano paulista, mas também fortalecem as relações sociais e afetivas.

Na organização dessa rede social, verificam-se alguns elementos apontados por Massey. A Praça da Kantuta colabora para a socialização e o fortalecimento das relações baseadas nos laços familiares, de amizades e compatriotismos. Além disso, auxilia na superação dos estranhamentos e dificuldades encontradas no contexto urbano (MASSEY *et ali*, 1987, p.140).

Os momentos de lazer são importantes para a manutenção dos espaços de socialização e de fortalecimento das relações sociais no interior das redes sociais de bolivianos. Nesses momentos ocorrem comemorações típicas, as práticas do futebol, ensaios de dança, festas religiosas.

Um dos exemplos de aproveitamento do momento de lazer são as participações em festas, eventos e manifestações culturais na Feira da Kantuta. Segundo Silva, “além da feira gastronômica e dos multisserviços lá oferecidos, essa praça passou a ser o palco de manifestações culturais, como as festas de *alasitas* e o carnaval” (SILVA, 2005, 41). A festa de *alasitas*<sup>47</sup> é celebrada no dia 24 de janeiro, em La Paz, em comemoração ao dia do deus da fartura, uma divindade inca denominada de *Ekeko*<sup>48</sup> (SILVA, 2005; 2012).

O carnaval boliviano é celebrado todos os anos na Praça da Kantuta. Nesta ocasião, são apresentados vários grupos de danças típicas da Bolívia; além disso, ocorre a participação de crianças em concursos de fantasias. A diversão entre os jovens e adultos é a tradicional brincadeira de jogar espuma e globos cheios de água (SILVA, 2005; 2012).

---

<sup>47</sup> De acordo com Silva, “Segundo a tradição, neste dia cada pessoa deve comprar as *alasitas*, ou seja, objetos em miniaturas – como casas, carros, máquinas de costura, dinheiro, entre outros – representando o desejo de vir a possuir estes bens materiais no futuro, levando-os ao meio dia a uma igreja para serem abençoados por um padre” (SILVA, 2005b, 41).

<sup>48</sup> Silva expõe que “a origem desta festa remonta à época pré-colombiana e é uma reprodução em miniatura das feiras comerciais da colônia. A sua representação é a de um boneco sorridente vestido com um *chullo* ou gorro de lã, um chaleco diminuto, sandálias de couro nos pés e um poncho vermelho sobre os ombros. Nas costas, ele leva produtos em miniatura e outros objetos fundamentais à vida das pessoas”. (SILVA, 2005, 41-45).

O sentido das duas festas (*alasitas* e carnaval), produzido dentro da rede social, ultrapassa a Praça da Kantuta e torna-se um elemento que norteia e distingue as escolhas deste grupo em relação ao contexto urbano paulistano e à própria socialização desses bolivianos, em que outros grupos podem participar. Nesse sentido, a praça e as festas não são frequentadas apenas por bolivianos, mas também por outros grupos latino-americanos e brasileiros (SILVA, 2012, p. 23). Ou seja, é uma forma de socialização e interação de um grupo com pessoas ou grupos diferentes. Além das festas, a Praça da Kantuta é palco de campeonatos de futebol.

A literatura sobre o futebol como espaço de lazer e interação de grupos de imigrantes é vasta. Massey realizou uma pesquisa nos Estados Unidos e concluiu que os jogos de futebol semanais causaram interação e benefícios aos migrantes (MASSEY *et alii*, 1987). Assim, aos domingos, os jogadores amigos, parentes e outras pessoas se reúnem para interagir, jogar ou assistir futebol.

Esses momentos permitem a quebra da rotina de trabalho, os compartilhamentos de experiências, a comunicação e o intercâmbio culturais. Além de compartilhar experiências da semana passada, discutir os acontecimentos de interesse geral, são oportunidades para trocarem informações e de possibilidades de vagas de empregos<sup>49</sup> (MASSEY *et alii*, 1987, p. 147). Acerca do futebol na Praça da Kantuta, Alves menciona que:

A prática do futebol pelos bolivianos na Praça Kantuta envolve não apenas os jogadores, mas também uma grande quantidade de espectadores e uma rede que se forma entre os dirigentes e os “donos” das equipes, os “delegados”, os feirantes, as famílias e os frequentadores em geral (ALVES, 2012b, p. 52).

O compartilhamento de experiências é uma característica comum entre os dois estudos e a interação não apenas dos jogadores, mas também dos amigos, familiares e frequentadores do local. Nesse sentido, é possível perceber a tentativa de representação de interesses e sentimentos dos bolivianos no contexto urbano paulistano, além disso, a prática do futebol é momento de lazer e

---

<sup>49</sup> Like migrants from Santiago itself, they are also able to take advantage of the information and offers of assistance that spring from these reunions. The parts of the migrant networks that are based on kinship, friendship, or *paisanaje* thus are broadened and expanded by the soccer clubs. Through the weekly games, migrants from Santiago come into contact with migrants from other social (MASSEY, 1987, p. 147)

fortalecimento dos laços sociais. Sobre a relação entre a prática do futebol como atividade de lazer, Alves salienta que:

Grande parte dos bolivianos opta, talvez por falta de opção, quase que exclusivamente, como atividade de lazer no Brasil, pela prática do futebol, como mostram os resultados da pesquisa. [...] poucos bolivianos praticam outras atividades de lazer. Quando o fazem, vão a parques ou praças públicas (ALVES, 2012b, p. 52-53).

Aqui se observa que essa rede social colabora com a experiência da imigração boliviana e com a criação de novas identidades, conforme Tilly observou no caso da experiência americana. Desse modo, o autor expõe que as transformações em torno das novas identidades no local de destino envolvem negociações de novos relacionamentos e de construções de espaços dentro das redes (TILLY, 1990). Nesse sentido, na construção de espaços de socialização é indispensável que seja levado em conta os esforços coletivos, e não apenas os individuais.

Nesta perspectiva, o futebol praticado na Praça da Kantuta assume dimensões importantes para os esforços coletivos, para as transformações individuais e para a construção de espaços de socialização dos bolivianos por dois aspectos fundamentais.

O primeiro aspecto é identificado pelo potencial de organização presente no grupo boliviano. Conforme mencionado, os bolivianos conquistaram o espaço da Praça da Kantuta através de muitas reivindicações e esforços coletivos. A prática do futebol e a construção de espaços pelos bolivianos podem ser considerados um processo de inserção positivo no contexto urbano paulista.

Sobre esse aspecto, Alves observa que “a prática do futsal pelos bolivianos na Praça Kantuta se mistura a indivíduos de praticamente toda a América do Sul durante os jogos”; ou seja, a prática desportiva dessa rede social não é restrita aos imigrantes bolivianos, o que colabora para a interação, a manutenção e o fortalecimento de um espaço de socialização. A esse respeito, Alves expõe que:

Durante os jogos, todos se ‘entendem’, se comunicam e se integram nas equipes mesmo tendo línguas diferentes. O ‘vocabulário’ do futebol parece não ter fronteiras territoriais dentro ‘das quatro linhas’. Isso é estendido para ‘fora das quatro linhas’, onde os espectadores também se relacionam e se comunicam entre si sobre os jogos com comentários em várias línguas, perfeitamente entendidas entre eles (ALVES, 2012b, p.66).

Essa característica dos jogos, sem dúvida, colabora para a interação dos bolivianos com outros grupos, em especial dos brasileiros, além de possibilitar o sentimento de associativismo nos bolivianos, o futebol representa uma oportunidade de conquista de espaços no contexto urbano. Dessa forma, Alves anota que:

Na feira da Praça Kantuta, é muito comum ver bolivianas grávidas e outras amamentando seus filhos sentadas nos bancos, ou carregando-os pendurados nas costas em grandes panos tradicionais daquele país chamados *awayo* (nome na língua aimará) (ALVES, 2012b, p. 66).

Além da possibilidade de diferentes grupos interagirem e dos bolivianos se reafirmarem enquanto grupo, na Praça da Kantuta são criadas organizações em torno da prática do futebol, as quais ampliam os laços de solidariedade. Nesse sentido, Alves expõe que “tais organizações criadas dentro das próprias comunidades ampliam a rede de solidariedade, mantêm e difundem as tradições culturais de seus respectivos países” (ALVES, 2012b, p.67).

Por conta desse estabelecimento de relações interligadas, verificam-se alguns efeitos negativos na prática do futebol, no sentido da construção de espaços de socialização, tais como: o reforço da identidade e o próprio preconceito da sociedade local. A respeito disso, Alves menciona que:

Se, por um lado, a feira contribui para reforçar a identidade dos bolivianos em São Paulo, por outro, propicia a exacerbação de preconceitos que acabam sendo extensivos a todos os bolivianos na cidade. Isso acontece principalmente quando os paulistanos, de maneira equivocada, dizem que eles são um povo “sem cultura” (ALVES, 2012b, p. 66).

Ao que parece ocorre um confronto entre a utilização de espaço da praça para atividades desportivas e os seus traços e costumes étnicos e culturais bolivianos. Para agravar a situação, muitos bolivianos são vítimas de exploração dos próprios compatriotas através do futebol. Sobre isso, Alves relata que:

A maioria dos delegados são donos de oficina, não jogam, apenas dirigem o grupo, pagam as contas e tomam conta de tudo que envolve as ações do time. Eles exercem certo poder sobre os jogadores, pois, como são possuidores do dinheiro que banca a permanência do time na competição, são ainda muitas vezes patrões dos jogadores nas oficinas das quais são donos. Ou seja, o respeito e o medo ficam meio amalgamados nos sentimentos que relacionam jogadores e delegados. A relação de dominação e de exploração parece ir além das paredes das oficinas de costura, chegando às linhas da quadra de jogo. Nesse caso a “dáviva” parece se transformar em “dívida”, existindo uma dupla obediência, ou seja, na oficina e no futebol (ALVES, 2012b, p. 88).

Esses apontamentos de Alves demonstram um profundo enraizamento da problemática que não apenas os bolivianos enfrentam, mas também outros grupos de imigrantes no contexto urbano paulistano. No caso específico dos bolivianos, eles recebem ajuda dos compatriotas donos de oficina de costuras (no próximo item será tratado sobre algumas dessas oficinas) em troca de uma fidelidade étnica, que pode ser traduzida em dívidas morais; esse fato é negativo e/ou limitador à interação dos bolivianos com outros grupos e com a sociedade local. Sobre esse assunto, Alves complementa:

A prática do futebol na praça deveria ser apenas mais uma atividade de esporte e lazer dos bolivianos no Brasil, mas a maioria faz isso como única atividade além do trabalho, buscando, nessa investida, equilibrar tensões geradas em suas vidas resumidas às atividades profissionais e buscar tensões agradáveis e distantes das rotinas, a fim se recuperar aos domingos para mais uma jornada semanal (ALVES, 2012b, p.88-89).

Com isso, para muitos bolivianos participar da rede social Praça da Kantuta através da prática do futebol pode significar a única oportunidade de lazer, entretenimento e distração. É interessante mencionar que, de modo geral, os perfis dos frequentadores bolivianos da Praça da Kantuta são ecléticos. A esse respeito, Alves observou que a maioria dos jogadores de futebol é boliviana, os quais em grande parte desenvolvem atividades no ramo de costura; contudo, existem jogadores brasileiros, paraguaios, chilenos e peruanos (ALVES, 2012b, p. 83).

A construção de espaço de socialização na Praça da Kantuta não é pacífica. De um lado, os bolivianos desenvolvem relações sociais pautadas nos sentimentos de vizinhanças e reciprocidades; assim, diferentes pessoas, grupos e comunidades interagem por meio da Praça Kantuta, através das festas e futebol. Por outro lado, boa parte da sociedade local rejeita quase por completo a presença de grupos de imigrantes latino-americanos. A esse respeito, Silva expõe:

Apesar de todo esforço de organização da Associação Gastronômica Padre Bento, a feira dominical boliviana enfrenta uma situação paradoxal: se, por um lado, ela contribui para reforçar as identidades dos bolivianos em São Paulo, por outro, ela propicia também a exacerbação de preconceitos, os quais acabam sendo extensivos a todo o grupo na cidade (SILVA, 2012, p.42).

A partir dos apontamentos de Alves, é possível perceber que os traços étnicos, os sentimentos, os valores e os costumes dos bolivianos não são

plenamente mutáveis. Cabe destacar que existem fortes indícios de que as atividades dominicais, as festas e as práticas esportivas promovem não apenas a solidariedade étnica entre os bolivianos, mas também uma constante negociação da identidade dos bolivianos em relação à sociedade local.

Como já abordado, a maioria dos bolivianos vem para São Paulo e se fixa no setor de confecção, dessa forma, constata-se que as oficinas de costura podem colaborar para a formação de redes sociais, ainda que não institucionalizadas. Desse modo, mesmo que as oficinas de costura tenham algumas características de redes sociais, nesta pesquisa, elas são consideradas enclaves étnicos. A respeito dos enclaves étnicos, Portes expõe que “os enclaves étnicos são caracterizados pela concentração espacial dos imigrantes que organizam uma variedade de empresas para servir o seu próprio mercado, bem como a população em geral”<sup>50</sup> (PORTES, 2006, p. 4). O próximo tópico tratará das oficinas de costuras, sob a ênfase da construção de espaços de socialização.

### 3.4 OUTROS ESPAÇOS

#### 3.4.1 Oficinas de Costura

Como já dito, a imigração boliviana é histórica e com grupos de imigrantes distintos. Nem todos os imigrantes exercem as mesmas funções e ocupam posições sociais e econômicas iguais. Portanto, a comunidade boliviana em São Paulo é heterogênea. No entanto, as oficinas de confecção são uma das principais ocupações dos bolivianos; a maioria das oficinas está localizada nos bairros centrais, principalmente no Brás, Bom Retiro, Pari<sup>51</sup> (FREITAS, 2010; SILVA, 2012a, TRUZZI, 2001, XAVIER, 2012). Esses bairros são conhecidos como o circuito de confecção e comércio popular atacadista (FREITAS, 2010).

Segundo Almeida e Baerninger, os espaços migratórios são aqueles locais percorridos e estruturados pelo conjunto fluxos estáveis e regulares, independentemente da origem ou do destino (ALMEIDA e BAENINGER, 2013, p.

<sup>50</sup> Tradução livre do trecho: “These formations were characterized by the spatial concentration of immigrants who organize a variety of enterprises to serve their own market as well as the general population”. (PORTES, 2006, p. 4)

<sup>51</sup> Os bolivianos também se estabelecem em bairros onde os aluguéis são mais baratos, como Belenzinho e Cambuci, além daqueles da zona leste e norte de São Paulo (SILVA, 2009, p. 8).

29). Neste caso, o Bom Retiro e outros bairros centrais são considerados espaços migratórios não apenas dos imigrantes bolivianos, mas também dos judeus, italianos e coreanos (TRUZZI, 2001, p. 163).

Cabe observar que o fluxo migratório dos bolivianos em direção aos bairros centrais de São Paulo intensificou-se a partir da década de 1980, mudando assim os perfis predominantes desses imigrantes. Segundo Silva, os perfis dos bolivianos, após os anos de 1980, passaram a ser fortemente marcados pela mão de obra pouco qualificada e pela situação de indocumentados. (SILVA, 2009, p. 6)

No entanto, é importante perceber que muitos dos bolivianos recém-chegados tendem a se mover em direção a esses bairros de circuito de confecção para trabalhar como operadores de máquinas de costura com a perspectiva futura de montar as suas próprias oficinas de costuras (SILVA, 2006, p. 165). Destaca-se que o circuito de confecção são espaços que antes de servir a imigração dos bolivianos serviram para os imigrantes judeus e coreanos (TRUZZI, 2001; SILVA, 2009).

Sendo assim, os bairros são considerados espaços migratórios e espaços de socialização. Por espaço de socialização entende-se os lugares marcados pelas trajetórias migratórias, a passagem, a circulação e a permanência dos imigrantes bolivianos.

É importante esclarecer que as oficinas de costura podem ser consideradas como espaços migratórios e de socialização, mas as oficinas propriamente ditas não são redes sociais. Ou seja, as oficinas são espaços de circulação e permanência de relações sociais.

Desse modo, as oficinas de costura são enclaves étnicos. Vale ressaltar que “os enclaves étnicos são caracterizados pela concentração espacial dos imigrantes que organizam uma variedade de empresas para servir o seu próprio mercado, bem como a população em geral”<sup>52</sup> (PORTES, 2006, p. 4).

As redes sociais têm como base os laços familiares, amigos e/ou compatriotas (MASSEY *et al*, 1987); essas redes sociais servem de mobilizações de informações e ponto de apoio aos imigrantes. As oficinas não se formam necessariamente a partir dos laços familiares, de amigos e/ou compatriotas.

---

<sup>52</sup> Tradução livre do trecho: “These formations were characterized by the spatial concentration of immigrants who organize a variety of enterprises to serve their own market as well as the general population”. (PORTES, 2006, p. 4)

As oficinas são espaços de circulação de informação, passagem e circulação de imigrantes. Elas podem reforçar as relações sociais e reproduzir solidariedade étnica e oportunidades de trabalho. No entanto, não são redes sociais, pois se organizam a partir de mercados étnicos.

Assim, a maioria das análises sobre a imigração boliviana está inserida no setor de confecção de São Paulo e enfatiza as motivações econômicas que levaram ao aumento dos deslocamentos e às condições precárias de trabalho nas oficinas de costuras (ALVES, 2012a; CACCIAMALI e AZEVEDO, 2006; CÔRTEZ, 2014; SILVA, 2009; SILVA, 1995, 1998, 2006, 2012; FREITAS, 2010, 2012; DORNELAS, 2009; SOUCHAUD, 2012; VIDAL, 2012). Se por um lado as oficinas de costura servem de espaços de atuação das redes sociais, por outro, elas formam enclaves de relações de exploração no âmbito das relações de trabalho e são reguladas pelos mercados financeiros.

Nesse sentido, as experiências de trabalho no interior das oficinas criam enclaves étnicos que acabam por fortalecer os preconceitos, as discriminações e o aumento das dificuldades de realizar as atividades cotidianas. Sobre isso, Dornelas expõe:

Esse modo de vida voltado para o trabalho cria um ambiente opressivo, em que procuram se fechar, isolando-se dos vizinhos e se comunicando apenas entre eles, e uma rádio em alto volume, transmitida em espanhol, como reforço constante de sua identidade de bolivianos. O sinal físico mais evidente deste fechamento sobre si são as janelas permanentemente fechadas. Alegando que "*sentem muito frio*", eles criam uma situação de confinamento inteiramente voltado para o trabalho e de isolamento em relação à sociedade brasileira (DORNELAS, 2009, p.23).

Constata-se que muitos bolivianos são contratados para trabalhar nas oficinas ainda na Bolívia. Sendo assim, os donos das oficinas financiam a vinda desses imigrantes com a promessa de garantir moradia e alimentação no novo local de trabalho; contudo, ao chegarem a São Paulo, os seus documentos são retidos até que os bolivianos paguem todas as despesas da travessia, da moradia e das refeições (CÔRTEZ e SILVA, 2014, p.41). Isto é, os bolivianos - ao chegarem a São Paulo - já estão endividados, além disso, os espaços desses imigrantes são limitados às oficinas de costuras, haja vista que muitos deles têm os seus documentos apreendidos.



Desse modo, os fluxos imigratórios de bolivianos em direção às oficinas de costuras não estão entrelaçados às redes sociais de contatos e relações pessoais, mas podem ajudar na circulação de informação, na oportunidade de trabalho e na solidariedade étnica no local de destino (MASSEY *et ali*, 1987; TILLY, 1990). No entanto, muitas vezes, os bolivianos são confinados nas oficinas de costuras, com jornadas de trabalho intensas, sem possibilidades de interação com a sociedade local, o que caracteriza a formação de enclaves étnicos.

Sobre os enclaves, Silva expõe que a forma como ocorrem os recrutamentos dos bolivianos, que se dá na Bolívia, impacta significativamente na vida desses imigrantes inseridos nas oficinas de costuras. A maioria desses imigrantes vive na condição de indocumentado, reforçando o circuito de dominação e exploração, ainda mais pelo fato deles já chegarem endividados, numa relação de dependência dos donos das oficinas, em que se exige a fidelidade étnica. Caso o boliviano abandone o patrão antes de quitar suas pendências, ele será considerado um traidor e/ou ingrato perante a comunidade boliviana (SILVA, 2009, p.8-9).

As oficinas podem desenvolver relações desiguais entre a posição racial, econômica e social e se tornarem perpetuadas pelos enclaves que privilegiam as ascensões econômicas, como é o caso das oficinas de costuras. A situação pode piorar quando se trata das mulheres imigrantes bolivianas nas oficinas de costura.

Dessa forma, Dornelas anota que as péssimas condições de higiene, em especial das mulheres, tanto em relação ao seu corpo quanto aos cuidados dos filhos e à vulnerabilidade a imposições e violências domésticas são sinais do confinamento e da degradação do padrão familiar causados pela intensa submissão ao trabalho (DORNELAS, 2009, p. 24). Com isso, fica nítido que os espaços criados pelas oficinas são desagregadores, principalmente nas relações mulheres e filhos.

As submissões das mulheres aos trabalhos muitas vezes são tão exaustivas que algumas chegam a abandonar os seus filhos. Em geral, essa realidade social é associada aos estereótipos culturais marcados pelos costumes indígenas e rurais, além disso, são reforçados pela ideia de que essas bolivianas vêm com objetivo de trabalhar e poupar o máximo de dinheiro possível para retornar para a Bolívia ou construir uma melhor vida em São Paulo. (DORNELAS, 2009, p. 24)

Segundo Peres, a perspectiva de gênero pode ser considerada como um importante aporte teórico para os estudos de migrações internacionais, principalmente se forem observados os fatores que revelam a construção das relações de gênero no local de origem e ao longo do processo de imigração; essas relações são delimitadas, condicionadas, configuracionais e de orientação dos fluxos e de inserção dos imigrantes na sociedade de destino (PERES, 2009, p.39). Desse modo, aqui é reconhecida a importância teórico-metodológica das relações de gênero, ainda que não seja o objetivo deste trabalho desdobrar tal perspectiva.

Nas relações de trabalho das mulheres bolivianas, elas mobilizam suas relações sociais para atender as demandas do setor de confecção. Assim, Silva expõe que:

As mulheres se organizam entre si e mobilizam as suas redes para conseguir cumprir as encomendas de costura e para tentar garantir as encomendas futuras, o que define um perímetro urbano por onde circulam as encomendas. A inserção massiva dos bolivianos na indústria de confecções ocorre justamente através destas encomendas de costura (SILVA, 2009, p. 8).

Conforme já foi dito, ainda que não se pretenda tratar das relações de gênero, é possível novamente observar a existência de relações de gênero na imigração boliviana, assim a literatura aponta que as mulheres se organizam e mobilizam suas relações sociais a fim de atender as demandas do setor de confecção.

Existem fortes indícios de que as mulheres bolivianas se organizam mais do que os homens, além de ocupar papéis diversificados; isto é, se mobilizam para atender as encomendas, cuidam dos filhos e da família. Cabe lembrar que elas também são as mais discriminadas pela sociedade local. A respeito desse assunto, Peres expõe que:

Uma das questões mais relevantes para a análise da migração feminina são os papéis de gênero de cada um dos residentes no domicílio. Dessa forma, a condição na família e no domicílio são variáveis fundamentais para os diferenciais por sexo ao longo da trajetória migratória. A (re)configuração familiar tem um papel fundamental ao apontar transformações em relações de poder e gênero nas esferas privadas (âmbito domiciliar e familiar) e públicas (referentes principalmente à entrada da mulher no mercado de trabalho do país de destino) (PERES, 2009, p.39).

A condição de indocumentado é um dos maiores desafios que os imigrantes têm de enfrentar no local de destino. No caso dos bolivianos, essa realidade não é diferente.

Outro aspecto marcante nas oficinas de costuras é que muitos imigrantes bolivianos estão indocumentados. Essa situação potencializa as relações desiguais de trabalho; sendo assim, a maioria dos bolivianos nessa situação sente-se inibida a procurar o poder público a fim de intervir nos litígios trabalhistas, conseqüentemente, a relação de dependência entre empregado e empregador acaba se fortalecendo (SILVA, 2009, p.9). Vale mencionar que a condição de indocumentado tende a anular o papel do Estado no sentido de identificar e coibir as práticas de trabalhos análogos a escravos.

De acordo com os estudos de Vidal, muitos bolivianos indocumentados trabalham até dezessete horas por dia e seis dias por semana; porém, para a maioria desses imigrantes, as condições de trabalho nas oficinas e a exaustiva jornada de trabalho não se assemelham às formas de trabalho forçado (VIDAL, 2012, p. 101). Tal situação dificulta a caracterização de tráfico humano e processos de mobilização de espaços de resistência e de discriminação.

A respeito da construção de espaços de socialização fora das oficinas de costura, Vidal menciona que “trabalhando doze horas por dia, frequentemente seis dias por semana, eles dedicam o pouco tempo livre para o descanso, a família, o culto, as compras, as visitas a parentes e conterrâneos” (VIDAL, 2012, p. 100). Além disso, em muitos casos, a construção de espaços de lazer e de circulação dos imigrantes bolivianos está regida pela lógica do setor de confecção. Como é o caso dos campeonatos de futebol na Praça de Kantuta, conforme já dito, onde os delegados dos times, geralmente donos das oficinas, decidem quem vai jogar ou não a depender da produção no trabalho (ALVES, 2012b, p. 245) e as festas devocionais na Pastoral do Migrante, sobretudo na figura do *preste* (SILVA, 2005).

Do mesmo modo, Silva aponta que as festas devocionais no Memorial da América Latina são recriadas de acordo com a realidade do setor de confecção. Assim, o autor observou que nas últimas edições dessas comemorações ocorreu um aumento do grupo. De um lado, os bolivianos representaram ritmos e danças baseadas nas culturas indígenas e camponesas, mostrando para o contexto

urbano paulistano que a Bolívia é rica em sua diversidade étnico-cultural e social, de outro, a população boliviana passou a demonstrar novos significados, em especial para aqueles que estão inseridos no ramo da costura (Silva, 2012). O espaço do Memorial da América Latina será discutido no decorrer deste capítulo.

De acordo com a literatura aqui apresentada, é possível evidenciar enclaves que atuam no interior das oficinas de costura. A princípio, bolivianos utilizam-se dessas redes para se inserir no mercado de trabalho. Mas, inicialmente, são confinados nos espaços das oficinas sob o regime de contratação de terceirização e renumerados por peça. Após pagarem as suas dívidas (financiamento da viagem, hospedagem e alimentação), poupam dinheiro para montar suas próprias oficinas e reproduzem a mesma lógica.

Com isso, observa-se que os enclaves formados em torno das oficinas são mecanismos de mobilização e são estimuladores do ideário da ascensão social e econômica. A respeito da mobilização de informações e de acordo com o que foi exposto no primeiro capítulo, Fusco menciona que a troca de informação entre os indivíduos que migram e ficam pode estimular os fluxos de imigração (FUSCO, 2002). No entanto, as oficinas aproximam-se dos enclaves étnicos em vez de redes sociais, pois elas possuem características hierárquicas de fidelidades étnicas e solidariedades como forma de sobrevivência no contexto urbano paulista.

Assim, se de um lado as redes sociais fortalecem os laços sociais nos espaços construídos pelo grupo de bolivianos, por outro, elas se tornam cada vez mais visíveis à presença dos bolivianos no contexto urbano paulistano. O ganho de visibilidade dos bolivianos, muitas vezes, causa reações adversas na sociedade local, como atos discriminatórios e preconceituosos. Essas reações adversas são negativas para a construção de espaços de socialização. Na tentativa de construção de espaços de socialização foi criado o Memorial da América Latina em São Paulo.

### 3.4.2 Memorial da América Latina

O Memorial da América Latina é um espaço de migração e de socialização. Ele foi inaugurado em 1989, na cidade de São Paulo, é um conjunto arquitetônico assinado por Oscar Niemeyer<sup>53</sup>, conhecido por Memorial da América Latina, um local projetado para acolher diversas manifestações artísticas, intelectuais e culturais dos diversos países da América Latina. O Memorial é um projeto cultural do antropólogo Darcy Ribeiro (LEÇA, 2008, p.95-96). Segundo Leça, “o Memorial nasceu com a missão de estreitar as relações culturais, políticas, econômicas e sociais do Brasil com os demais países da América Latina” (LEÇA, 2008, p.96).

Dentre as ações desenvolvidas pelo Memorial da América Latina destacam-se: fomentação e divulgação de pesquisas, apoio à expressão das identidades latinas, incentivo ao desenvolvimento criativo, coordenação de iniciativas de instituições científicas e artísticas e difusão da história dos povos latino-americanos (LEÇA, 2008, p.96). Desse modo, é um espaço de relações sociais não institucionalizadas e não se restringe a um grupo de imigrante específico, mas cumpre o papel de apoio e incentivo das atividades étnicas culturais de diferentes grupos de imigrantes latinos, como é o caso dos bolivianos.

O Memorial da América Latina está localizado na Avenida Auro Soares de Moura Andrade, 664, Barra Funda. Tendo em vista que “os bolivianos (as) estão concentrados em bairros da Zona Central da cidade, como Bom Retiro, Brás, Pari, Barra Funda, Cambuci, Mooca, entre outros” (SILVA, 2009, p. 160), o acesso dos bolivianos às dependências do Memorial não é tão difícil.

Desde 2007, o Memorial é palco das comemorações do dia da independência da Bolívia em São Paulo; segundo as informações do *site* do Memorial, estima-se que aproximadamente 30 mil pessoas circularam no local durante os dois dias de celebrações em 2015. Além das comemorações do dia da independência da Bolívia, os imigrantes e simpatizantes celebram rituais de devoções à santa padroeira Virgem de Copacabana e a Nossa Senhora de Urkupiña (MEMORIAL).

---

<sup>53</sup> Oscar Niemeyer foi um arquiteto brasileiro que contribuiu para o desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil.

Esse espaço construído pelo Memorial é significativo para a interação entre os bolivianos e outros grupos étnicos, como é o caso dos brasileiros. As programações geralmente são gratuitas e permitem a formação de redes sociais por oferecer infraestrutura para que os participantes e visitantes possam interagir. A respeito disso, Silva observa que:

“Nessa perspectiva, a festa apresenta-se como uma mediação no processo de negociação de uma identidade positiva no âmbito da sociedade local, inclusive permitindo a esses imigrantes negociar outros espaços de inserção na metrópole, como é o caso do Memorial da América Latina e da quadra da Escola de Samba Camisa 12, local onde se realiza a celebração do último dia dos festejos” (SILVA, 2009, p. 160).

O crescimento da comunidade boliviana, em São Paulo, no decorrer das últimas décadas (assunto tratado no capítulo dois) trouxe maior visibilidade a esse grupo, bem como o aumento dos problemas étnicos e das necessidades de inserção por parte dessa população. As festas e manifestações sociais e culturais promovidas pelas redes sociais, no Memorial da América Latina, exercem papéis centrais na organização de espaços de socialização, mediação, negociação, estabelecimento de identidades culturais, melhoria e aperfeiçoamento das relações sociais.

Vale mencionar que as redes sociais têm como base os laços familiares, de amigos e de compatriotismo (MASSEY *et alii*, 1987), sendo assim, o Memorial não se caracteriza como uma rede social, ainda que ele propicie um espaço para a formação de redes sociais.

Segundo Silva, o Memorial da América Latina é um espaço que busca criar um canal de diálogo entre os bolivianos e o contexto local. Muitas vezes, a imagem desses imigrantes é a de que eles são pobres e com fenótipos indígenas (SILVA, 2012, p. 22). Desse modo, as conquistas de novos espaços são fundamentais não apenas para a interação dos bolivianos no contexto urbano paulistano, mas também para demonstrar as relações de resistências às formas de discriminações e preconceitos étnicos. Ainda a esse respeito, Silva expõe:

É neste contexto marcado por contradições que práticas festivas passam a ser uma mediação importante no processo de reconstrução identitária dos imigrantes, abrindo, assim, um possível canal de diálogo com o país de adoção. Entretanto, vale notar que tais festividades não são recriadas de forma aleatória, mas são selecionadas no vasto universo cultural dos bolivianos, passando a ser diacríticas num contexto marcado por preconceitos e discriminações (SILVA, 2012, p. 22).

Com isso, as atividades praticadas no espaço do Memorial da América Latina não são somente voltadas à comunidade boliviana, mas estão abertas a toda sociedade em geral. Assim, o objetivo é ressaltar a riqueza da cultura, folclore, crenças religiosas dos imigrantes bolivianos e estimular o diálogo com o contexto urbano local.

No caso específico do papel do Memorial da América Latina, tem caráter positivo na construção de espaços de socialização dos bolivianos, pois é através dessas festas e comemorações que a comunidade de bolivianos tem a oportunidade de realizar suas devoções junto à sociedade de acolhimento, demonstrar o quanto essa comunidade é organizada e reafirmar os seus traços étnicos culturais.

Em suma, pode-se dizer que o Memorial incentiva a atuação das práticas dos bolivianos no sentido de construir espaços no contexto urbano paulistano, além de legitimação da presença dos bolivianos em São Paulo, ajuda na recriação e propagação de suas identidades étnicas e cria mecanismos e condições de resistência à discriminação e aos preconceitos.

### 3.5 OS DIVERSOS TIPOS DE REDES SOCIAIS

Neste capítulo, foi possível identificar diferentes tipos de redes sociais na migração de bolivianos. Elas podem ser classificadas conforme a sua institucionalização, em relação à associação de caráter social, religioso e cultural, aos objetivos a serem alcançados, às atividades promovidas e aos papéis na construção de espaços.

Cabe mencionar que os estudos de redes sociais são interdisciplinares; sendo assim, as redes sociais podem ser consideradas ferramentas metodológicas, no entanto, aqui não se pretende tratar da importância das redes em diferentes campos disciplinares.

O objetivo é construir um quadro explicativo do que foi discutido no decorrer deste capítulo, sinalizando os aspectos observados nas redes sociais selecionadas.

**Quadro 2 – Tipos e Caracterizações das Redes Sociais**

REDES SOCIAIS	TIPO DE REDE	CARACTERÍSTICAS GERAIS	OBJETIVOS	PRINCIPAIS ATIVIDADES	PAPEL NA CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO
ADRB	Institucionalizada	Organização de base étnica e coletiva. Formada apenas por imigrantes. Caráter assistencial e cultural. Ocupam os papéis sociais complementares e nas relações interpessoais. Criam e preservam as expectativas mútuas e de comportamentos em torno das circunstâncias da imigração.	Tem papel central de promover a cultura boliviana e difundir o folclore boliviano através de atividades assistenciais aos compatriotas carentes.	Prestação de assistência aos imigrantes bolivianos necessitados. Administração de espaços da comunidade boliviana. Publicação de periódicos com informações específicas da cultura boliviana.	A ADRB através das suas atividades constrói espaços de convivência de imigrantes bolivianos focando nas relações de resistência e lutas contra as discriminações e preconceitos. As ações dessa rede social são voltadas para fortalecer os traços étnicos, logo a construção de espaços de socialização pode ser vista como negativa.
PASTORAL DOS MIGRANTES	Institucionalizada	Não é formada apenas por imigrantes. Não se constituiu de forma imediata e foi se incrementando de acordo com a dinâmica dos fluxos migratórios. Caráter religioso e assistencial. Ocupam os papéis sociais complementares e nas relações interpessoais	Colabora com diferentes serviços assistenciais. Promove festas devocionais. Ajuda na formação de espaços de socialização e diálogos interculturais.	Promoção de festas devocionais. Oferece serviços de assistência. Promove o diálogo entre diferentes grupos étnicos.	A Pastoral dos Migrantes através das suas atividades constrói espaços de convivência de imigrantes bolivianos focando no diálogo intercultural, ainda que haja relações de resistência e lutas contra as discriminações e preconceitos. As ações dessa rede social são voltadas para a socialização dos bolivianos no contexto urbano paulistano, logo a construção de espaços de socialização pode ser vista como positiva.
KANTUTA	Institucionalizada	Organização de base étnica e coletiva. Caráter econômico e cultural. Não se constituiu de forma imediata e foi se incrementando de	Construir espaços de convivência	Promove feira dominicais com produtos típicos da Bolívia. Realiza atividades recreativas	A Praça da Kantuta através das suas atividades e organização colabora para a construção de espaços de



		acordo com a dinâmica dos fluxos migratórios. Proporciona a criação de novas identidades. Não é restrita aos imigrantes bolivianos.		Organiza festas comemorativas, devocionais e manifestações culturais.	convivência entre imigrantes bolivianos, latinos e sociedade local focando na interpenetração cultural, ainda que haja relações de resistência e lutas contra as discriminações e preconceitos. A construção de espaços de socialização pode ser vista como positiva.
OFICINAS	São espaços Não institucionalizados	Organização de base étnica e coletiva. Formada predominantemente por imigrantes.  São enclaves étnicos com repercussões no associativismo e solidariedade étnica Na circulação de informação, na oportunidade de trabalho e solidariedade étnica no local de destino. Apresenta relações desiguais econômicas e sociais.	Serve de mobilizações de informações. Constitui ponto de apoio aos imigrantes. Oferece oportunidade de trabalho.		As oficinas de costuras através dos seus mecanismos de funcionamentos constroem espaços de confinamentos de imigrantes bolivianos, enfraquecendo as relações de resistência e lutas contra as discriminações e preconceitos. As ações dessa rede social são voltadas para fortalecer os traços étnicos, logo a construção de espaços de socialização pode ser vista como negativa.
MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA	São espaços não institucionalizados	Caráter social e cultural. Proporciona a criação de novas identidades. Não é restrita aos imigrantes bolivianos	Fomentar e divulgar pesquisas; apoiar a expressão da identidade latina; Incentivar o desenvolvimento criativo; Coordenar iniciativas de instituições científicas, artísticas; e difundir a história dos povos latino-americanos.	Apoia festas devocionais e comemorativas	O Memorial da América Latina através da organização de festas colabora para a construção de espaços de convivência entre imigrantes bolivianos, latinos e sociedade em geral, focando na interpenetração cultural. A construção de espaços de socialização pode ser vista como positiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência de redes sociais da migração boliviana na cidade de São Paulo reflete a facilidade de organização desse grupo e o sucesso nas conquistas de espaços de socialização. As associações de imigrantes bolivianos são consideradas redes sociais institucionalizadas (por institucionalização entende-se a associação organizada a partir dos interesses de caráter social, religioso, filantrópico e outros, em que os seus membros participem livremente), que têm como principal objetivo adaptarem-se ao contexto urbano paulistano. Isto demonstra que os imigrantes bolivianos estão conseguindo estabelecer relações de resistências às discriminações e aos preconceitos bem como dialogar com a sociedade de destino.

A Pastoral dos Migrantes é uma rede social institucionalizada de caráter religioso e filantrópico, que colabora com o fortalecimento das relações com base nos laços familiares, de amizade e de compatriotismo. Inicialmente, foi fundada para atender um grupo de imigrante específico, os italianos. No entanto, em 2016, a Pastoral é reconhecida como uma organização diversificada. As suas ações são positivas para a construção de espaços de socialização, além de possibilitar o diálogo e a visibilidade das relações de resistências às múltiplas formas de discriminações e preconceitos.

À medida que uma associação cresce, por exemplo, como a Praça da Kantuta, aumenta a demanda da necessidade de prestação de serviços públicos, quer dizer, de infraestrutura: espaços urbanizados, regulamentação do uso público, iluminação, segurança entre outros. Esses serviços públicos são importantes para a atuação das redes sociais no sentido da construção de espaços de socialização, da possibilidade de manutenção das relações sociais e do fortalecimento dos laços sociais.

Além disso, é possível reconhecer que as resistências e as manifestações culturais (a maneira de ser dos bolivianos), na maioria das vezes, se impõem nos espaços de funcionamento das redes sociais. Cabe ressaltar que nem todos os espaços frequentados pelos imigrantes bolivianos são considerados redes sociais institucionalizadas, como são os casos das oficinas de costura e do Memorial da América Latina.

As oficinas de costura apresentadas nesta pesquisa aproximam-se aos enclaves étnicos. Ou seja: “são caracterizados pela concentração espacial dos imigrantes que organizam uma variedade de empresas para servir o seu próprio mercado, bem como a população em geral”<sup>54</sup> (PORTES, 2006, p. 4). Portanto, as oficinas são espaços que podem formar redes sociais, mas elas propriamente ditas não são consideradas redes sociais, dadas as suas características de enclaves.

O Memorial da América Latina é um complexo que oferece um local de manifestação cultural e artística para diversos grupos de imigrantes e brasileiros; sendo assim, ele é caracterizado como espaços migratórios que são “percorridos e estruturados pelo conjunto de fluxos relativamente estáveis e regulares dos migrantes, independentemente da origem ou do destino” (ALMEIDA E BAENINGER, 2013, p. 29).

Nesse sentido, tanto as oficinas de costuras quanto o Memorial da América Latina são espaços não necessariamente constituídos pelas relações sociais com base nos laços familiares, amizade e compatriotismo, ainda que sirvam de apoio para a manifestação e formação dessas relações.

Neste trabalho de revisão de literatura sobre a migração boliviana na cidade de São Paulo, percebe-se que as publicações recentes focaram na realidade social dos imigrantes inseridos no setor de confecção, sem considerar, de modo significativo, outras ocupações dos imigrantes bolivianos, o que dificultou uma compreensão mais precisa dos posicionamentos das redes sociais em relação ao contexto urbano paulista e na formação de consciência da identidade cultural entre os seus membros.

Desse modo, quando levantadas algumas questões relativas às relações sociais estabelecidas nos espaços de migração e de socialização, imediatamente, aponta-se a existência de um conjunto de relações que atua fortemente como elemento de ligação entre o imigrante e as possíveis oportunidades de emprego no setor de confecção. Sendo assim, não ficam nítidos, de imediato, as questões e os aspectos das realidades sociais.

O papel das redes sociais na construção dos espaços sociais pode ter duas posições distintas. A primeira posição é compatível com a hipótese desse

---

<sup>54</sup> Tradução livre do trecho: “These formations were characterized by the spatial concentration of immigrants who organize a variety of enterprises to serve their own market as well as the general population” (PORTES, 2006, p. 4).

trabalho, isto é, a de que as redes sociais têm papel central na construção de espaços de socialização, sendo que os espaços de socialização se diferenciam dos espaços migratórios em suas potencialidades de práticas e ações de resistências as discriminações e preconceitos no contexto urbano paulistano.

Como, por exemplo, as construções de espaços de sociabilização são observadas nos pontos de encontros, festas devocionais e comemorações típicas, os quais reforçam os costumes e as tradições bolivianas e tem a intenção de demarcar a resistência de alguns aspectos da cultura e costumes locais, ao passo que os espaços de migração são estruturados apenas pelos fluxos estáveis e regulares (ALMEIDA E BAENINGER, 2013, p. 29).

Outra posição é a de que as redes sociais formadas pelos imigrantes bolivianos têm como base os laços familiares, de amizade e compatriotismo; ao invés de impor uma interação com a sociedade local e colaborar para a construção de espaços de socialização, a atuação das redes pode causar conflitos culturais e segregação.

Nesta pesquisa, foi identificada uma disparidade em relação às mulheres bolivianas. A maioria das mulheres organiza-se mais no trabalho do que os homens e ocupa vários papéis sociais, tais como: faz as atividades domésticas, é provedora do orçamento financeiro e cuida da educação dos filhos. No entanto, elas estão mais sujeitas às múltiplas formas de discriminações e preconceitos.

Vale mencionar que as relações de gênero podem ser consideradas ferramentas analíticas para compreender as trajetórias migratórias, a (re)configuração familiar, as relações de poder tanto nas esferas privadas quanto públicas (PERES, 2009, p.39). Não foram feitas análises a partir da perspectiva de gênero por conta dos objetivos específicos desta pesquisa.

Como foi dito, no segundo capítulo, a imigração boliviana para São Paulo ganhou visibilidade a partir dos anos de 1950 (SILVA, 1995, 1997, 2006, 2012; SILVA, 2009; XAVIER, 2010, 2012; BAENINGER e FREITAS, 2011; XAVIER, 2010; GUIRADO, 2014); nos anos de 1970-1980, a presença desses imigrantes passou a ser notável. Após as décadas de 1980, o fluxo da imigração boliviana foi em direção ao setor de confecção e com uma dinâmica própria. Ainda que a maioria dos fluxos seja marcada pelo setor de confecção, constata-se que é imaturo concluir

que todos os imigrantes após os anos de 1980 estejam inseridos no setor de confecção.

E, ainda, não há parâmetros de comparação nem de trajetórias para afirmar que os bolivianos estejam imigrando para a cidade de São Paulo exclusivamente para atender as demandas do setor de confecção.

Nos debates, foi possível perceber que existe uma diferença latente entre os grupos de imigrantes em diferentes períodos. No entanto, na maioria das vezes, são considerados exilados das condições econômicas da Bolívia; essa afirmação demonstra um profundo descuido com a problemática do imigrante de uma forma particular, sem levar em conta outros fatores históricos e da realidade social.

Muitas vezes, a problemática dos bolivianos na cidade de São Paulo é levantada de forma restrita às questões econômicas, impossibilitando uma compreensão mais ampla das relações sociais, das redes sociais e de espaços de socialização.

Nesta pesquisa, algumas das questões iniciais ficaram em aberto, não podendo ser respondidas de forma absoluta, mas espera-se que o trabalho sirva como fonte de apontamentos para futuras perguntas de pesquisa e de debates acadêmicos acerca das redes sociais e de espaços de socialização. Desse modo, as discussões aqui apresentadas são limitadas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. R de. BAENINGER, R. “Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais”. In: Migrações internacionais. Rosana Baeninger (org). Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp. vol. 9, 2013.

ALVES, U. S. Imigrantes bolivianos em São Paulo: a Praça Kantuta e o Futebol. In: *Migração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012a.

\_\_\_\_\_.Praça Kantuta: Um pedacinho da Bolívia em São Paulo. São Paulo: Todas as Musas, 2012b.

BAENINGER, R. Crescimento das cidades: metrópole e interior do Brasil. In: *População e Cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – NEPO/Unicamp; Brasília, UNFPA, 2010.

\_\_\_\_\_. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In: *Migração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

\_\_\_\_\_. Notas acerca das migrações internacionais no século.#In: Migrações internacionais. Rosana Baeninger (org). Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp. vol. 9, 2013.

BASSANEZI, M.S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: Neide Patarra (coord). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995.

BONASSI, M. Migrantes Ilegais: A Vida e a Lei. In. *TRAVESSIA-Revista do Migrante*, São Paulo, n.30, p. 34- 41, abr. 1998.

CACCIAMALI, M.C; AZEVEDO, F. A. G. Entre o Tráfico Humano e a Opção da Mobilidade Social: a situação dos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. Disponível em [http://www.usp.br/prolam/downloads/2006\\_1\\_7.pdf](http://www.usp.br/prolam/downloads/2006_1_7.pdf). Acesso em 15 mai/2015.

CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Ed. 34; Edusp, 2000.

CÔRTEZ, T. R; SILVA, C. F. da. Migrantes na costura em São Paulo: paraguaios, bolivianos e brasileiros na indústria de confecções. In. *TRAVESSA - Revista do Migrante*, São Paulo, n.74, p. 37-58, jun. 2014.

COSTA, G. Do Centro dos Italianos ao Centro dos Migrantes na Cidade de São Paulo. In. *TRAVESSIA-Revista do Migrante*, São Paulo, n.52, p. 33-40, ago. 2005.

CHOI, K. J. Imigração coreana na cidade de São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 40, p. 233-238, jan. 1996.

DORNELAS, S. M. Clandestinidade e Intolerância: O Caso dos Bolivianos São Paulo. In. *TRAVESSIA-Revista do Migrante*, São Paulo, n.30, p. 25-29, abr. 1998.

\_\_\_\_\_. Redes Sociais na Migração: questionamentos a partir da pastoral In. *TRAVESSIA -Revista do Migrante*, São Paulo, n.40, p. 5-11, jan. 2001.

\_\_\_\_\_. O cotidiano do migrante e o diálogo com a Pastoral. In: Pastoral do Migrante. Relações e mediações. São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios e Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. Para Sair do Confinamento: A experiência das visitas às oficinas de costura de imigrantes bolivianos no quadro do projeto *Somos Hermanos*. In. *TRAVESSIA - Revista do Migrante*, São Paulo, n.63, p. 5-11, jan. 2009.

FAZITO, D. *A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade*. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

FREITAS, P. T. Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia - IFCH/Unicamp, 2009.

FREITAS, P. T.; BAENINGER, R. Cidade e imigração: origens e territórios da imigração boliviana e coreana para a cidade de São Paulo. In: *População e Cidades: subsídios para o Planejamento e para as políticas sociais*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2010.

\_\_\_\_\_. Imigração e Trabalho – determinantes históricas da formação de um circuito de subcontratação de imigrantes bolivianos para o trabalho em oficinas de costura na cidade. In: BAENINGER, Rosana (org). *População e cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais*. São Paulo: UNFPA, 2010.

\_\_\_\_\_. Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo. In: *Migração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

FUSCO, W. *Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares*. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 2002.

GALETTI, R. Migração de estrangeiros no centro de São Paulo: coreanos e bolivianos. In: PATARRA, N. (Coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil Contemporâneo*. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil, v. 1. Campinas: Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP), 1996.

GUIRADO, J. Para além da costura: trabalho imigrante e organização coletiva na metrópole. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2014.

KONTIC. B. Inovação e redes sociais: a indústria da moda em São Paulo. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LEÇA. F. O Memorial da América Latina. Disponível em <http://www.periodicos.usp.br/comeduc/article/download/45494/49103>. Acesso em 20. Mar/2016.

MAZER. R. M de. Democracia e participação política entre os bolivianos na região central de São Paulo. Disponível em [http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=9041&Itemid=456](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=9041&Itemid=456). Acesso em 22. Jan/2015.

MASSEY, D. S. et al. *Return to aztlán*. Los Angeles: University of California Press, 1987.

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA. Disponível em <http://www.memorial.org.br/>. Acesso em 25. Mar. 2014.

MISSÃO PAZ. Disponível em <http://www.missaonspaz.org/>. Acesso em 21/dez.2015.

NASSER, A. C. A.; DORNELAS, S. M. O cotidiano do migrante e o diálogo com a Pastoral. In: Pastoral do Migrante. Relações e mediações. São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios e Loyola, 2008.

NÓBREGA, R. Migração e globalização popular: trabalhadores bolivianos na pequena indústria têxtil de São Paulo. In: J. M. Domingues, A. S. Guimarães, et al (Ed.). *A Bolívia no espelho do futuro*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG/IUPERJ, p.181-203, 2009.

OLIVEIRA, G. C. de; BAENINGER, R. A segunda geração de bolivianos na cidade de São Paulo. In: *Migração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

PATARRA, N.; BAENINGER, R. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil Contemporâneo*. Campinas: NESUR/NEPO/FNUAP, v.1, 1996.

PEIXOTO, J. *As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas*. Socius Working Papers n.11. Centro de Investigação em Sociologia Econômica das Organizações (SOCIUS), Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2004.



PERES, R. G. Mulheres na fronteira: A migração de bolivianas para Corumbá - MS. (Tese de Doutorado). Departamento de Demografia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas (Unicamp), Campinas, 2009.

PIRES. S. B. da R. *A segunda geração de imigrantes em Portugal e a diferenciação do percurso escolar: jovens de origem cabo-verdiana versus jovens de origem hindu-indiana*. Disponível em [http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179891/Resumo\\_Tese23.pdf/b8dafda9-c89f-498b-b52a-7ab2b39b6dc5](http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179891/Resumo_Tese23.pdf/b8dafda9-c89f-498b-b52a-7ab2b39b6dc5). Acesso em 10. abr. 2015.

PORTES, A.; SHAFER. S. Revisiting the Enclave Hypothesis: Miami Twenty-Five Years Later. Princeton University Estados Unidos, 2006.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social, métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 3º ed, 2008.

SALES. T. A legitimidade da condição clandestina. In. *TRAVESSIA-Revista do Migrante*, São Paulo, n.30, p. 13-16, abr. 1998.

SASAKI, E. M. e G. D. O. ASSIS. Teorias das migrações internacionais. XII Encontro Nacional da ABEP 2000. Caxambu, Minas Gerais, Brasil. Outubro, 2000.

SILVA. S. A. da. Uma Face Desconhecida da Metrópole: Os Bolivianos em São Paulo. In. *TRAVESSIA-Revista do Migrante*, São Paulo, n.23, p. 14-19, dez. 1995.

\_\_\_\_\_. Clandestinidade e intolerância: o caso dos bolivianos em São Paulo. In: *TRAVESSIA-Revista do Migrante*, São Paulo, n.30, p. 25-29, abr. 1998.

\_\_\_\_\_. Bolivianos: a presença da cultura andina. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

\_\_\_\_\_. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, v.20, n.57, p.157-170, 2006.

\_\_\_\_\_. Faces da Latinidade Hispano-Americano em São Paulo. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp – 2008.

\_\_\_\_\_. Bolivianos em São Paulo: Dinâmica cultural e processos identitários. In: *Migração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

SILVA, C. F. da. Precisa-se: bolivianos na indústria de confecções em São Paulo. In. *TRAVESSIA - Revista do Migrante*, São Paulo, n.63, p. 5-11, jan. 2009.

SIMAI. S; BAENINGER.R. Discurso, negação e preconceito: bolivianos em São Paulo. In: *Migração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

SOARES. W. *Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional*. Disponível em:

[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev\\_inf/vol21\\_n1\\_2004/vol21\\_n1\\_2004\\_8artigo\\_p101a116.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol21_n1_2004/vol21_n1_2004_8artigo_p101a116.pdf). Acesso em 8. mar. 2015.

SOUCHAUD. S. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latinoamericana em São Paulo? In: *Migração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

STEIN. S. J. Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil: 1850/1950. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

TILLY. C. (1990) "Transplanted Networks" in Virginia Mclaughlin (ed.) *Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics*, Oxford University Press, New York.

TRUZZI. O. "Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro". *Estudos Históricos*, 28. Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. *Redes em processos migratórios*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1. São Paulo, 2010.

VIDAL. D. Convivência, alteridade e identificações. Brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo. In: *Migração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

XAVIER. I. R. *Projeto migratório e espaço. Os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo*, Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas. 2010.

\_\_\_\_\_. A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade. In: *Migração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.